



*Espelhos*  
DE  
GELO

RICARDO LUXO

# Espelhos de Gelo

Ricardo Luxo

Copyright 2016 by Ricardo Luxo

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc., nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização do autor.

A meus pais, irmão e família que sempre acreditaram em meu potencial e me apoiaram em minhas conquistas.

# Sumário

- [Capítulo I](#)
- [Capítulo II](#)
- [Capítulo III](#)
- [Capítulo IV](#)
- [Capítulo V](#)
- [Capítulo VI](#)
- [Capítulo VII](#)
- [Capítulo VIII](#)
- [Capítulo IX](#)
- [Capítulo X](#)
- [Capítulo XI](#)
- [Capítulo XII](#)
- [Capítulo XIII](#)
- [Capítulo XIV](#)
- [Capítulo XV](#)
- [Capítulo XVI](#)
- [Capítulo XVII](#)
- [Capítulo XVIII](#)
- [Capítulo XIX](#)
- [Capítulo XX](#)
- [Capítulo XXI](#)
- [Capítulo XXII](#)
- [Capítulo XXIII](#)
- [Capítulo XXIV](#)
- [Capítulo XXV](#)
- [Capítulo XXVI](#)
- [Capítulo XXVII](#)
- [Capítulo XXVIII](#)
- [Capítulo XXIX](#)
- [Capítulo XXX](#)
- [Capítulo XXXI](#)
- [Capítulo XXXII](#)
- [Capítulo XXXIII](#)
- [Capítulo XXXIV](#)
- [Capítulo XXXV](#)
- [Capítulo XXXVI](#)
- [Capítulo XXXVII](#)
- [Capítulo XXXVIII](#)
- [Capítulo XXXIX](#)
- [Capítulo XL](#)
- [Capítulo XLI](#)

[Capítulo XLII](#)

[Capítulo XLIII](#)

[Capítulo XLIV](#)

[Capítulo XLV](#)

[Capítulo XLVI](#)

[Capítulo XLVII](#)

[Capítulo XLVIII](#)

## Capítulo I

### Felicidade

*“A natureza nos mostra todo dia a perfeição! Um cristal de gelo possui a mais linda complexidade em uma estrutura única e efêmera! Assim como ele, somos estruturas únicas e de certa forma, também efêmeras. Você é singular e sua passagem por esta dimensão é momentânea. É difícil, mas faça um grande esforço para passar por ela de forma sutil, porém marcante. De forma singela, porém memorável. Seja lembrada por boas atitudes, cooperação, apoio, educação, alegria, sinceridade, carinho. Assim como o cristal, reflita a luz do sol todos os dias, ilumine o ambiente por onde passar e agradeça a oportunidade de poder estar entre os que lhe são caros, por estar vivo e vibrante. Afinal, diferentemente do gelo, você continuará sua jornada por uma vida inteira, enquanto ele se extinguirá numa belíssima manhã aquecida...”*

Lendo o último parágrafo, ela encerrou o livro naquela língua estranha que passou a compreender e admirar. E nunca imaginou que naquelas palavras, estaria contida sua trajetória de maneira tão clara e resumida. Queria ser daquele jeito e acreditava que tinha feito todo o possível para manter-se sã e equilibrada, apesar de tudo que passara, e que talvez, à sua maneira, tivesse conseguido realmente acender pequenas chamas de amor e bondade à sua volta. Estava feliz. Feliz com o rumo de sua vida e seu futuro. Não havia dúvidas que tinha se transformado em uma mulher forte e destemida. Muito diferente de como havia chegado até ali. E agora, seguiria firme a alegria em seu coração.

Ao longe, podia vê-lo caminhando em sua direção. Seria tudo real? Sim. Era realidade. Não havia como escapar disso. Ele chegou e a beijou e ela olhou em seus olhos profundamente e disse:

“Para sempre me parece pouco! Para a eternidade então, se isso significar mais tempo!”

## Capítulo II

### Sophia

Aquela garotinha nasceu em uma família feliz. Filha caçula de uma médica e um advogado, sua vinda ao mundo foi de intensa alegria para todos. Era a terceira filha. O irmão mais velho, Daniel, já tinha sete anos quando ela chegou e a irmã, Marcia, seis. Por isso mesmo, foi bastante mimada por toda a vida. Sempre protegida, tanto pelos pais como pelos irmãos. Na escola, ninguém ousava mexer com ela, pois sabiam que teriam que se ver com Daniel, garoto grande e forte que jogava um basquete fenomenal. A irmã, Márcia, era bastante determinada também. Amava as artes e a música. Estudava piano e pintava quadros desde pequena. Um pequeno gênio.

Já Sophia era bem delicada. Mais quieta e reservada, preferia assuntos mais intelectuais. Gostava de aprender línguas novas e de resolver os mais complicados problemas e quebra-cabeças. Sempre fora a melhor da sala, enquanto seu irmão não era exatamente exemplo de boas notas. A irmã era boa aluna também, mas Sophia sempre se mostrara excepcional. Não tinha jeito para as artes ou os esportes. Seus maiores triunfos nesse sentido eram praticar yoga e escrever poesias. Fora isso, não se interessava por mais nada nesses campos.

Sua infância fora muito feliz. Os pais tinham ótima condição financeira e proporcionavam à família férias maravilhosas, nas quais podiam estar juntos noite e dia. Cada vez era uma nova surpresa. A mãe era a responsável pelo planejamento, enquanto o pai pelo dinheiro, é claro. As crianças não sabiam para onde iriam e isso fazia das férias algo mais mágico ainda. Esperavam pelas férias de verão ansiosamente, sabendo que algo incrível viria com elas. Uma vez, foram parar em um safári na África. Em outra, numa estação de esqui na Europa. Mas a melhor de todas foi quando visitaram a Escandinávia. Era a primeira lembrança de Sophia de uma viagem que ficou marcada para toda sua vida. Era dezembro, época de Natal, e foram parar na Lapônia para conhecer o Papai Noel. Talvez seus irmãos já não acreditassem mais nisso, mas ela sim. Lembra que ao chegar à pequena casa, viu o trenó e as renas. No céu, uma aurora boreal incrível se movia e ela não sabia o que aquilo era, mas tornava tudo ainda mais mágico. Quando chegou à porta da casinha de madeira, um duende a abriu e ela ficou extasiada. Ao entrar, lá estava tudo que vira nos cartões de Natal, livros ou filmes sobre essa época. Era totalmente perfeito. Cores e sons. Papai Noel sentado na sua cadeira de veludo vermelho. Mamãe Noel também estava lá. Indescritível. Por toda sua vida iria lembrar-se daquele momento que congelou em sua mente como a experiência mais significativa de sua infância. Mas ainda mais porque Papai Noel falou com ela. Seu pai traduzia o que ele falava, pois ela não entendia nada. Sabe que ele lhe disse que ela era linda e que sua vida seria mágica se ela quisesse. Só precisaria ser correta e feliz. Ajudar aos outros e amar e respeitar seus pais. E assim foi. Ela obedeceu aos ensinamentos e apesar do tempo passar, ela continuou a acreditar no que lhe foi dito e foi crescendo cheia de qualidades e princípios que nortearam sua existência para todo o sempre. Sabia

que se seguisse aqueles conselhos seria feliz, só não sabia as dificuldades que a vida lhe traria para tentar desviá-la de seu caminho.

### Capítulo III

#### Menina-moça

O tempo passou e Sophia se transformou em uma moça linda. De cabelos negros como a noite mais escura e olhos azuis intensos do mais belo mar do Caribe, era uma garota estonteante. O olho azul herdou do pai. Os cabelos negros, da mãe. Dona de traços finos tinha uma beleza latina bem sensual, apesar de não saber o quanto o era e não dar importância a isso. Na verdade, por muito tempo, foi uma moleca. Só ao final da adolescência adquiriu uma postura bem mais feminina, deixando para trás aqueles tempos mais rebeldes. Houve época em que até se negara a usar vestidos e saias, por achar que isso não era pra ela. Mas, graças a Deus, isso passou, pois se já era bonita mesmo em roupas de garotos, vestida de mocinha, era deslumbrante.

Sempre fora alvo de brigas entre os meninos sem saber. Entre si, disputavam sua atenção para ver quem ganharia seu coração. No colégio, apesar de não ser popular, pois sempre fora discreta, despertava paixões que duravam anos. A esperança de namorá-la fazia os garotos suspirarem quando ela passava. Mas nenhum obteve sucesso. Nunca foi de namorar e demorou até se interessar por alguém. Seu primeiro beijo somente aconteceu aos quinze anos e foi especial. O garoto, ela conheceu passando férias na praia, na casa de uma amiga. Ele era um pouco mais velho, dezessete. Era amigo do irmão mais velho de sua colega e sua família tinha um apartamento na mesma rua. Ele estava ali na praia, mas todos os dias trancava-se em sua casa para estudar para as provas de admissão na faculdade. Isso a deixou fascinada, pois apesar da idade, era bastante responsável e estudioso. Como ela. E isso era mais interessante do que beleza ou qualquer outra qualidade.

Os dias passavam e ela conversava muito com ele. A conversa sempre era inteligente e fluía de forma natural e agradável. Nunca tivera isso com ninguém. Realmente estava feliz.

Uma tarde, resolveu caminhar pela praia, mas ninguém quis acompanhá-la. Partiu sozinha, pés descalços na beira d'água. Perdida em seus pensamentos, vendo a natureza perfeita ao seu redor, pareceu escutar seu nome ao longe. Parou um instante e procurou de onde vinha o som. Pôde ver seu amigo estudioso caminhando em sua direção. Que grata coincidência! Tudo ganhou mais cor e encanto de repente. Como podia ser isso? Nunca havia se sentido assim. Mas estava acontecendo.

Caminharam por cerca de meia hora até alcançar umas pedras à beira mar de onde se via um lindo por do sol. Sentaram-se ali. Um pouco distante deles, havia um bar cheio de pessoas que acompanhavam aquele momento. Um músico tocava uma melodia em um saxofone que tornava tudo mais especial ainda. Nesse cenário romântico, ele chegou mais perto dela e lhe disse que ela era apaixonante. Deu-lhe um beijo tímido, ao qual ela correspondeu e assim o mundo ficou mais colorido. Durante os dias que se seguiram, viveu seu próprio conto de fadas. Primeiro amor, primeiro beijo, primeiro ciúme. Misturas de sentimentos que sempre lhe faziam sentir mais feliz e viva. Um grande verão!

## Capítulo IV

### Perda

Sophia transformou-se em uma jovem bastante promissora. Foi à faculdade. Na verdade, formou-se em duas ao mesmo tempo. Estudou Relações Internacionais e Relações Públicas. Adorava interagir com pessoas e mais ainda, culturas e costumes diferentes. Acreditava ser uma cidadã do mundo. Amava viajar, conversar em outras línguas. Falava quatro e mais sua língua materna. Era capaz de mudar de uma para a outra automaticamente sem nenhum problema.

Sua família a apoiava em todos os passos que dava e todas as escolhas que tomava. Seu pai era seu maior incentivador. Sempre falava com ele quando tinha alguma decisão a tomar. Ele a ouvia e lhe dava opiniões sem dar respostas definitivas. Ela já estava acostumada com o método que ele aplicava. Na verdade, fazia com que ela desde pequena, sempre tomasse a decisão por si mesma e arcasse com as consequências. Era um modo sábio de empurrá-la para a vida. Para aprender a se defender sozinha e enfrentar o mundo. Fizera isso com os três filhos e funcionara.

A essa altura, Daniel já estava casado e tinha um pequeno bebê. Formara-se em Direito assim como o pai e era um advogado em carreira ascendente. Márcia era artista plástica e possuía um pequeno atelier onde desenvolvia projetos e produtos. Namorava há alguns anos com um ótimo rapaz, mas ainda morava com os pais e a irmã.

Quanto a Sophia, recém-formada, trabalhava em uma empresa de Comércio Exterior, onde começara como estagiária há alguns anos. Agora já era analista. Não era seu emprego dos sonhos, mas por enquanto era uma forma de aprender e se desenvolver. Continuou estudando ao terminar a faculdade, seguindo para um Mestrado de Gestão Estratégica em Relações Públicas.

Sua vida pessoal também ia bem. Namorava Lukas, colega de faculdade que conhecera através de amigos em comum. Ele era dois anos mais velho que ela e se formou em Administração no ano em que começaram a namorar. Lukas era inteligente, inventivo, amoroso e bonito. Atlético, era praticante de esgrima e vela.

Cabelos e olhos castanhos claros, alto e forte. Tudo que ela queria em um homem, encontrara nele. Ele a tratava como uma princesa e todos na família o adoravam. Lukas vinha de uma família conhecida na sociedade, tradicional. Seu pai dirigia sua própria empresa, uma agência de publicidade renomada no mercado. Ao terminar a faculdade de Administração, o rapaz começou a trabalhar na agência e logo depois decidiu fazer um curso de especialização no exterior. Havia ido para Nova Iorque seis meses antes e seu namoro virou algo mais virtual. Nesse tempo, se encontraram duas vezes. Não perderam aquela química que havia entre eles. Conseguiram driblar a distância.

Foi nesse momento, que algo terrível aconteceu. Seu pai não estava muito bem há algum tempo. Já tinha realizado exames, mas nada era diagnosticado. Sentia dores de cabeça e sofrera alguns desmaios, o que

preocupou demais a família. Passou por neurologistas e outros especialistas, mas o diagnóstico era impreciso. No meio dessa busca, o pior aconteceu. Num sábado de manhã em que estava só com seu pai em casa, ela acordou e foi encontrá-lo para tomar o café da manhã. Ele estava sentado à mesa, lendo o jornal em seu laptop. Sua mãe fora ao supermercado. Ela o beijou e sentou-se a seu lado. Tiveram uma ótima conversa sobre a vida. Falaram sobre seguir os sonhos, acreditar em seu potencial, amor à família, filhos, carreira, enfim, uma conversa que todo filho já teve um dia com seus pais e que ficou para toda sua vida. Ela teve esse momento com ele, ali, naquela manhã.

Ao terminar o café, ele pediu licença e disse que iria para a sala de TV, pois se sentia um pouco cansado. Ela lhe disse que arrumaria as coisas na cozinha e já o encontraria. Meia hora depois, foi ao seu encontro. A TV estava em um programa de esportes. O pai, sentado em sua poltrona de couro, estava quieto. No chão, um bloco de notas e uma caneta caída. Ela recolheu o papel e a caneta. No bloco, havia um rabisco bem irregular. Estava escrito “Amo”. Ela achou estranho. Foi até o pai. Sua feição não estava normal. O corpo na poltrona estava rígido. Ela viu na hora que as coisas não estavam certas. Começou a chorar e abraçou o pai. Chamou por ele, sem resposta. O desespero era tão grande que ficou desnorreada. Em meio a soluços e choro, conseguiu ligar para o irmão e pedir ajuda. A ambulância chegou muito rápido e seguiram com ele para o hospital. Mas não havia mais jeito. Ele tivera um AVC fortíssimo. Ela já sabia quando o encontrou, mas tinha uma esperança. Dois dias depois, ele faleceu.

## Capítulo V

### Busca

Os meses seguintes foram de um imenso vazio. Sua mãe perdera o brilho tão rápido quanto os raios de sol que desaparecem de repente em uma tempestade de verão. Mas o brilho do sol reaparece. O dela não. Guardara aquele pedaço de papel com a última palavra escrita pelo marido. Acreditava que ele tentou deixar uma mensagem para ela e seus filhos, mas não conseguiu.

Os filhos estavam preocupados. Ela era médica. Sabia que tinha que enfrentar o acontecimento, mas era difícil. Muito difícil. Não só para ela, mas para todos. As meninas moravam com ela e lhe davam todo o suporte necessário, tentando minimizar a grande perda em sua vida.

Em meio a esse turbilhão de emoções, Sophia buscava uma nova colocação profissional. Vinha fazendo testes e entrevistas há alguns meses, mas sem sucesso. Porém naquela tarde teria mais uma oportunidade. Havia sido chamada para uma dinâmica de grupo em uma empresa multinacional. O desafio parecia interessante. Trabalharia no que mais gostava, Relações Públicas, em uma empresa grandiosa. Claro que começaria modestamente, mas como parte de seu treinamento, existia um estágio de um ano na sede da empresa em Copenhague. Era um sonho. Preocupava-se com a mãe, caso conseguisse o emprego, mas era só mais uma entrevista, nada certo. Foi sem preocupações.

Chegou ao prédio em uma área nobre da cidade. Local requintado. Foi à recepção e a encaminharam para uma sala de reuniões. Lá já estavam alguns concorrentes. Os homens estavam de terno, as mulheres na maioria de tailleur e saia. Ainda bem que ela resolvera ir mais ao estilo social. Portava uma calça preta de seda e uma camisa branca bem sofisticada com alguns babados na gola. Cabelos presos em um coque destacavam ainda mais seus lindos olhos. Estava à altura.

Todos na sala, uma funcionária chegou e distribuiu alguns questionários para preencherem. Perguntas básicas como sempre. Depois cada um se apresentou e começaram as situações para analisar as personalidades e perfis de cada um. Foram três horas de análises. No final, lhes disseram que entrariam em contato após uma semana para entrevistas pessoais.

Sabia que havia se saído bem, mas não havia como saber se seria chamada ou não. Mas foi. Ligaram dizendo que faria uma entrevista com a gerente da área no dia seguinte.

Na hora certa, lá estava ela. Desta vez, conseguiu observar melhor o ambiente, pois no primeiro dia estava muito nervosa. A empresa ocupava três andares de um prédio altamente tecnológico. Devia haver duas centenas de funcionários trabalhando lá. Ouvia-se muita gente falando dinamarquês, pois a empresa tinha essa origem. Não conseguia compreender o que falavam, mas algumas palavras lhe recordavam algo do alemão, apesar de não ser compreensível. Prometera a si mesma que caso entrasse nesse emprego, essa seria sua próxima língua a aprender.

Havia gente de várias etnias, afinal a empresa era uma potência mundial em sua área de tecnologia.

Possuía escritórios em cerca de 40 países pelo mundo e a matriz ficava em Copenhague. Nunca visitara essa cidade, apesar de lembrar-se de passar pela Dinamarca quando conheceu o Papai Noel na infância, na Finlândia.

O escritório era maravilhoso. Pessoas bem apessoadas desfilavam por ele em seus trajes cosmopolitas. Ela gostaria de fazer parte daquele mundo. Com certeza seria bem melhor do que o emprego no qual estava atualmente.

Finalmente foi chamada para ser entrevistada. Entrou na sala e deparou-se com uma mulher loira, elegante, vestida em um *tailleur* azul marinho. Portava um broche lindíssimo em formato de estrela em sua lapela. Tinha uma postura impecável.

A entrevista era toda em inglês. Como Sophia falava inglês quase como uma *native speaker*, não havia a menor dificuldade. As perguntas iniciais transcorreram sobre a sua trajetória educacional e profissional. Em seguida, lhe foram apresentadas algumas situações para que explicasse como agiria frente às mesmas. Por fim, lhe perguntou sobre a ida para a sede da empresa para o treinamento, caso fosse escolhida. Ela disse não haver problema algum, mas no seu íntimo sabia que isso a colocaria longe de Lukas novamente. Ele, aliás, estava prestes a voltar.

A entrevista terminou e Sophia sentia que tinha ido bem, mas não havia nenhuma garantia de que seria escolhida. Novamente iria para dias de espera. Aguardar uma resposta de emprego pode ser bastante angustiante. Ela conhecia esse sentimento.

## Capítulo VI

### Reflexões

Os dias seguiram. A resposta não chegava e Sophia até que não via um problema tão sério assim caso não fosse admitida. Apesar de uma grande oportunidade, e o sonho de viver no exterior por um período de tempo, que era algo que ela gostaria de experimentar, ficava dividida por ter que deixar sua mãe em um momento ainda delicado pela falta do pai. Também não sabia se seu relacionamento com Lukas sobreviveria a mais uma ausência, apesar de amá-lo. Nos últimos meses, ele tinha voltado mais uma vez para vê-la, mas ela não o sentia mais tão próximo. Não sabe se algo havia mudado nele, ou se ela que começava a questionar seu sentimento. Ele estava mais quieto, mais reservado. Havia lhe perguntado se algo estava acontecendo, mas ele disse que não. Na semana que ficou com ela, foi amável, dedicado. Divertiram-se, fizeram uma pequena viagem, mas ela sentia certa instabilidade. Não quis ser aquela a encontrar problemas onde não havia, então resolveu não discutir o assunto. Não queria ser a chata. Melhor curtir os bons momentos. Logo ele retornaria e certamente tudo voltaria ao normal. Mas ela se cobrava pela possibilidade de ir embora novamente. Mas não tinha nada confirmado, então para que sofrer na véspera? Precisava pensar menos nisso.

Para relaxar um pouco, resolveu fazer a noite das meninas em casa. Avisou a mãe e a irmã que iriam jantar juntas, assistir um filme, conversar sobre a vida. Dessa forma, tentaria animar a mãe com a ajuda da irmã.

Na hora certa, estavam as três na cozinha para preparar o jantar. Fariam um prato que necessitava da participação de todas. Assim teriam que ficar juntas o tempo todo. Para acompanhar, uma taça de vinho branco para cada uma para começar. A receita era simples, mas uma das preferidas da família, um *fricassé* de frango. Uma cuidava de desfilar o frango, a outra de preparar o arroz para acompanhar e a terceira de montar o fricassé e cuidar do forno.

Também prepararam uma mousse de maracujá com chocolate para sobremesa. A conversa corria solta. Sua mãe estava de bom humor e não se mostrou triste nessa noite. Várias conversas foram surgindo, boas lembranças do passado, histórias de quando eram crianças, brigas, namorados, família. Enfim, o jantar foi regado a ótimos assuntos em um bom astral. A sobremesa estava uma delícia também e ainda tinha um filme para assistirem no sofá debaixo do cobertor. A sessão de cinema foi coadjuvante, pois não conseguiam parar de conversar sobre os mais variados assuntos. Por fim, sua mãe lhes disse que havia sido uma noite animada, uma das melhores de sua vida e que fazia tempo que não tinha um momento de satisfação como aquele. Disse que as amava demais e que não se preocupassem com ela, pois sabia que eram lindas e jovens e que deviam viver suas vidas. Ela já tinha tido muitas oportunidades e tinha aproveitado todas elas. Na verdade, ela se preocupava com a possibilidade de suas filhas não seguirem adiante por causa dela. Quis deixar bem claro que ela era independente e estava determinada a voltar à

ativa. Nunca seria um obstáculo para a felicidade de ninguém.

Sophia e Márcia sentiram-se melhor em ver sua mãe reagindo e seus medos em relação ao futuro das três começaram a se dissipar.

O filme acabou, dormiram na sala como quando eram pequenas e brincavam de acampar dentro de casa. Na manhã seguinte, seria difícil conviver com as dores no corpo, afinal não eram mais crianças e isso ficou bem claro.

## Capítulo VII

### Conquista

Segunda-feira novamente. Sophia seguiu para o trabalho como sempre. Chegou cedo, pois teria uma reunião importante logo pela manhã. Arrumou tudo, preparou as pastas, relatórios. Era muito dedicada e todos gostavam dela na empresa. Ela também gostava do que fazia, porém não via muita chance de crescimento ali. A empresa era familiar e, apesar de estar em crescimento, demoraria a ter uma oportunidade maior. Por isso buscava outro local.

A reunião correu bem e ao final, todos saíram para o almoço. Nem bem havia cruzado a esquina, seu telefone tocou.

“Sophia?” falou a voz de uma mulher do outro lado da linha.

“Sim!” respondeu

“Aqui é da Søstjerner Holding.”

Seu coração deu um sobressalto. Era da multinacional onde havia feito a entrevista na semana anterior. Se estavam ligando, devia ser boa notícia.

“Você foi selecionada para a entrevista final do processo seletivo em que está participando. Poderia vir aqui amanhã para conversar com nosso *Country Manager*?”

Claro que iria. Era tudo que queria e estava chegando perto do desfecho. Acreditava muito que iria conseguir. Combinou o horário com a moça ao telefone. Dessa vez foi possível ser ao final da tarde, assim não sairia no meio do expediente, dando margem a desconfianças no escritório.

No dia seguinte, estava ansiosa. Passou o dia com sua concentração um pouco alterada, o que rendeu algumas brincadeiras dos colegas. Estava um pouco mais maquiada que o normal e bem arrumada, e isso também gerou comentários sobre namorados e encontros à noite. Teria um encontro sim, mas não com o namorado. Simplesmente com a pessoa que dirigia a empresa no país. O diretor sempre gostava de dar a palavra final, então ela teria que impressionar. Seu currículo ainda não era muito extenso, mas havia estudado nas melhores faculdades e tinha uma carreira equilibrada. E a posição não requeria senioridade. Mesmo porque havia o tal treinamento para se desenvolver na área de atuação. Tudo muito bem estruturado. A empresa era um sonho de consumo pela reputação de seus funcionários no mercado. Investia muito em treinamentos e desenvolvimento e isso faria dela uma ótima profissional. Iria se dedicar ao máximo àquela entrevista. Ia conseguir o emprego.

Na hora marcada, estava na antessala do diretor. A secretária o avisou e ele mandou que entrasse. Ele era estrangeiro também. Na verdade, os *Country Managers* costumavam vir da matriz da empresa em todas as localidades onde havia subsidiárias. Era um homem altíssimo, cabelos loiros platinados, na faixa de cinquenta anos de idade, lindos olhos azuis. Dava para dizer de onde vinha com certeza.

Foi bem solícito. Cumprimentou-a e disse que sentasse. Começou falando de amenidades, sobre o tempo,

se havia enfrentado muito trânsito. Enfim, deixou-a bem à vontade. Comentou sobre seu currículo e pediu que lhe dissesse sobre suas experiências profissionais. Disse que a gerente da área havia gostado muito dela e que ele somente queria conhecê-la para que pudessem chegar a uma conclusão. Fazia assim com todos que contratava. Elogiou-a pelas línguas que falava e brincou, dizendo que se viesse a trabalhar na empresa, já teria mais uma para aprender, dinamarquês. Ela se sentiu muito bem e gostou muito da conversa. Ao final, ele lhe perguntou quando estaria disponível para começar, caso fosse escolhida, ao que respondeu que dentro de uma semana pelo menos, para deixar tudo em ordem em seu emprego atual. Despediram-se e ele lhe disse que receberia uma ligação com a resposta, fosse ela positiva ou negativa, até o fim da semana.

Ela saiu de lá renovada. Sentindo-se confiante. Caso viesse a trabalhar ali, sabia que seria feliz. Sentia uma atmosfera leve e de respeito naquela empresa. Precisava ser ela. Tinha que ser escolhida. Foi para casa e dormiu muito bem naquela noite.

No dia seguinte, nada aconteceu. Nem no outro. Estava ficando ansiosa novamente. E se não tivessem gostado dela? E se já tivessem escolhido outra pessoa? E se, e se? Tudo passava em sua mente, não conseguia parar de pensar nisso.

Na quinta-feira logo cedo o telefone tocou. Reconheceu o número na hora. A mão tremia, o coração batia acelerado. Atendeu e dessa vez a voz era diferente:

“Sophia?”

“Sim!”

“Bom dia! Estou lhe ligando em nome da Søstjerner para lhe dizer que você é a pessoa escolhida para a vaga. Trabalho no Departamento de Recursos Humanos e tenho uma lista de documentos para te solicitar. Parabéns! Você está dentro!”

“Sim! Sim! Estou! Muito obrigada!”

Sonho realizado. Ela sabia. Sentiu que daria certo. E deu.

## Capítulo VIII

### Dúvidas

Passou o dia nas nuvens. Chegou em casa e abraçou a mãe com a maior alegria. Já havia enviado uma mensagem pra ela contando o que acontecera. A mãe ficou muito feliz e a aguardava ansiosa. A irmã também já havia chegado. Abriam um champanhe para comemorar. Que bom! Sentia-se plena e satisfeita com o novo emprego.

Por outro lado, havia várias coisas a fazer. Precisava comunicar a saída à empresa em que trabalhava e providenciar os documentos para entregar no RH. Mas isso seria fácil. O que a afligia era o futuro próximo com a saída do país. Iria para a Dinamarca após as festas de fim de ano. Teria ainda cerca de três meses para isso acontecer, porém já se preocupava com a ideia de deixar sua mãe aqui e com a reação de seu namorado, que estava prestes a retornar de seu curso no exterior. Seria difícil administrar essas duas situações, mas daria um jeito.

Resolveu ligar para Lukas para contar a novidade. Ele sabia que ela estava realizando várias entrevistas e que logo poderia conseguir algo, mas não haviam discutido sobre a possibilidade dela mudar de país, assim como ele havia feito. O telefone chamou. Ele atendeu.

“Oi, amor, tudo bem?”

“Tudo ótimo! Consegui o emprego!”

“Uau! Que ótima notícia! Parabéns! Quando começa?”

“Acho que dentro de uma semana! Estou tão feliz! Queria que você estivesse aqui comigo! Mas logo você estará de volta e aí comemoramos juntos. Não vejo a hora de ter você aqui de novo.”

Fez-se uma pequena pausa do outro lado da linha. Até que Lukas falou:

“Bem, minha programação é retornar em um mês, mas preciso te dizer uma coisa. Ofereceram-me um emprego aqui.”

Ela gelou. O que? Ele talvez nem voltasse mais. O que estava acontecendo com esse relacionamento? Respirou, tomou coragem e falou:

“Nossa! Isso é fabuloso, mas o que você está pensando em fazer?”

“Não sei ainda. Meu pai gostaria que eu voltasse para a agência, mas a proposta é para trabalhar numa ótima concorrente aqui e isso pode significar uma futura parceria para a empresa também. Preciso pensar direito.”

“Bem, já que entramos nesse assunto, também preciso te dizer uma coisa. Meu novo emprego tem um treinamento na Dinamarca de cerca de um ano como parte de meu programa de desenvolvimento. Então acho que essa informação talvez seja importante para você nesse momento.”

“Por que não me disse antes?”

“Porque nem sabia se seria contratada...”

“Caramba! Acho que não consigo processar tudo isso de uma vez...”

“Nem eu. Quando tem que dar uma resposta sobre o emprego?”

“Ainda tenho quinze dias para decidir.”

“Bom, então temos algum tempo. Vamos analisar a situação.”

“Ok.”

Falaram sobre outros assuntos sem importância. Nenhum dos dois falou mais sobre o que os atormentava naquele momento. Não estavam prontos para discutir sobre isso.

Naquela noite, Sophia pensou em todas as situações e combinações possíveis para continuarem aquele relacionamento. Porém, já havia sentido Lukas distante da última vez em que estiveram juntos. Será que ele já sabia algo sobre essa oferta e escondera dela? Ou havia algo mais? Milhões de questões iam e vinham em sua mente. Estava exausta. E triste. Ela o amava muito, mas não tinha certeza se teriam um futuro.

## Capítulo IX

### Balanço

Nos dias que se seguiram, Sophia tomou todas as providências para a saída do emprego e início no outro. Finalmente chegou o dia e começou confiante. Sentiu-se muito bem no novo desafio e estava muito feliz com as novas possibilidades que se abriam perante seus olhos.

O pessoal do escritório era bastante animado e bem mais jovem que seus colegas de trabalho anteriores. Seria mais fácil enturmar-se ali, pois estava na faixa etária da maioria dos colegas de departamento. Assim como ela, havia alguns novos funcionários de outras áreas que também faziam parte do mesmo programa. Entre eles, Diana, que viria a ser sua melhor amiga ali dentro. Diana era advogada e também iria para a matriz no início do ano. Era loura, olhos azuis, alta, e mais tarde descobriu que tinha mãe dinamarquesa, daí suas características tão nórdicas. Aliás, falava o idioma fluentemente, e isso seria bom quando chegassem à sua nova casa. Com certeza tudo ficaria mais fácil, mesmo porque Diana possuía parentes lá e conhecia bem o país. A cada dia, uma novidade no escritório e um aprendizado maior. Não tinha do que reclamar, pois realmente estava aprendendo como nunca.

Quanto à vida pessoal, Lukas estaria de volta em uma semana para uma pequena visita, porém não viria em definitivo. Ele havia aceitado a oferta de emprego, o que a tinha deixado triste, mas não podia condená-lo, afinal também viajaria. Ele argumentou sobre isso quando voltaram a discutir sobre o assunto e lhe disse que o ano seguinte seria um ano de grande teste para ambos. Quanto a ela, já não tinha tanta certeza sobre o que seria deles dali pra frente. Com a volta dele, teriam algum tempo para conversar e tomar algumas atitudes. Afinal, era preciso definir certas coisas. Não dava para continuar ignorando a reviravolta que suas vidas estavam tendo e isso afetava diretamente seu relacionamento. Porém, tentavam tapar o sol com a peneira e deixar a vida correr, apesar de saberem que seria complicado manterem-se juntos.

Em casa, sua mãe havia melhorado da depressão, o que a deixava muito feliz. Já conseguia esboçar sorrisos e tentava transparecer alguns momentos de alegria. Talvez agisse assim para tranquilizá-la, mas no geral, parecia realmente que estava melhor. Márcia também sentia essa mudança e isso deixava Sophia mais confiante. Aliás, sua irmã já havia lhe garantido que nada mudaria durante o ano em que estivesse fora, pois continuaria a morar com sua mãe, visto que não tinha planos de casar-se ou ir morar com o namorado no ano seguinte. Isso era um alívio para ela. Quanto ao irmão, Daniel, tudo ia bem também. Ele, a esposa e o pequeno bebê tinham se mudado para um novo apartamento, inclusive mais perto do delas, o que também favorecia tudo. O pequeno sobrinho Douglas era uma luz que iluminava sua família e ajudava à avó a reagir ainda mais rápido. Amava demais seu netinho e sua nora, Ingrid, se dava muito bem com ela, o que era ótimo, pois assim tinha acesso ao pequeno sempre que queria, sem maiores ressalvas ou rusgas que existem às vezes em relação às sogras. Enfim, o mosaico que se montava era

muito promissor para que Sophia pudesse manter seus planos sem maiores preocupações.

## Capítulo X

### Sensações

Era sexta-feira e Lukas estaria de volta no dia seguinte. Ela já experimentava aquele desconforto normal à situação em questão, pois sentia que teriam uma conversa definitiva. Queria negar isso pra ela mesma, mas no fundo não via grandes possibilidades de encontrarem um meio de continuarem juntos. Teria mais uma noite mal dormida, esperando o dia seguinte chegar. Sua taxa de ansiedade estava no mais alto grau. Prometera buscá-lo no aeroporto.

Pela manhã, já estava postada em frente ao portão de desembarque. Vestia um jeans com camiseta, cabelos presos em um coque, maquiagem suave. Tudo muito simples e isso só realçava ainda mais sua beleza.

Com meia hora de atraso, o avião pousou. Cerca de quarenta e cinco minutos depois lá estava ele saindo pela porta. Seu coração bateu forte quando o viu. Como o amava. Ele era lindo e gentil. Abriu um grande sorriso ao vê-la e acelerou o passo. Não trazia muita bagagem, visto que retornaria em breve, o que facilitou sua corrida. Abraçaram-se forte e ele lhe deu um beijo quente e macio. Como sentia falta desse toque. Não sabia por que, mas parecia que tudo estava mais intenso desta vez. Com certeza a ideia de perdê-lo causava essa sensação.

Ele, por outro lado, sentiu-se em casa nos seus braços. Como adorava aquele perfume. Ela era muito importante em sua vida. Antes dela, nunca assumira nenhum relacionamento mais sério. Vivia rodeado de belas mulheres, mas eram passageiras, diversão. Quando a viu pela primeira vez em uma festa da faculdade, correrá até ela com a intenção de se dar bem por mais uma noite, mas ela não facilitou em nada seu objetivo. Não ligou muito pra ele e cortou qualquer investida para ficarem juntos. Ele era bem sedutor, mas ela sabia se defender muito bem. E foi o que fez.

Ele não desistiu. Como tinham amigos em comum, passaram a se ver mais, mas ela sempre o mantinha em seu lugar. Com o tempo, começou a achar qualidades nele e ele, por outro lado, não a via mais como um troféu. Gostava dela e interessava-se por suas ideias e planos. Foi somente depois de alguns meses que se convenceram que poderiam ter algum êxito como namorados. Ele a chamou para jantar, foi educado, galante. Foi uma noite de muitas conversas, coração aberto, sentimentos revelados e assim a conquistou. Ela não era mais uma. Ela era única.

Ele não acreditava no que lhe acontecia. Estava se transformando num rapaz sério. E ela se gabava de ser a autora de tal mudança. E assim passou-se o tempo. A paixão cresceu, aumentou, a distância veio, o namoro virtual tomou lugar, e agora parecia que viveriam assim.

“Que saudades!” disse ele em seu ouvido. Ao que ela respondeu:

“Como é bom abraçar você!”

Ficaram assim por alguns instantes. Sentindo aquele calor irradiar-se por todo seu corpo. Aquilo era

bom. E forte. Não dava para negar.

Saíram do aeroporto e ela o levou pra casa. Morava com os pais e lá o esperavam com um almoço para comemorar o emprego novo. Foi uma tarde feliz em família. Saiu de lá à noite e combinaram de passar o domingo juntos. Ele a pegaria antes do almoço. E assim se despediram com um longo beijo.

## Capítulo XI

### Decisões

No dia seguinte, lá estava ele na hora prometida. Fez questão de descer para cumprimentar a sogra e Márcia. Elas gostavam muito dele e ele também sentia falta delas e dos almoços de domingo, onde o sogro vivia a perturbá-lo com piadas de gosto duvidoso. Mas ele gostava muito do sogro, que o considerava como um filho. Sentiria muita falta dele.

Entraram no carro e seguiram para o *Yacht Club*. Lukas vinha de uma família que adorava velejar. Sophia aprendeu com eles e gostava bastante. Na verdade, antes dele partir, passavam horas na água, pois isso os desestressava. Era como uma terapia e com certeza seria uma boa opção para aquele dia de grandes decisões.

Chegaram ao clube, prepararam o barco e começaram a deslizar pela água. Era um dia de sol, céu azul, brilho dourado na superfície. Como ela sentira falta daquilo. Daqueles momentos com ele, nos quais eram um casal, uma equipe, um só. Se um fizesse algo errado, o barco perdia o rumo, assim como suas vidas. Ela gostava dessa metáfora, porém hoje não. Das outras vezes, não tinha medo de perdê-lo, mas agora sim, e tudo tomava uma dimensão diferente e difícil. Durante o passeio, falaram da vida, dos estudos, trabalho, objetivos. Mas não falaram sobre os dois juntos. Essa pauta só aconteceu depois que almoçaram e seguiram para debaixo de uma árvore à beira da lagoa.

Lukas começou:

“Eu te adoro!”

Falou com uma verdade que se sentia no tom da voz. Ela até ficou surpresa com a honestidade.

“Nossa! Eu também adoro você.”

E continuou:

“Estou aqui pensando em nosso futuro. Eu amo você, Lukas. E sei que gosta de mim. Mas, como ficamos agora? O que será de nós?”

“Eu também te amo. Você não sabe como foi difícil ficar esse tempo fora. Quando me ofereceram o emprego, fiquei meio depressivo até, pois sabia ser uma grande oportunidade, mas me afastaria de você. Pensei em lhe propor para vir morar comigo... Mas aí você arrumou o trabalho e o estágio no exterior. Não posso ser egoísta a esse ponto.”

“Eu concordo com você que isso é importante para mim, mas fico muito feliz em ouvir que você pensou nessa possibilidade. Eu senti você distante. Achei que estava perdendo o interesse por mim. Que tinha outra. Não sei...”

“Eu não sei como resolver isso. Você tem alguma ideia?”

“Não. Mas eu sei que não será fácil. Ao mesmo tempo em que quero você inteiro pra mim, acho injusto prendê-lo a mim, por mais que doa. Não acho que você será capaz de não se envolver com alguém nesse

tempo. Desculpa! Não estou dizendo que você vá fazer isso, mas estou lutando comigo mesma para te liberar desse relacionamento. Prefiro você livre para viver o que quiser do que atrelado a mim e fazer algo secretamente que destrua tudo que sinto por você.”

Falou isso com uma angústia visível, porém tentou ser firme.

“Você está terminando comigo? Eu te amo. Não quero ficar sem você, mas tudo que me disse, sinto que pode acontecer com você também. Não somos crianças. As tentações estão em toda parte. Mas acredito que podemos vencer tudo isso. Eu nunca senti o que sinto por você.”

Os dois estavam muito emocionados e tristes. Abraçaram-se e ficaram em silêncio por cerca de cinco minutos. Ela falou:

“Eu te quero inteiro. Eu quero ser sua por inteiro. Eu te libero e espero que você me libere. Isso não quer dizer que é o fim. Apenas que teremos um ano para ter certeza se é o que queremos. Por mais que me doa, prefiro assim. Depois disso, nos sentamos e conversamos. Seremos amigos a partir de agora, mas não seremos amantes.”

Ele a aconchegou no seu peito e falou:

“Você está livre, amor da minha vida.”

## Capítulo XII

### Recomeço

O dia foi intenso, forte, exaustivo. No final do domingo, Sophia já em seu quarto e só, chorou muito. Ela se espantara com a própria decisão de deixá-lo ir. Não sabia como tinha feito aquilo, mas sabia que sofria e que isso demoraria a passar. Ele a amava, ela tinha certeza disso. E ficara feliz em ver tanta sinceridade em seus olhos. Seriam simplesmente tristes demais para ela os próximos meses e tinha certeza de que seria tentada a jogar tudo para o alto e ir ao seu encontro em Nova Iorque, mas ela não faria isso. Tinha que pensar na sua carreira e na oportunidade que tinha surgido para ela. Mas não ia ser fácil. Estava realmente sentindo-se destruída. E assim ficou por vários dias.

Durante a semana em que ele esteve na cidade, viram-se mais duas vezes, mas reforçando o adeus que tinham combinado. Foi desafiador para ela pensar que a partir da volta dele para os EUA, tudo estaria resolvido. Racionalmente ao menos.

No último jantar, ele chegou com um pequeno presente. Ela perguntou por que e ele lhe disse que abrisse primeiro e ele lhe explicaria. Ela pegou a pequena caixa de veludo preto. Era uma caixa de joia, mas ele nunca havia lhe dado uma e agora não seria o melhor momento para isso. O que teria dentro? Ao abrir, as luzes do restaurante brilharam naquela peça magnífica. Não era uma joia, mas uma peça cravejada de cristais luminosos. Era um pingente em forma de um cristal de gelo, belíssimo. Ela o pegou e colocou na hora em sua corrente de prata. Ficou perfeito. Então perguntou novamente:

“Por que um presente? Por que este?”

“Eu pensei muito no que poderia lhe dar e se devia fazer isso. Na verdade, não sei se é a hora certa ou não, mas segui meu coração. Você vai para um país nórdico e andei estudando um pouco de sua mitologia. Diz-se que a nona runa, chamada Hagal, cujo nome talvez tenha se originado de um Deus, hoje esquecido, representa por sua posição o modelo dos nove mundos da cosmologia nórdica, que é sintetizado na forma geométrica do floco de neve. Ele representa todos os aspectos congelantes da água que prejudicam a colheita. São situações fora de controle que destroem, mas criam condições para a transformação e um novo desenvolvimento. Assim, com a destruição abre-se passagem para aquilo que pode vir a ser. Assim como eu e você. Com este fim, abre-se a possibilidade de um recomeço ainda maior e melhor, através de nossas transformações e buscas pessoais.”

Quando ele terminou, Sophia derramava pequenas lágrimas doloridas de seus olhos azuis. Ela estava triste. Sim, estava. E muito. Sua vontade era correr dali para não deixar que ninguém visse seu sofrimento. Mas ela não fez isso. Somente o abraçou e disse:

“Obrigada. Estará comigo aonde for nessa minha jornada. Será meu amuleto protetor.”

Sentia-se grata por estar viva. Não tinha importância estar com ele ou não amanhã. Importava o que vivera até ali. O que ele representava para ela e tinha consciência plena de que muitas pessoas nunca

passariam por isso. Ela recebera um presente divino, mesmo se não fosse eterno. Ela sabia o que era amar e ser amada.

Assim foi sua despedida. Carregava consigo um pedacinho de amor, na forma de um cristal de gelo, frio e sem emoção, mas que também era lindo e único, como seu amor, como a história de Sophia e Lukas.

## Capítulo XIII

### Preparativos

Os dias foram passando, transformando-se em meses. Nesse meio tempo, ela foi se acostumando à ideia da partida em janeiro. Começou a comprar roupas de frio, afinal estaria no auge do inverno quando chegasse lá. Já havia viajado no inverno, mas era só por alguns dias e era uma grande diversão. Agora, seria diferente. Teria que estar preparada física e psicologicamente para tempos mais sombrios e congelantes. Menos sol todos os dias poderia deixá-la um pouco depressiva. Estava preocupada com isso. Por outro lado, estava animada com a perspectiva que se abria e isso era único. A empresa já cuidava de sua movimentação e dos outros funcionários do programa para o novo país, providenciando vistos, permissão de trabalho e demais documentos. Como a empresa era muito conceituada por lá, tudo isso se resolvia com certa facilidade. Inclusive já sabia onde ia morar: em um apartamento funcional próximo à sede da empresa. Esses pequenos apartamentos eram designados para funcionários que visitavam a sede ou vinham para treinamentos e eram para duas pessoas. Sua colega de apartamento seria Diana. Já tinham combinado tudo e estavam super contentes em morarem juntas. Afinal, tinham se tornado amigas mais íntimas nos últimos tempos, dividindo alguns segredos inclusive. Entendiam-se muito bem e uma já sabia o que a outra pensava sobre algo antes mesmo de conversarem a respeito. Tinham uma grande afinidade e seria um prazer passar essa temporada juntas.

A grande festa de final de ano da companhia estava chegando. Era um grande evento e elas resolveram ir a um salão de beleza para fazer um trabalho geral, afinal não sabiam se conseguiriam fazer isso no novo país, pois era bem mais caro. Como viajariam logo no início do mês, resolveram fazer tudo que tinham direito. Pegaram um sábado e lá foram elas para um *Day Spa*.

“Não vejo a hora de chegar lá. Estou precisando tanto de um dia de relax!” falou Diana.

“Nem eu! Além do que não tivemos tempo para cuidar de nossa beleza ultimamente, não é mesmo? Quero cortar o cabelo, fazer umas luzes e tudo que tenho direito!” respondeu Sophia animadíssima.

Durante o dia teriam uma maratona digna de um atleta: massagens, banhos relaxantes, corte de cabelo, tintura, chá da tarde, unhas, sobrancelhas, depilação, etc. Horas e mais horas de pura alegria.

No meio da maratona, chegou a hora do chá.

“Então, Sophia, já pensou quem vai beijar na festa da empresa?”

“Você tá louca, Diana? Não vou beijar ninguém!”

“Não me diga que vai virar uma noviça e ficar esperando pelo Lukas...”

“Não vou, mas não estou pronta para beijar ninguém!”

“O Alex e o Matt são bonitinhos e parece que gostam de você!”

Alex e Matt eram dois amigos que também iriam para o programa de treinamento. Sophia gostava deles, mas nunca pensara nisso.

“Para Diana! Nem Alex nem Matt! Me deixa em paz!”

“Não precisa casar! É só pra você não esquecer como é!”

Deram boas risadas durante a tarde toda. Foi muito bom ter aquele tempo divertido. Ao terminarem a saga da beleza, foram para a casa de Diana para ver o que ela iria usar no dia da festa. Diana tinha muita roupa. Um vestido mais lindo que o outro. Ela disse a Sophia que se gostasse de algo, podia usar no dia. Sophia tinha vestidos bonitos também, mas brincou de experimentar alguns com a amiga. Como tinham altura e peso similares, tudo servia tranquilamente. Diana testou uns seis vestidos diferentes até que um deles, o cinza com bordados que refletiam a luz, ficou perfeito. Era esse.

Sophia experimentou uns três vestidos também. Até que chegou a um azul que combinava com seus olhos. Quando o colocou sentiu a aura especial que aquela combinação lhe deu. Ela se sentiu iluminada. Diana falou:

“Amiga! Você arrasou! Olha pra você! Não diga que não vai usar esse vestido no dia! É uma ordem! Pode levá-lo!”

Ela aceitou. Ficou realmente linda. A festa seria no meio da semana, então lá foi ela pra casa com o vestido embaixo do braço.

## Capítulo XIV

### Festa

Dia de festa. No escritório a concentração estava baixa nesse dia, afinal a festa de fim de ano da empresa era um acontecimento esperado por todos. Era sempre um grande evento, realizado em um lugar especial, somente para os funcionários. Era muito glamour, com as melhores bebidas, comidas e atrações. Além disso, eram sorteados presentes e viagens. Todos recebiam uma lembrança por estarem ali. Enfim, era um investimento altíssimo, mas que a empresa tinha prazer em oferecer a seu staff, pois eles eram os responsáveis pelo sucesso mundial da companhia. E naquele ano, a empresa teve ótimos resultados mais uma vez. Era a líder em seu segmento principal novamente, com direito a reconhecimento e prêmios em vários locais do mundo.

Todos foram liberados mais cedo para terem tempo de ir pra casa se arrumar e seguir para a festa. Diana e Sophia foram juntas de carro. O local era bem inusitado: um prédio dos anos 20 no centro da cidade com uma fachada Art Déco. Ninguém entendeu direito como seria aquilo, mas com certeza seria bom, pois as festas da Søstjerner Holding eram famosas.

Antes mesmo de chegarem ao local, já dava para ver canhões de luz iluminando o céu e fachadas dos prédios da região. Na frente do edifício, havia carros antigos estacionados e atores vestidos com roupas de época, recebendo os convidados. Inclusive os *valets* estavam totalmente caracterizados. Havia uma trilha sonora ao fundo também. Todos os convidados eram levados por um corredor comprido através do hall, que estava muito bem iluminado. Havia um tapete vermelho no chão, é claro, e mobília do início do século. Um fotógrafo com uma máquina fotográfica antiga, daquelas que produziam uma pequena explosão, tirava fotos dos convidados. Claro que alguns souvenirs dos anos 20 eram fornecidos para dar clima à foto. Além disso, um ator e uma atriz caracterizados serviam de moldura. Seguindo adiante, o caminho levava a elevadores antigos com vários detalhes de madeira e metais dourados. Eram daqueles elevadores com sanfonas de metal para fechar e abrir. Grupo formado, o ascensorista fechava a porta e subia em direção à cobertura.

A porta abria novamente e *voilà!* Chegamos aos Anos 20!

A cobertura era uma mansão e não um apartamento. Era um casarão sofisticado e enorme que servira de residência para o barão que construiu o edifício. Não soubéssemos que estavam na cobertura, seria muito crível estar numa mansão em uma rua chique qualquer. O hall de entrada era todo em mármore e possuía escadas curvas nas laterais que levavam para a parte superior. Tudo estava à meia luz, em tons de laranja e lilás, suavizando o ambiente. Muita madeira, veludo, e flores criavam um ambiente de outra época.

Seguindo em frente, entrava-se no salão principal, imenso, com mesas de jantar para dez pessoas cada, com arranjos florais. Castiçais com velas belíssimos, um palco com um conjunto de cordas que tocava músicas suaves, lustres de cristal. Que deslumbre! Atrás do palco, saídas para os terraços, que possuíam

uma cobertura transparente para o caso de chover. Lá fora havia um sistema de iluminação e outro palco com equipamentos de um DJ para a balada que ia rolar mais tarde. A vista da cidade à noite era deslumbrante. Além disso, havia alguns artistas com atrações circenses dos anos 20. Números de mágica, outros com fogo, acrobacias, ciganas. Só faltou a mulher barbada. Realmente era uma festa de se tirar o chapéu. Linda!

Quando chegaram, o local já estava bem lotado. Logo se anunciou que o jantar seria servido e que todos deviam sentar-se. Sophia e Diana sentaram-se com seus colegas de viagem. Toda a turma de novatos em uma mesma mesa.

Como era de praxe, antes do jantar ser servido, o *Country Manager* fazia um discurso de agradecimento sobre o que havia acontecido naquele ano. E fazia algumas previsões para o ano seguinte. Desta vez, ao final chamou ao palco Erik Thorsen, alto executivo da matriz que estava visitando a empresa naquela semana. Erik era um homem alto, louro, olhos azuis, pele bronzeada na faixa dos quarenta anos. Algo que as garotas costumam chamar de um deus grego. Diana já o havia visto pelos corredores da empresa, mas Sophia não. Ficou impressionada com sua beleza, como todas as outras, mas não passou disso. Ele fez seu discurso e o jantar foi servido.

Ótima comida e bebida. Tudo estava perfeito. Ao fundo, o conjunto tocava músicas tranquilas que combinavam perfeitamente com o jantar. Na sobremesa, seguiram-se os sorteios com direito a subir ao palco para buscar das mãos dos dirigentes da empresa. Não é que Sophia ganhou? Foi sorteado seu número para receber uma pulseira de ouro. Prêmio bastante cobiçado por todos, mas que ganhou dimensão maior porque seria entregue por Erik.

“Sophia, te pago o dobro do valor da pulseira se me deixar ir buscar...” falou Diana correndo.

“Para, Diana! Eu ganhei, vou buscar!” respondeu rindo.

“Então pelo menos faça a coisa direito. Aproveita e dá um agarro nele lá no palco.”

Quando Sophia levantou naquele vestido azul combinando com seus olhos, sentiu certo silêncio no ar, apesar do barulho no salão. Também sentiu muitos pescoços virando em sua direção e inclusive Erik começou a acompanhá-la até chegar ao palco. O tempo parece que ficou mais lento. Estava morrendo de vergonha. Finalmente chegou lá.

“Parabéns! Aqui está seu prêmio. Eu sou Erik, muito prazer”, ele disse em inglês com sotaque estendendo-lhe o prêmio e oferecendo um beijo.

Ela retribuiu o beijo, se apresentou, pegou o prêmio, e saiu correndo.

De volta à mesa, Diana perguntou:

“E então? Foi bom pra você?”

Ao que Sophia respondeu:

“Foi ótimo! Ele é lindo, cheiroso, educado e charmoso. Quer pra você?” e caiu na gargalhada.

Ela realmente tinha achado Erik um deslumbre, mas não estava interessada nele. Ainda tinha Lukas muito presente em sua vida. Mas tinha gostado da experiência.

Os sorteios terminaram e anunciaram que a Disco Party já estava rolando no terraço. Lá fora, os sons mais disputados das pistas internacionais enchiam a noite de alegria. Um Open Bar com os mais lindos drinks eram servidos e muita animação na pista. Olhares sedutores, danças sensuais, corações em busca de alguém também tinham seu lugar. Ela dançou um pouco, Diana também. A festa era realmente uma delícia. Depois de algum tempo, resolveu ir tomar um café que ficava no hall de entrada. Chegando lá, deu de cara com Erik que estava tomando o seu antes de sair da festa. Pensou em dar meia volta, pois estava sozinha e se sentiu envergonhada em vê-lo ali.

“Olá, Sophia. Aceita um café?” disse ele.

Ela ficou desconcertada. Mas aceitou e ele pediu um pra moça que servia. Deu-lhe a xícara com suavidade. Suas mãos se tocaram brevemente.

Ele perguntou o que ela fazia na empresa. Ela explicou e ele perguntou se fazia parte do novo grupo de treinamento, ao que ela confirmou meio sem graça. Ele abriu um sorriso e falou:

“Bem-vinda! Nos vemos em Copenhague então!” deu-lhe um beijo de despedida e saiu.

Ela corou. Terminou seu café e voltou para a pista.

No caminho, passou por uma das mulheres vestidas de cigana que diziam ler a sorte nas mãos. Ela olhou pra Sophia e disse:

“Posso ver sua sorte?”

“Não acredito nessas coisas!”

“Então que seja por diversão!”

“Ok!”

“Sua estrada ainda está no começo. Seu caminho até aqui foi muito feliz. Com uma perda recente que te abalou muito, mas que era inevitável. No amor também vi uma perda recente. Mas algo novo vem por aí. Mas atenção, o certo vive no errado e o errado vive no certo. O fim vive do começo e o começo vive do fim. Assim, há que se ter sabedoria. Mantenha-se em suas crenças que tudo ficará bem. E cuidado com a casa dos espelhos. Aquela que está longe. A ilusão é manipuladora.”

Ela pegou uma água de lavanda e pediu permissão para passar em seu pingente em formato de cristal de gelo. Fez uma pequena reza de proteção dizendo que aquilo detinha uma energia pura de grande força. Agradeceu e se foi.

Sophia achou tudo muito emblemático. A mulher não tinha gasto mais de três minutos desde que a abordou, mas disse coisas verdadeiras. E ainda lhe deu alguns conselhos sobre o futuro próximo. Ela não acreditava naquilo, mas ficou surpresa. Mas o que mais a deixou confusa, e feliz ao mesmo tempo, foi ela falar aquilo sobre o pingente. Sabia que havia ali uma intenção muito boa e tinha mais certeza ainda agora.

De volta à pista, encontrou Diana, que dançava com os amigos. Nesse momento começou uma grande queima de fogos que partia do topo do edifício iluminando a silhueta da grande metrópole! Grande noite! Realmente inesquecível!

Na saída, recebeu a foto que tirou na entrada, emoldurada. Uma linda lembrança. Também ganhou um lindo bolo natalino que vinha em uma lata vintage. Perfeito!

## Capítulo XV

### Ano Novo

O Natal passou e o Ano Novo estava chegando. Iria passar em família. Alguns parentes viriam para a festa também. Na primeira semana do ano, já iria embora. A empresa dera essa semana de folga a todos os envolvidos no programa de treinamento para que finalizassem sua mudança e tivessem algum tempo a mais com a família.

Lukas havia lhe telefonado antes do Natal desejando-lhe Boas Festas. Ele ficou em Nova Iorque e sua família voou para lá. Dessa forma, não se viram mais desde a despedida. Falaram sobre banalidades e evitaram qualquer coisa além disso. Ele lhe desejou boa viagem e que a nova oportunidade fosse algo memorável assim como as últimas semanas estavam sendo pra ele. Seu novo emprego o deixava muito satisfeito e não havia do que reclamar. Era uma vida que havia desejado e se tornava realidade. Lógico que ela fazia falta nessa nova vida, mas não diria isso a ela, pois ela tinha o direito de ter sua própria vivência, assim como ele.

Em casa, Sophia estava feliz. Sua mãe realmente demonstrara uma capacidade de transformação e encontrava-se muito mais forte. Dedicava-se ao trabalho, à casa, à família. E começara também um curso de patchwork. Sempre tivera habilidades com artesanato, mas havia deixado isso de lado desde que teve os filhos. Estivera trabalhando num projeto pessoal nas aulas e não contara nada a ninguém.

Na noite de Ano Novo, a casa estava com uma aura de alegria. Muito branco, velas e flores iluminavam a mesa de jantar. A família se reuniu e tiveram bons momentos, com muitas conversas e mimos. A mãe preparou os pratos preferidos de Sophia, pois ela viajaria em breve. Os irmãos reclamaram sobre a proteção, mas era só brincadeira. Entendiam o gesto da mãe.

A noite foi tranquila e gostosa. No dia seguinte tiveram mais um almoço e a felicidade foi maior ainda quando Douglas simplesmente deu o primeiro passo sem segurar em nada. Que alegria! Todos ficaram extasiados e o pequeno sorria pra todos triunfante. Ficaria um ano sem ver o sobrinho e aquilo lhe deu um aperto no coração. Perderia alguns momentos como esse, com certeza, mas Deus havia sido bom com ela. Estava ali no primeiro desafio dele. Que bom!

Depois que todos se foram, sua mãe foi até o quarto e chamou por ela. Sophia foi até lá e a encontrou sentada à beira da cama, com um pacote na mão. Ela se sentou também e perguntou:

“O que é isso?”

“Uma surpresa pra você!” disse entregando-lhe o pacote.

Sophia abriu e viu que era uma colcha de patchwork que a mãe havia feito para ela. Era em tons de terracota com as mais diversas estampas que, apesar de diferentes, combinavam perfeitamente entre si. Era linda.

“Que linda! Adorei as cores!”

“Resolvi fazer nesses tons para esquentar o ambiente. Afinal, você vai chegar lá no ápice do inverno. Quem sabe isto deixa seu quarto mais aconchegante!”

“Mãe, eu te amo!”

Ela abraçou a mãe emocionada. Eram tão próximas e a distância tiraria um pouco disso delas. Mas se falariam por vários *apps* para não perderem nada uma sobre a outra.

Sophia pôde passar a semana em casa, então curtiu sua mãe ao máximo. Fizeram as malas juntas, cuidaram dos pormenores. Tudo certo. Estava pronta para sua aventura.

No dia marcado, sua mãe e Márcia a levaram ao aeroporto. Diana e a turma já estavam por lá quando chegou. Fez o check-in, se despediu das duas sem lágrimas, pois prometera a si mesma e fez um aceno mandando um beijo quando entrou para o salão de embarque.

Um mundo de descobertas estava à sua frente. O que ele lhe traria ela ainda não tinha certeza. Respirou fundo sem olhar para trás e voou: sobre o Atlântico e em seus sonhos também.

## Capítulo XVI

### Copenhague

Chegaram ao seu destino. Do avião ela avistou aquela cidade linda, branca da neve em seus telhados. Era uma cidade pequena comparada à sua, mas dava para ver um charme excepcional em sua arquitetura. Já estava gostando antes de começar.

Desembarcaram e uma van da Søstjerner os levou para os apartamentos. Pela estrada, via casinhas de madeira, prédios marrons e baixos, parques, lagos congelados. Era muito diferente. Chegaram ao edifício.

O prédio fazia parte de um conjunto residencial com outros três iguais. Tinham seis andares cada. Fachada marrom típica, com janelas de friso branco. Era muito agradável. Os quatro prédios ficavam à volta de uma praça central com um jardim. Havia um estacionamento com muitas, mas muitas mesmo, bicicletas. Afinal era o meio de transporte mais utilizado pelos moradores da cidade.

Subiram para os apartamentos. Sua unidade ficava no quarto andar. Era um apartamento pequeno com dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Todo em madeira clara e móveis em tons de bege. Era aconchegante. A primeira coisa que fez quando entrou foi colocar a colcha de sua mãe na cama. Naquele ambiente bege, a colcha teve um destaque caloroso.

“Uau, amiga! Essa colcha é tudo de bom!” Diana não se conteve. Teve que falar.

Realmente ficou ótima. Tirou uma foto e enviou para a mãe, que ficou felicíssima.

Diana falou:

“Como hoje é sábado, que tal deixarmos tudo aí e sairmos pela cidade? Afinal segunda começamos a trabalhar, então vamos reconhecer a área...”

“Ok! Vamos! Mas antes precisamos nos encher de roupas quentes. Não esqueça luvas também!”

E saíram para sua primeira aventura.

Não estava nevando, mas havia neve pelo chão. De vez em quando escorregavam e quase caíam, mas sem maiores problemas.

Diana já viajara para lá muitas vezes, então Sophia estava tranquila para se locomover. Como já era sábado à tarde, ela resolveu apresentar-lhe a principal rua de comércio da cidade, a Strøget. Um calçadão na parte histórica da cidade com pouco mais de um quilômetro com lojas, restaurantes, museus, praças, artistas e uma imensidão de atrações. “Que coisa bacana!”, pensou. Dava vontade de entrar em todo lugar, mas era impossível. E comprar tudo também, apesar de ser caro. Andaram por ela do início ao fim e depois resolveram parar para comer alguma coisa.

Diana a levou a um pequeno restaurante famoso por seus *smørrebrøds*. Basicamente são sanduíches abertos cobertos com queijos, patês, peixes, ovos, saladas, e ingredientes diversos. A base é um pão escuro chamado *rugbrød*. Com certeza não é algo para qualquer mortal, pois tem um sabor bem marcante.

Vai amá-lo ou detestá-lo. Para os dinamarqueses é o mais comum que se pode comer em sua culinária. Sophia foi se arriscando, montando algumas combinações com os ingredientes que vieram para a mesa. Alguns gostou, outros nem tanto. Já Diana comia aquilo como um americano come um hambúrguer. Total intimidade com o prato. Sophia ria da amiga que parecia uma criança. Ela estava com saudades de suas origens.

De sobremesa, pediram *Rødgrød med fløde*, que vem a ser um creme de frutas vermelhas com iogurte, leite ou creme de leite. Delicioso! Deste, Sophia pediu dois. Realmente era algo divino. O difícil seria saber pronunciar todos esses nomes. Ela já estava vendo que suas aulas de dinamarquês seriam um desafio.

Sophia virou para Diana toda feliz e falou:

“*Skrald!*”

“Que?”

“Obrigada!”

“De onde você tirou essa?”

“Quando passamos por aquela rede americana de sanduíches, vi essa palavra escrita na ilha de reciclagem e onde se colocam descartáveis, pratos, copos e o lixo. Em nosso país está escrito ‘obrigado’ lá, então deduzi...”

Diana morreu de rir.

“Isso quer dizer ‘lixo’!”

Sophia caiu na gargalhada. Realmente havia começado mal.

“Obrigado é *Tak!*”

“Então, *Tak!*”

Voltaram para casa.

No dia seguinte toda a turma fez uma excursão até o Nationalmuseet. Só o prédio do século XVIII em que o museu está instalado já é um deslumbre, além de toda a história escandinava desde seus primórdios. Vikings, reis, rainhas, a cidade de Copenhague que sofreu vários incêndios catastróficos, objetos, recriações, história. Tudo em um só lugar. Sophia ficou extremamente curiosa ao ver um anel de séculos atrás, encontrado em uma escavação na cidade com a palavra “Amor” escrita em sua língua. Poderia vir do português ou do espanhol, mas era muito curioso pensar que alguém ganhou um anel com essa inscrição cerca de trezentos anos atrás. A paixão acontecia em qualquer época ou lugar mesmo. Incrível. Saíram de lá entendendo um pouco melhor o país onde estavam agora e que seria sua casa por aquele ano. A visita levou um bom tempo. Já no meio da tarde, foram almoçar em um restaurante para comemorar. Desta vez sem *smørrebrøds*. Acharam um restaurante de cozinha italiana, algo bem mais comum a todos eles, devido à imigração em seu país. Foi uma tarde muito leve e feliz. Sophia estava transbordando de alegria por estar ali.

Naquela noite, dormiu como um anjo. Abençoada talvez pela cidade onde nasceu Hans Christian

Andersen, autor das mais famosas histórias de contos de fadas. Ela estava se sentindo em uma. A atmosfera da cidade exalava isso em cada esquina com seus prédios, recantos, histórias de príncipes e princesas. Afinal, até hoje eles têm uma rainha! Envolta por essa névoa mágica, adormeceu.

## Capítulo XVII

### Søstjerner Holding

Logo cedo, o grupo estava pronto. Seria o primeiro dia nas instalações da Søstjerner. Estavam extremamente curiosos para conhecer a sede daquela potência. A empresa havia começado como uma empresa marítima, daí o nome, que significa Estrela do Mar. A maioria dos negócios daquela cidade tiveram origem no mar, uma herança dos vikings. A empresa tinha mais de duzentos anos de história. Nesse tempo, desenvolvera vários negócios e hoje sua principal atuação era a área de tecnologia. Eram desenvolvedores de produtos diversos desde a indústria farmacêutica até brinquedos para crianças, computação, softwares, energia renovável, enfim, tudo que fosse relacionado à melhora contínua de processos industriais, de serviços, meio ambiente, etc. Na matriz, todos os ramos estavam presentes, cada qual em sua célula de negócios e dirigiam todas as unidades no exterior. No país, era vista como um orgulho nacional. Em toda parte havia um toque da Søstjerner. Não havia como negar seu status de renomada instituição multinacional.

A ansiedade tomava conta de todos. A sede ficava a apenas um quilômetro dos apartamentos, portanto faziam a caminhada todos os dias. Isso enquanto não se aventurassem a andar de bicicleta, como todo bom dinamarquês. O caminho era agradável. Seguiram por uma rua com vários conjuntos residenciais até que chegaram a uma grande avenida com três faixas de cada lado, mais a ciclovia. Dali, o prédio de imensas janelas de vidro fumê com frisos de mármore branco já podia ser visto. Tinha muitos andares, com certeza mais de trinta. Embaixo, à frente, dava para ver uma espécie de praça. Só conseguiriam ter certeza ao chegar mais perto.

Que coisa maravilhosa! Era uma pequena área comum em frente à entrada principal do prédio. Havia cinco paredes de mármore branco dispostas naquele espaço. Elas estavam posicionadas à volta do círculo central formando algo como os vértices de uma estrela, se vistas de cima. Provavelmente uma homenagem ao nome da empresa. De seu ponto mais alto, deveria escorrer água no verão, mas agora ela estava congelada, deixando a superfície ainda mais branca. Conforme passavam, era possível ver seus reflexos em tal brancura. Seguindo pelo caminho, chegava-se ao átrio principal. Era um espaço aberto de pé direito altíssimo. Do teto pendia o símbolo da empresa em uma escultura prateada deslumbrante. Claro que era uma estrela de cinco pontas estilizada. Um lounge de móveis brancos e obras de arte de tirar o fôlego deixava claro que aquele era um lugar sofisticado. Filas de elevadores ficavam ao fundo. Para entrar, tinha que se passar por uma série de catracas automáticas fechadas por pequenas paredes de vidro que tinham a função de ler os rostos dos funcionários. Tudo muito high-tech. Sua primeira missão foi passar pelo cadastro de reconhecimento facial para terem acesso ao prédio. Tudo rápido e eficiente. Ganharam crachás também. Liberados, foram instruídos a seguir para o 23º andar, sala um, onde os estariam aguardando.

Chegando lá foram recebidos por Katrine Knud, que seria a figura principal no setor de desenvolvimento de talentos, responsável por seu programa. A sala não era muito grande, com cerca de cinco fileiras com dez cadeiras cada. Em forma de anfiteatro, elas começavam no alto e iam baixando até o nível mais próximo do pequeno palco onde professores e profissionais dariam aulas para todos. Além do grupo de Sophia e Diana, havia um grande número de outros jovens de toda parte do mundo que fariam parte do treinamento.

Sentaram em suas mesas, que possuíam nomes marcados em plaquinhas de metal. Em cada uma havia uma espécie de laptop, porém sem teclado. Acharam estranho, mas aguardaram o que viria por ali. Depois de todos acomodados, Katrine iniciou sua palestra de boas vindas em inglês perfeito.

“Bem vindos jovens profissionais da Søstjerner World Corporation. É uma grande satisfação recebê-los aqui. Vou lhes apresentar nosso programa de forma rápida.”

Ela ligou uma tela no palco e assim que o fez, todos os laptops se acenderam e mostraram o mesmo. Ela continuou:

“Como primeiro passo, é necessário que vocês validem os laptops à sua frente. Eles são seus e deverão utilizá-los em todas as suas tarefas. Quando partirem, levarão com vocês.”

Uma tela inicial apareceu com o nome de cada um nela.

“Por favor, escolham uma senha e validem-na.”

Nesse momento, um teclado foi iluminado na mesa, como se fosse um computador comum. Uau! Já tinham ouvido falar disso, mas ainda não tinham experimentado. Simplesmente era preciso teclar na luz e pronto. Podia-se digitar o que quisesse.

Fizeram o que mandou e então tiveram acesso a várias planilhas, cronogramas, material de estudo, programas e projetos que desenvolveriam. O dia todo foi gasto com todas as instruções sobre como operacionalizar da melhor forma possível o trabalho. Tiveram inclusive um tour pelo prédio ao final para aprenderem sobre os lugares para onde deveriam se deslocar em suas tarefas. Bem resumidamente, o treinamento consistia em aulas de dinamarquês na primeira hora do dia, durante todo o ano. As aulas eram mais uma coisa afetiva, pois todos na empresa e nas ruas falavam inglês. Mas era muito interessante, pelo menos para Sophia, aprender mais uma língua. Durante os cinco primeiros meses, receberiam aulas sobre todos os departamentos e negócios da empresa. Inclusive com direito a viagens a suas fábricas e escritórios mais próximos que fossem importantes para seu desenvolvimento. Depois disso, três meses de trabalhos em suas áreas específicas. Nos últimos três meses, o desenvolvimento de um projeto e o encerramento em dezembro, quando retornariam para seus países de origem. Durante todo o processo, provas e demais trabalhos seriam propostos e quem não alcançasse as médias requisitadas poderia ser desligado do programa. E isso não era mentira, pois na filial ouvia-se sobre os casos de pessoas que acharam que tudo seria uma grande viagem de turismo e acabaram sendo convidadas a deixar a empresa. Então, não era brincadeira. Uma grande oportunidade para se abraçar e dar o máximo de si. Mesmo porque um bom resultado abriria portas dentro da corporação.

Tudo muito bem estruturado e dimensionado. Uma verdadeira aula de organização. Na última hora das apresentações, Katrine lhes informou que cada um teria um mentor dentro da sede para ajudá-los e também cobrá-los na efetivação de seus afazeres. Os nomes encontravam-se no laptop, num vídeo com uma mensagem personalizada de cada mentor para seu pupilo. Após serem guiados ao local dentro das várias pastas, Sophia clicou no vídeo.

Erik Thorsen. O próprio. Ela ficou confusa. Ele deve ter pedido, com certeza, para ser seu mentor. Não era uma coincidência. No vídeo de cerca de três minutos, ele dizia que seria um prazer cuidar de sua carreira durante aquele ano e que estava feliz em vê-la novamente. Disponibilizava seus contatos e dizia que logo se encontrariam para uma primeira conversa.

Sophia sentia uma mistura de sensações. Alívio por ter um mentor a quem já conhecia. Pouco, mas já era alguma coisa. Isso tirava um pouco a ansiedade de alguém novo com quem não tivesse muita afinidade, apesar de não saber se tinha com Erik também. Ao mesmo tempo, sentia-se um tanto quanto “enganada” pelo sistema. Aquilo não foi um sorteio. Tinha certeza disso. Enfim, tinha muito mais com o que se preocupar e deixou isso de lado. Não queria nem ver a cara de Diana quando ela soubesse quem era seu mentor. Precisava se preparar psicologicamente para esse momento.

O trabalho terminou e todos seguiram para um salão na cobertura onde havia um coquetel montado para celebrar o início do programa. O salão era simplesmente magnífico. Toda a decoração em tons de âmbar, com iluminação nesse tom, que aquecia o ambiente. Lustres de cristal que desciam do teto e paredes de vidro que deixavam ver as luzes da cidade do lado de fora. Um piano de cauda mais ao fundo era tocado por um senhor que possuía muita habilidade com o instrumento. Bebidas e comidas coloridas eram servidas. A profusão de sotaques no salão era enorme. Tão cosmopolita era aquela situação que a fazia sentir-se em casa, afinal em sua cidade, uma metrópole, esse tipo de evento era uma constante. Nada tiraria aquele brilho especial de seus olhos contemplando o horizonte. Nesse momento, a neve começou a cair lá fora. Simplesmente perfeito! O dia terminou e ela se sentia realizada.

## Capítulo XVIII

### Cotidiano

A semana foi cheia de novidades e já deu para perceber como seria a vida naquele ano. Acordavam às 7h30, tomavam um banho. Depois de cuidarem do visual, da maquiagem e do cabelo, tomavam um rápido café e desciam para o hall. Lá embaixo, o pessoal ia se juntando e partiam a pé para o escritório todos os dias.

Todos iam bem trajados, visto que no escritório o traje básico era esporte fino. Mulheres geralmente de camisas e calças ou saias de alfaiataria. Os homens, de blazer. Em dias mais sofisticados, as mulheres vestiam tailleurs. Às sextas-feiras, caso seu departamento não tivesse nenhuma reunião com algum cliente interna ou externamente, era permitido um traje mais casual. Mas isso significava uma calça de sarja com um sapatênis para os garotos, e uma sapatilha para as meninas. Jeans não era permitido.

Chegavam à sede e subiam direto para o 23º andar, onde tinham as aulas de dinamarquês pontualmente às 8h30. Era muito divertido e ao mesmo tempo desafiador. Não era nada fácil. A pronúncia não se parecia com a escrita, mas aos poucos dava para começar a decifrar aquela língua antiga. O professor era ótimo, o que ajudava muito na tarefa diária.

Após a aula, tinham treinamentos gerais sobre processos da empresa, sua história, liderança, RH, finanças, sustentabilidade, enfim, era como aulas em uma faculdade. Porém, a dinâmica das aulas sempre levava para práticas, nas quais tinham que dar soluções para problemas propostos, interagindo com os colegas e levando-os a desenvolver estratégias em conjunto. Era muito interessante o sistema. A informação era fornecida, porém cabia a eles aplicá-las em seus modelos e compreendê-las através da resolução de problemas. Não era simplesmente receber. Tinha-se que praticar.

Na hora do almoço, desciam para o refeitório que ocupava um andar do prédio. Ali o consumo era livre. As mais diferentes refeições eram servidas e tendia-se a uma gastronomia mais internacional para atender aos mais diversos gostos.

Após esse período, voltavam para a sala de aula e continuavam seus experimentos e palestras. Seguia-se nesse ritmo até as 17h30, quando a jornada acabava. Salvo por raras exceções, todos saíam a essa hora. A partir daí, seguiam de volta ao apartamento onde terminavam algumas tarefas de dinamarquês e outras lições de casa. Depois disso, vez ou outra costumavam sair para comer algo. Como era inverno, muitas atrações da cidade não funcionavam a todo vapor. Por exemplo, o Tivoli Gardens, um dos mais antigos parques de diversão do mundo ainda em funcionamento. Inaugurado em 1843, é composto por parque de diversões, jardins, restaurantes, teatro, cafés em um só lugar. Já haviam ido lá jantar uma noite. Sophia adorou a atmosfera do lugar. Com certeza no verão deveria ser muito mais agradável.

Porém esta noite era sexta-feira, então combinaram de ir ao teatro. Diana verificou a programação e havia uma ópera no Royal Danish Theater, em Kongens Nytorv, uma bela praça no final da famosa

Strøget. Só as duas iriam. Os demais colegas ou estavam cansados ou preferiam sair para beber. Elas tinham um gosto um pouco mais requintado, com certeza.

## Capítulo XIX

### Erik

O teatro era lindo. Como todos os edifícios históricos da cidade, era mais uma peça cheia de charme. Lindas escadarias, peças vintage, veludo vermelho. Uma atmosfera de grande riqueza do passado.

Entraram e começaram a subir a escada que levava a seus assentos. Muita gente fazia o mesmo quando Sophia sentiu uma pequena batidinha em seu ombro. Virou-se e deu de cara com Erik.

“Boa noite! Vocês também vieram ao teatro hoje? Que ótima coincidência!”

Toda sem graça, ela respondeu:

“Olá, Erik, como vai? Realmente uma grande coincidência. Já faz algum tempo, não é mesmo? Conhece Diana?”

Ele cumprimentou Diana, que ficou animadíssima.

“O que vocês estão achando do treinamento? E da cidade? Estão gostando?”

“Muito! Estamos bem animadas com o aprendizado. E a cidade é linda.” Sophia falava as coisas rapidamente como que se quisesse se ver livre daquela situação. Não estava muito confortável. Nesse momento, um amigo de Erik juntou-se a eles.

“Este é Nathan Sanders. Ele trabalha em nossa subsidiária no Reino Unido. Está aqui participando de algumas reuniões.”

Nathan devia ter algo em torno de trinta anos de idade. Olhos verdes, cabelos ruivos. Era bastante simpático. Cumprimentou-as com um belo sorriso. O segundo sinal de início da peça já havia soado. Despediram-se, mas antes de irem, Erik falou:

“Encontramo-nos aqui na saída. Vamos jantar depois?”

Sophia e Diana se olharam e embora ela não se sentisse à vontade com a situação, disse que sim, pois afinal seria deselegante.

Foram para seus lugares.

“Sophia, você quase disse não para ele, não é mesmo? Não sei como você não fica tonta com tamanha beleza?”

“Diana, acontece que eu não estou interessada em ficar com ninguém por enquanto. Ainda mais com meu mentor. Ele está apenas sendo educado. Não vejo um interesse real nisso...”

“Seu mentor? Você não me disse nada sobre isso! Que maravilha! Acho que agora vai! Você não vê como ele te olha? É claro que tem algo a mais...”

“Não exagera...”

“Olha, vou dizer uma coisa: eu abro mão dele pra você. Só porque gosto muito de você, porque se fosse outra eu não desistia assim não...”

“Obrigada! Mas se ele te olhar diferente, pode beijar!”

Diana riu. Sabia que a amiga era muito íntegra e não estava a fim de ter um relacionamento agora, mas Erik estava interessado. Dava para sentir. Veríamos no jantar como se comportaria.

A peça foi ótima. Era uma adaptação de Hamlet de Shakespeare. Na saída lá estavam Erik e Nathan esperando por elas.

Erik as levou ao restaurante mais badalado do momento na cidade. Ficava a cerca de dois quilômetros km do teatro. Ele estava de carro. Aliás, era um carro maravilhoso. Novo, prata, lindo.

Foi um cavalheiro, abrindo porta, ajudando-as a entrar e a sair. Ele era muito sedutor, tinham que reconhecer.

O restaurante era muito aconchegante. Mesas pequenas, móveis brancos, velas acesas em cada mesa. Tudo isso fazia do lugar um ambiente tranquilo, onde se desejava ficar por um bom tempo. Sentaram-se e seguiram as dicas de Erik sobre o que comer. Ele pediu vinho para todos.

“Um brinde às mais brilhantes participantes do Programa de Talentos deste ano!” disse ele erguendo a taça.

A conversa passou pelos mais diversos assuntos. Desde a peça até diferenças culturais entre seus países. Tudo muito agradável, com certeza.

Erik em certo instante perguntou:

“Vocês sabiam que o castelo de Hamlet existe?”

Sophia e Diana fizeram que não com a cabeça.

“Então, ele existe e fica em Helsingor, aqui na Dinamarca. Não se sabe se Shakespeare esteve aqui ou não, mas ele deixa bem claro que o local é aquele. Essa cidade está a cerca de cinquenta quilômetros daqui. Um ótimo passeio, com certeza.”

“Uau! Que interessante! Não podemos ir embora sem ver isso!” disse Diana.

“Durante o verão, há um festival de Shakespeare no castelo e a peça é encenada lá. Está combinado! Iremos até lá!” completou Erik.

A noite seguiu muito bem. Nathan e Diana eram parecidos em seu jeito divertido de encarar a vida. Houve certa empatia entre os dois. Por sua vez, Sophia tentava manter alguma sobriedade entre ela e Erik.

Em certo momento, ele lhe disse:

“Sophia, na segunda-feira espero vê-la em minha sala para discutirmos seu programa. Pedirei a Katrine que a libere por algumas horas, ok?”

“Ah, claro! Será muito bom entender melhor o seu papel nesse processo.”

“Muito bom! Estou muito feliz em poder ser seu ponto de apoio na Søstjerner durante este ano.”

Ele as levou de volta para casa. Despediram-se e entraram no prédio. Diana falou:

“Amiga! Sabe que gostei do Nate!”

“Nate? Quanta intimidade!”

“O Nate é um fofo. Ele me convidou para visitá-lo em Londres.”

“Diana! Você não perde tempo!”

“E você e o Erik? Vai rolar?”

“Não vai rolar nada! Viu como ele foi cavalheiro? Não insinuou nada. Ficou na dele.”

“Mas os olhos dele mostram outra coisa. Tem desejo ali! Eu sei!”

“Você bebeu demais! Vamos dormir!”

“Mas eu sei. Eu sei...”

Ajudou a amiga a chegar ao quarto e foi se deitar também. Absorta em seus pensamentos imaginou se haveria lugar para Erik em sua vida.

## Capítulo XX

### Curiosidade

O fim de semana se foi. Passearam pela cidade, foram ver a famosa estátua da “Pequena Sereia”, símbolo da cidade e encarnação do conto de Andersen, que fica sobre uma pedra à beira mar. Realmente ela sintetizava aquele lugar.

O frio continuava intenso. Vez ou outra começava a nevar. A segunda-feira chegou e Sophia estava apreensiva com a reunião que teria com Erik. Sobre o que exatamente ele queria discutir? Como seria esse relacionamento que se construiria por um ano? Não sabia o que pensar a respeito. Teria que aguardar para entender como seria aquele acompanhamento.

Após o almoço, voltaram para a sala de aula e Katrine a chamou. Disse que ela podia seguir ao encontro de Erik no período da tarde e que não se preocupasse com as atividades, que as encaminharia em seu email para que pudesse estudar em casa. Pelo visto, ficaria horas com Erik. Até agora, não vira ninguém conversar com seu mentor. Pelo menos não sabia de nenhum caso. Mas ok, ela não tinha medo de desafios. Seria apenas mais um em sua vida.

Pegou seu computador e suas coisas. Saiu da sala e subiu até o 29º andar, onde ficava seu escritório. Ao sair do elevador, deparou-se com uma recepção toda em aço escovado, com móveis cinza. A secretária, uma mulher esguia, loura, olhos verdes, vestia um *tailleur* de tweed que ornava com o ambiente. Era linda. Quando a viu, falou:

“Você deve ser a Sophia, correto?”

“Sim, sou eu. Muito prazer!”

“Prazer em conhecê-la, querida. O Sr. Thorsen teve que sair por alguns minutos, mas pediu-me para encaminhá-la para sua sala. Por favor, venha comigo.”

Ela seguiu pelo andar passando por algumas salas de reunião e outros escritórios de executivos importantes da empresa, antes de chegar à sala de Erik. A secretária abriu a porta e a fez entrar. A sala era enorme. As paredes de vidro forneciam uma vista incrível do horizonte da cidade. Era possível avistar vários pontos turísticos dali. A sala era toda decorada em preto, aço e vidro. Havia uma aura de modernidade ali.

Ela acomodou-se em uma sala de estar com lindos sofás e poltronas de couro negro. Ao lado havia uma máquina de *espresso*, um bar, um frigobar. A secretária lhe disse que podia servir-se do que quisesse e saiu. Sophia examinou o ambiente milímetro por milímetro. As paredes tinham quadros de arte abstrata e algumas fotos em preto e branco de negócios da empresa. A grande mesa de Erik possuía duas telas de computador enormes, alguns porta-retratos, pastas. Alguns livros e revistas povoavam mesas e pequenas prateleiras pela sala. Outro ambiente possuía uma mesa redonda para oito pessoas, provavelmente para reuniões menores. Ali também havia monitores de computador e outros equipamentos que não sabia bem

o que eram.

Ela levantou-se do sofá e fez uma pequena caminhada de reconhecimento. Na mesa de Erik, os retratos mostravam fotos diversas que pareciam ser em família e nos negócios. Ele aparecia em uma com o presidente da empresa inaugurando um escritório em algum lugar da Ásia. Em outra, velejava com outro rapaz no mar. Em mais uma, estava ao lado de um casal mais velho, provavelmente seus pais. Em outra, abraçado a uma linda mulher na Grécia. “Será que é a esposa dele? Será que é casado?” pensou Sophia. Também tinha uma onde recebia uma medalha olímpica. Caramba! Ele havia sido um atleta olímpico. Daí vinha aquele porte elegante. Que descoberta! Nunca teria imaginado.

Atrás da mesa havia um pequeno aparador com algumas estatuetas que pareciam ser prêmios. Conseguiu ler alguns em inglês, outros em dinamarquês ainda não era possível. De qualquer maneira, pelo que podia perceber, eram prêmios recebidos em reconhecimento a destaque em vários projetos e excelente desempenho em sua carreira. Também havia alguns certificados emoldurados apoiados em pequenos tripés. Cursos em Harvard, Cambridge, congressos no Japão, Escandinávia, Índia, etc. Ele realmente era um homem de grandes estudos. Ficou impressionada.

Achou que já havia andado demais por ali e resolveu voltar e sentar-se em uma poltrona. Aconchegou-se e ficou aguardando a chegada de seu mentor.

## Capítulo XXI

### Reunião

Depois de alguns minutos, a porta se abriu e Erik entrou. Estava de terno azul marinho, camisa azul clara como seus olhos, gravata azul médio. Por um instante Sophia perdeu o fôlego. Parecia um anjo perdido na Terra. Mas logo ela se recompôs. O que estava acontecendo? Por que estava perdida em pensamentos? Talvez a análise da sala e saber um pouco mais sobre ele tivesse despertado algum interesse nela.

“Boa tarde, Sophia!” disse ele parecendo bem feliz com sua presença.

“Boa tarde, Erik. Tudo bem?”

“Ótimo! Que bom vê-la aqui hoje.”

Ele foi até ela e lhe deu um beijo no rosto. Ela corou. Achava aquilo um pouco estranho, pois tinha descoberto que ele era o terceiro homem da empresa e a tratava mais informalmente. Não parecia muito profissional, mas as circunstâncias de sua relação até aquele momento haviam sido informais, de certa forma. Daí vinha esse tratamento mais próximo entre eles.

Ele sentou-se na outra poltrona e falou:

“Como está sendo sua experiência conosco?”

“Maravilhosa! Estou amando tudo aqui. O treinamento, as pessoas, a empresa, a cidade. Tudo me deixa muito animada e motivada a aprender e me desenvolver. É uma experiência única em minha vida!”

Ela realmente estava se sentindo assim. Seus olhos brilhavam quando falava sobre isso. Isso o fascinava. Via nela muito de si mesmo e nisso crescia sua identificação.

“Que bom que se sente assim. É um privilégio para nós termos gente feliz aqui. Isso contribui para nosso sucesso.”

Em seguida, continuou:

“Você deve estar se perguntando por que a chamei para esta reunião. Na verdade, queria que você soubesse um pouco mais sobre minha história e então será capaz de entender. Eu fui um atleta profissional até os meus 27 anos, ou seja, mais de uma década atrás. Era um ótimo velejador e cheguei até a ganhar uma medalha olímpica.” Ele se levantou e pegou a foto para mostrar-lhe. Ela se sentiu como uma mentirosa. Se ele soubesse como ela já havia xeretado pela sala... Que vergonha!

“Desde os tempos do colégio, sempre estudei em ótimas instituições e ganhei bolsas no exterior devido ao esporte. E realmente foi minha grande paixão por muitos anos. Quando terminei a faculdade, a Søstjerner, que era patrocinadora do time olímpico, me chamou para trabalhar com eles. Grande revelação do dia: iniciei minha carreira aqui como Relações Públicas. Devido à minha imagem junto ao esporte e minha carreira aquática, tudo se encaixou perfeitamente para ambos.”

“Uau! Nunca imaginei isso!”

“Mas é a pura verdade! Com o passar do tempo, cheguei à conclusão de que era hora de parar com a

competição. Hoje tenho a vela como um hobby. Dediquei-me inteiramente à empresa e realmente obtive um crescimento bem rápido na organização.”

Ela não entendia onde ele queria chegar com isso...

“Quando soube que você viria para cá e que sua área de atuação era a mesma que iniciei aqui, fiquei muito interessado em poder passar-lhe um pouco de minha experiência. Por isso, pedi aos responsáveis pela designação dos mentores, que fosse eu o seu.”

“Nossa! Obrigada! Nunca imaginei que seria você a me ajudar aqui. Fico lisonjeada”, disse sinceramente, mas ainda meio atordoada com tudo aquilo. O que ele iria dizer em seguida? Onde iria chegar?

“Eu realmente gostaria que você tivesse um ótimo ano aqui. E paralelo ao seu treinamento, gostaria de lhe propor um programa alternativo de mentoring comigo. Não vai interferir no seu programa geral. Na verdade, gostaria de propor um trabalho no qual você seja instigada a achar a solução por si própria, para problemas que vou lhe trazer. Seria uma espécie de treinamento tático e prático para desenvolver suas habilidades e expertises. Acho que você realmente pode elevar seu aprendizado a outro nível.”

A proposta era interessante. Mas como fariam aquilo? E por que ela? Havia realmente um interesse a mais? Ela gostou da ideia, mas estava apreensiva em passar mais tempo com ele do que o normal. Estaria se comprometendo durante todo o ano a se dedicar a horas extras. O resultado seria bastante interessante, mas conseguiria resistir àquele homem? Seria inteligente aceitar?

“Faríamos da seguinte forma: toda semana, no seu melhor dia, passamos cerca de duas horas aqui após o término do expediente. A cada semana lhe proponho uma nova tarefa para você estudar, desvendar e voltar com uma solução. Discutimos, analisamos e chegamos ao veredicto. O que acha?”

“Acho muito interessante. Mas pode me dar uma ideia sobre como isso deve funcionar?”

“Claro.”

Levantou-se e seguiu até sua mesa, onde pegou uma pequena pasta com algumas folhas dentro.

“Veja isto.”

Ela abriu a pasta e havia um discurso impresso dentro. Ela passou os olhos rapidamente. Era o discurso de um político de seu país que havia perdido as eleições alguns anos atrás. Ela não se recordava bem do caso.

“Resolvi pegar um caso de seu país como o primeiro para facilitar um pouco este exercício inicial. Você vai ler este discurso e fará suas anotações a respeito do que considera que acabou com suas chances nas urnas. Não procure nada sobre ele na internet. Utilize somente seu feeling para fazer seu julgamento. Quando terminar, acrescente seus conselhos de RP. Caso você estivesse assessorando esta campanha, conseguiria reverter a derrota?”

Aquele desafio parecia muito interessante. Era uma maneira de desenvolver um raciocínio que ela já possuía, mas que poderia ser melhor. A ideia parecia ser ótima.

“A cada semana, faremos atividades diferentes, mas com o objetivo final de desenvolver um aspecto

tático essencial para essa carreira, a perspicácia.”

“Aceito!” Sophia falou entusiasmada abrindo um belo sorriso.

“Ótimo!” Erik respondeu satisfeito.

Ele lhe disse que viesse até a mesa de reunião e passou a mostrar-lhe eventos passados de sua carreira para que ela entendesse como ele via aquela profissão e o que ela lhe havia proporcionado. Conversaram até o final do expediente. Ele lhe deu uma tremenda aula. Com certeza havia sido muito proveitoso. Despediram-se e marcaram o horário da semana seguinte. Ela desceu, encontrou com Diana e voltaram para casa.

## Capítulo XXII

### Conselhos

Após o jantar, Diana tocou no assunto, é claro.

“Como foi a reunião com seu ‘mentor’?”

“Muito produtiva.”

“O que ele queria?”

“Propor-me alguns estudos de casos e discussões semanais sobre minha área de atuação. Ele começou na empresa nessa carreira...”

“Nossa! Nunca imaginei! Bacana ele querer te ajudar.”

“Você já falou com o seu mentor, Diana?”

“Só pelo computador, pela ferramenta de comunicação online. E é ela, não ele,” disse desanimada.

“Sério? O que vocês falaram?”

“Ela disse que se eu precisasse de alguma coisa, estaria à disposição. E que me desejava muito sucesso no programa.”

“Só isso? Não te pediu pra fazer nada? Ou ir conhecê-la pessoalmente?”

“Não. E como ela, mais alguns têm feito isso. Alguns dos alunos do grupo me disseram que com eles têm sido assim também. Só um ou outro se encontrou pessoalmente para um café rápido e uma apresentação formal. Com certeza, você tem um ‘mentor’ bem mais interessado!”

“Acho que sim...”

Ela gostava da ideia de trabalhar com Erik daquela forma. Mas também havia algo lá no fundo que a deixava apreensiva. Será que devia ter aceitado? Mas se não o fizesse seria bem deselegante.

“Sophia. Aproveita o que o Erik tá te oferecendo. Esteja ele interessado por você ou não, o fato é que você pode aprender muito. E também ele é uma pessoa muito agradável e dedicada. Você não tem nada a perder. Não enfie ideias erradas em sua cabeça. Relaxa!”

“Você tem razão. Afinal estamos aqui para tirar o máximo proveito deste programa. E isso acontece só uma vez na vida. Não podemos deixar isso passar em branco. Valeu, amiga! Tô dentro!”

Ela achava que estava se preocupando demais. Devia deixar um dia vir após o outro e viver o momento. Pra que sofrer com antecedência? Não havia nada errado. Estava decidida. Sentia-se abençoada com tudo e não deixaria nada atrapalhar esse sentimento. Mas era muita coincidência Lukas e Erik gostarem do mesmo esporte. Que engraçado! Dormiu pensando nisso.

## Capítulo XXIII

### Nova Iorque

Mais uma sexta-feira de inverno se iniciava na 5<sup>th</sup> Avenue. Raios de sol gélidos iluminavam as ruas frias da cidade. Ainda era cedo, mas as pessoas já se moviam de um lado para o outro com seus sobretudos, pastas e um copo de café para viagem na mão. No meio desse movimento, Lukas acabara de chegar em frente ao prédio onde trabalhava. Subiu até o 59º andar e adentrou o escritório. Ninguém havia chegado ainda, pois era bem cedo, mas ele gostava de se dedicar ao máximo e estava envolvido em grandes projetos que necessitavam de horas extras de trabalho.

Ele abriu a porta de sua sala, preparou um café na sua própria máquina expressa e sentou-se em sua cadeira. Tomou um gole e, por um momento, apoiou-se na mesa com os dois braços e desceu sua cabeça até encostar sua testa em suas mãos que estavam entrelaçadas. Estava exausto.

Sua vida no novo trabalho era excitante, glamorosa e recompensadora. Adorava o que estava fazendo e sabia que teria muito sucesso em sua jornada se continuasse a perseguir seu sonho com determinação. Porém, não se sentia completo. E estranhava isso, pois havia passado muito tempo naquela cidade como estudante e não havia sentido nada parecido com o que experimentava agora. Tudo era diferente desta vez.

Levantou-se daquela posição e recostou-se na cadeira, tomando mais alguns goles da bebida quente. Pegou seu celular e foi até a pasta de fotos. Começou a olhar fotos dela. Sozinha, sorrindo. Com ele, num jantar. Com sua família. Na praia. Uma selfie. Aniversário de namoro. Festas de amigos. Onde estaria Sophia agora? Resolveu ligar. Precisava falar com ela. Buscou o contato, posicionou o dedo para apertar o botão... Desistiu.

“O que estou fazendo?” perguntou-se. “Não é conveniente. Isso só vai piorar as coisas. Não tenho esse direito.”

Ele não conseguia esquecê-la. Era difícil viver sem ela. E a hipótese de perdê-la para sempre o atormentava.

Alguns funcionários começavam a chegar e o cumprimentavam através das paredes de vidro de sua sala. Precisava iniciar o dia. Não podia sucumbir àquele sentimento. Nesse momento, Céline bateu à sua porta. Ele fez sinal para que entrasse.

“Bom dia, Luke!”

“Bom dia, Céline. Tudo bem?”

“Sim. Só queria lhe lembrar de que hoje você tem compromisso, hein? Não se esqueça do jantar lá em casa. Você não pode faltar..”

“Claro! Estarei lá!”

“Ótimo”

Céline Lédoux. era uma ruiva estonteante. Olhos verdes. Um metro e setenta e cinco, esbelta. Maravilhosa! Era sua colega de trabalho na agência e tinham uma sinergia incrível. Ela era realmente interessante. Trabalhavam juntos neste momento num projeto para uma companhia francesa. Céline tinha pai francês e mãe americana. Isso ajudava no tratamento com o cliente, tornando o entrosamento entre as empresas algo mais fácil. Céline já estava escalada para viajar à matriz do cliente para apresentar a campanha ao presidente em algumas semanas. Precisavam terminar tudo até lá. Horas e horas de trabalho, ideias, criações e mais brainstormings. Era um turbilhão, mas ele adorava aquilo.

Ela retornou à sua sala para um aviso final:

“Luke, esqueci de dizer que você irá comigo para Paris. Pode ir fazendo as malas...”

Foi uma surpresa para ele que o deixou extremamente feliz. Afinal, sua dedicação estava lhe trazendo bons resultados. Essa viagem era uma prova disso.

O dia passou rapidamente. Com tanto trabalho, as horas eram menos do que precisava, logo a sensação era sempre de dias curtos demais. À noite lá estava ele na porta do loft de Céline, na hora marcada. Levou dois champanhes da melhor marca francesa para tomarem.

O loft era maravilhoso. Muita madeira e cores quentes faziam do local algo muito aprazível. Dava vontade de ficar por ali. Muito bem decorado e funcional. Céline vestia uma blusa estampada com tons de verde que eram idênticos aos seus olhos, dando-lhe uma luz especial. Os convidados eram um casal de amigos dela de origem francesa que visitavam a cidade e mais sua melhor amiga do escritório com o namorado. Estavam em três casais, apesar de Lukas e Céline não serem um casal com envolvimento amoroso no momento.

Ela cozinhou para todos. A noite foi extremamente agradável. Boa conversa. Tomaram muitas taças de vinho. Abriram os champanhes para acompanhar a sobremesa. Realmente foi um momento de relaxamento ótimo depois de semanas e semanas de stress.

As horas passaram voando. Um casal já se despedira há alguns minutos. O outro também se preparava para ir. Ela virou para Lukas e disse:

“Luke, você fica um pouquinho mais para me ajudar a colocar algumas coisas no lugar?”

“Claro!”

O casal se foi e os dois juntaram as garrafas, guardaram as sobras, arrumaram a sala. Céline disse:

“Antes de ir, faço questão que experimente este licor especial, preparado por meu pai, à base de cerejas colhidas em sua Quinta em Bordeaux.”

Os pais dela tinham ido para a França, fazia alguns anos, mas ela resolveu ficar, pois se sentia mais americana que francesa. E não podia abandonar a carreira que estava construindo na América. Ela colocou o licor nas pequenas taças e serviu uma a ele. Era delicioso realmente.

Uma música tranquila tocava ao fundo. A sala estava à meia luz. Lukas estava envolto em uma sensação de relaxamento profunda. Não estava totalmente sóbrio. Céline também não. Ela virou para ele e lhe perguntou:

“Gostou de minha blusa, Luke?”

“Achei que combinou perfeitamente com seus olhos. Ficou linda.”

“Acho que cansei dela. Pode me ajudar a tirar?”. Ela chegou mais perto dele no sofá e virou-se de costas. Ele abriu os pequenos botões de trás e a ajudou a livrar-se da blusa. Por baixo não havia nada. Ela se virou para ele com uma beleza incrível que ele via pela primeira vez e o beijou. Lukas retribuiu com um desejo intenso. Um mix de carência, bem estar, realidade alterada pela bebida, tomava conta dele. Ela tirou a camisa dele passou a acariciar seu peito e a beijá-lo. Lukas estava tomado por uma onda de excitação que não sentia há tempos. Puxou-a para perto de si, beijando-a toda. Abriu sua calça, enquanto ela fazia o mesmo com ele. Livraram-se de todas as roupas e agora estavam entrelaçados sobre o tapete extremamente macio da sala em frente à lareira. Dois corpos nus, lindos, perfeitos, celebrando o êxtase de uma noite de sexo intenso.

Na manhã seguinte, ele despertou ao lado daquela linda mulher. Não teve pressa de partir. Passaram o fim de semana como adolescentes que descobrem o amor, experimentando um ao outro, provocando, indo aos seus limites, sem pudores e restrições. Ele sentia falta dessa cumplicidade.

## Capítulo XXIV

### Rotina

O tempo foi passando e as reuniões com Erik continuavam a todo vapor. Cada semana um exercício mais desafiador que a colocava a pensar mais e mais. Quase sempre se saía muito bem e suas ideias concordavam com as de Erik. Porém, às vezes, ele lhe dava insights totalmente novos, que ela jamais pensaria. Aprendia muito com tudo aquilo.

As demais aulas corriam bem, como sempre. Já conseguia compreender bem melhor o idioma novo e já se arriscava a conversar nessa língua, mesmo que não com muita habilidade. O professor deu-lhes um livro em dinamarquês de presente. Chamava-se “Espelhos de Gelo” e contava a história medieval de uma garota que precisava enfrentar muitos obstáculos em sua vida numa remota vila viking congelante situada na parte mais ao norte da Escandinávia num tempo onde as mulheres nada mandavam. Era uma saga que enaltecia a coragem, autoestima, sabedoria e capacidade de transformação. Ela ficou extremamente interessada na história. E já tentava ler, mas ainda sofria um pouco, porém sabia que logo conseguiria. E era esse o objetivo do professor. Fazer com que todos se sentissem impulsionados a ir além. Pelo menos com ela, funcionou.

Comprou uma bicicleta, como todo dinamarquês e fazia tudo nela. Assim como ela, Diana e mais alguns amigos também já tinham as suas. Todo dia ia trabalhar de bicicleta e circulava por todos os lugares da cidade com ela. O tempo começava a melhorar, a primavera já despontava, o que não queria dizer muito, pois continuava muito frio. Porém, os dias começavam a ficar um pouquinho mais longos.

Continuavam conhecendo a cidade e os arredores. Já haviam visitado alguns lugares interessantes como a fábrica cervejeira da Carlsberg, o Louisiana Museum of Art, os castelos Rosenborg e Frederiksborg, a Glyptotek, a Universidade de Copenhague. Além do palácio real de Amalienborg, composto por quatro residências, sendo que uma é a morada da família real ainda hoje. Também tinham patinado no gelo na pista ao ar livre da Kongens Nytorv, a praça que ficava ao final da Strøget. Não faltavam opções para mergulhar em cultura.

Erik continuava a levá-las para o teatro ou para jantar, às vezes. Nathan havia voltado para a cidade mais uma vez também. Diana e Nate deram uns beijos dessa última vez. Diana não perdia tempo e estava entusiasmada com tudo aquilo.

Sua família estava bem também. O pequeno Douglas já falava algumas palavras, inclusive “titi” quando via fotos de Sophia. A mãe havia enviado um vídeo para ela. Que fofo! Os irmãos estavam bem e a vida seguia tranquila. Sua mãe também estava forte, o que a fazia sentir-se bem mais sossegada.

No treinamento, logo saíam em viagem por algumas filiais da empresa na Europa, conforme havia sido informado. O grupo seria dividido em seis menores e alternariam suas estadas nas unidades de Estocolmo, Paris, Londres, Praga, Bucareste e Moscou. Em cada país, visitariam o escritório central,

laboratórios, unidades industriais e o que fosse importante para sua formação. Estavam todos ansiosos por esse intercâmbio, afinal conheceriam as estruturas a fundo. Muito promissor para qualquer profissional.

A experiência como um todo era surpreendente na visão de Sophia. Não havia o que dizer contra, pois tudo só vinha a somar. Seria uma experiência de uma vida inteira, inesquecível, pelo menos para ela. Apesar de sentir-se só às vezes e pensar em Lukas. Não tirava o pingente que ele lhe havia dado e isso a fazia lembrar-se dele todos os dias. Se era isso que ele queria, ele conseguiu, pois era impossível dissociar um do outro. O que estaria ele fazendo? Por que não se falavam mais? Ela tinha vontade de enviar-lhe uma mensagem, mas sempre desistia. Ela faria aniversário em breve. Veria se ele falaria com ela. Iria esperar um pouco mais.

## Capítulo XXV

### Helsingor

Quando saíram para jantar a primeira vez após o encontro inesperado no teatro, Erik havia prometido levar Sophia e Diana ao castelo de Kronborg, na cidade de Helsingor, no nordeste da ilha de Sealand, a mesma onde Copenhague está localizada. Porém, como o verão ainda demoraria um pouco a chegar para verem a encenação de Hamlet no seu próprio castelo, ele combinou que as levaria até lá numa tarde de fim de semana. Depois voltariam no verão. Elas aceitaram a proposta e o dia havia chegado. Era um sábado de céu azul e limpo. Fazia frio, o que é totalmente normal, e ventava um pouco. Haviam combinado a saída à uma da tarde.

Sophia e Diana haviam almoçado e aguardavam por Erik quando Diana subitamente sentiu um mal estar. Uma forte dor de cabeça e tontura tomou conta dela deixando-a atordoada. Sophia lhe disse:

“Nossa, Diana, o que será que aconteceu? Será que foi algo que você comeu?”

“Provavelmente, mas também tem um agravante que é minha TPM. Às vezes passo muito mal quando ela chega, a ponto de ir tomar soro no hospital. Você nunca presenciou uma dessas, mas acontecem. Desta vez, não parece tão grave, mas estou realmente enjoada e com muita dor de cabeça.”

Nesse momento o interfone tocou.

“Deve ser o Erik. Vou desmarcar. Você não tem condições de ir...”

“Sophia, você vai. Eu vou ficar bem. E já conheço o castelo, afinal já vim pra cá mais vezes, esqueceu?”

“Mas, só eu e o Erik? Que chato!”

Sophia não se sentia mais intimidada por Erik e essas palavras saíram mais para reforçar que a amiga era importante e queria que ela fosse com eles.

“Nada disso. Atende o interfone e diz que já vai descer!”

“Ok! Ele está tão feliz com o programa que iria ficar deselegante desmarcar. Minha amiga, se cuida, sinto muito você não ir...”

“Obrigada. Mas divirtam-se por mim, ok? Espero você mais tarde.”

Sophia se despediu e desceu. Diana correu até a porta, trancou-a, foi até o banheiro e lavou os olhos. As olheiras que estavam ali, sumiram. Foi à cozinha, tomou um copo de refrigerante, fez uma pipoca de micro-ondas para acompanhar um filme na TV e pensou:

‘É hoje! Agora vai dar certo!’

Tudo não passara de uma invenção. Ela estava perfeitamente sã.

Lá embaixo, Erik esperava com seu belo carro. Estava super bem vestido, como se estivesse pronto para uma partida de golfe. Óculos de sol terminavam de dar um efeito playboy ao look impecável. Ela até se sentiu um pouco mal vestida, apesar de estar bem arrumada dentro de um look casual chic. Ele as havia avisado que jantariam em um lugar bem bacana na volta, então se vestiram de uma forma um pouco mais

sofisticada.

Ele a cumprimentou com um abraço e um beijo no rosto. Seu perfume era delicioso e impregnou a roupa de Sophia.

“Nossa! Que delícia de perfume, o que é isso?”

“Um futuro lançamento da Søstjerner Cosmetics. Ainda não está à venda.”

“Não sabia que tinha perfumes também no conglomerado...”

“Novas aquisições no Leste Europeu.”

“Adoro perfumes masculinos. Eu até uso alguns, às vezes. Os femininos me enjoam..”

“Então vai querer um deste, com certeza.”

Aquela empresa estava com tudo. “Meu Deus! Que coisa incrível!”

“Onde está Diana?”

“Ela não está passando bem. Pediu desculpas e falou para irmos de qualquer maneira.”

“Que pena. Espero que ela melhore. Vamos então?”

Pegaram a estrada. A viagem demoraria cerca de uma hora. Sophia e Diana já haviam passado por ali de trem, mas de carro era a primeira vez. Era uma paisagem bem pitoresca e agradável à beira mar na maior parte do tempo. Era lindo e relaxante. Não iria se arrepender de ter ido. Erik ia lhe explicando tudo sobre as atrações que podia encontrar pelo caminho. Era uma verdadeira aula. Muito divertido.

Finalmente alcançaram a cidadezinha de Helsingor. Após algumas centenas de metros já era possível vislumbrar algumas imagens do Castelo Kronborg que se ergue num canto do litoral, no estreito de Oresund, entre Dinamarca e Suécia. A primeira edificação data de 1429, quando o rei Erik VII resolveu cobrar tarifas dos barcos que por ali passavam. Mais tarde ergueu-se o castelo que foi tomado por suecos e depois voltou ao domínio dinamarquês durante sua história. Helsingor é o ponto mais próximo da Suécia de toda Dinamarca. Hoje, balsas fazem o curto trajeto diariamente.

O castelo é o que se pode chamar de um castelo de verdade, daqueles de contos de fadas. Conforme foram chegando mais perto, suas torres de coloração verde puderam ser mais bem avistadas. Sophia adora castelos e aquele a impressionou:

“Erik, o que é isso? Que coisa mais irreal! É lindo e totalmente clichê ao mesmo tempo! O que é aquilo? Tem um fosso à volta?”

“Sim! É um fosso. Realmente é um castelo bem medieval. Tudo que você já leu em histórias por aí, se traduz em realidade aqui. Você vai ver.”

Estacionaram o carro e começaram a explorar a área externa. Passaram pelo fosso, portões de ferro, enfim, todos os elementos que um castelo deve ter. Na entrada compraram seus tickets para o castelo e para o Museu Marítimo que fica no mesmo local.

Resolveram começar pelos subterrâneos. Incrível a sensação de imaginar quantas vidas passaram por ali em tantos séculos. No fundo de uma passagem embaixo da terra, na masmorra, encontraram Holger, o dinamarquês, uma imponente estátua de um viking adormecido com os braços cruzados em cima de sua

espada. Diz a lenda que se o reino estiver em perigo, Holger acordará para defender sua pátria. Incrível. Depois seguiram pelos aposentos do castelo. Salões, quartos, tetos, tronos, janelas deslumbrantes. O salão de baile, chamado Salão dos Cavaleiros com seu piso trabalhado, tapeçarias e lustre de cristal é impressionante. O pátio interno também é magnífico. Ali havia uma fonte de metal que foi derretida na invasão sueca em 1658. Uma pena, pois dá para imaginar a grandeza de tal obra.

O tempo foi passando e Sophia parecia uma criança. Entusiasmada com tudo aquilo, só havia sorrisos em sua face. Erik a admirava, olhava aquela jovialidade e se apaixonava cada vez mais por ela, sem ela saber. Ele sabia que ela era uma grande mulher e poderia ser a mulher de sua vida. Por outro lado, Sophia se divertia com Erik. Ela passara a admirar cada vez mais a grande inteligência que ele possuía e isso a cativava dia a dia. Não sabia ainda, mas estava mais envolvida do que imaginara e logo descobriria isso.

Por fim foram à lojinha do castelo onde puderam encontrar muitos produtos relacionados à sua história e também obras de Shakespeare, brinquedos, utensílios para a casa, roupas, vídeos, etc. Queria comprar tudo, mas fez algumas escolhas. Aquilo fora uma grande aventura.

“Bom, acabou, Sophia!”

“Não! Eu quero morar aqui!”

“Ainda não estão vendendo quartos no castelo. Caso isso aconteça, prometo avisá-la!”

“Erik! Amei isso tudo! Com certeza foi o melhor que fiz até hoje aqui. Foi surpreendente!”

Ela nem sabia o que a esperava mais tarde. Erik lhe disse que precisavam ir, pois o castelo iria fechar. Relutante ela foi deixando o local. Seguiram para a cidadezinha e visitaram alguns outros pontos turísticos, igrejas, comércio e outros pontos de interesse, até que Erik lhe falou:

“Pronta para o jantar?”

“Claro! Já estou com fome!”

“Então está bem. Vamos começar!”

“Falando assim fico até assustada. Onde vai ser essa aventura?”

“Em um lugar inesquecível...” disse ele com grande satisfação.

## Capítulo XXVI

### Inesquecível

Entraram no carro e começaram a se deslocar novamente para o Castelo de Kronborg. Sophia estranhou e perguntou:

“O que você está aprontando? Não íamos jantar no caminho de volta?”

“Não verdadeiramente. Você já vai entender... e garanto que não vai achar nada ruim.”

O que será que ele tramara? Com certeza parecia ser algo muito interessante e Sophia estava totalmente curiosa e ansiosa com aquela situação inesperada.

Fizeram uma curva na estrada e lá estava uma das imagens mais incríveis que ela já presenciara. O castelo à noite era iluminado com luzes especiais que davam ao lugar uma aura ainda mais mágica. Não dava para descrever. Ela estava apaixonada por aquilo e sentia uma alegria e satisfação intensa com a experiência.

“Erik! O que você está aprontando? Não sabia que poderia vir aqui à noite. Tem algum restaurante no castelo?”

“E não pode mesmo. Tem um restaurante anexo, mas só funciona durante os horários de visitaçã...”

“E isso quer dizer o que? Pois agora não estamos nesse horário...”

“Você consegue perguntar menos e curtir mais?”

Ela pensou naquelas palavras e disse:

“Sim! Totalmente!”

Chegaram ao primeiro portão logo após o fosso e o mesmo foi aberto para que passassem. Lá dentro, pelo caminho, havia tochas iluminando a passagem do carro. Chegaram ao pátio principal e também foi permitida a entrada. Aquilo tudo era muito especial e com certeza fazia parte de um esquema para poucos. Não havia como não amar.

Na porta principal de acesso, duas pessoas aguardavam por eles. Um senhor caracterizado em roupas medievais abriu a porta do carro para que ela descesse.

“Bem vinda a Kronborg, Milady!”

Era surreal. Que delícia! Ela estava deslumbrada.

Erik só olhava para ela que com os olhos dizia ‘O que você está aprontando?’ Ele só lhe dava pequenos sorrisos.

Uma dama de companhia virou-se para ela e falou:

“Senhora, por favor, siga-me. Faremos sua toilette para que desça para o jantar.”

Ela a seguiu e foi levada para um quarto com um banheiro anexo. Num cabide, havia um vestido lindo, preto, longo com brilhos. Um sapato compunha o conjunto. E também havia toalhas, maquiagem, perfumes. Ela começou a entender algumas coisas. Como tinha um vestido do seu número ali? Por que

Diana não havia vindo? Aquilo tudo deve ter sido tramado. Quanta imaginação. Mas ela entrou no clima. Entrou na banheira de água maravilhosamente quente, com pétalas de rosa e óleos de um perfume inebriante. Banhou-se sentindo um relaxamento incrível. Saiu, pôs o vestido e o sapato. Fez a maquiagem. Prendeu o cabelo. Estava magnífica. Alguns instantes depois, a dama bateu à porta. Ela abriu e a senhora lhe falou que a acompanharia até o local do jantar.

Saíram dali e foram passando por alguns corredores de centenas de anos, iluminados pelo fogo de velas. Ela ouvia ao fundo uma música suave, cordas, que iam ficando mais fortes. Finalmente a porta se abriu e lá estava mais uma cena inesquecível de sua vida.

O Salão dos Cavaleiros, que era o salão principal do castelo, estava todo enfeitado com fitas que pendiam do centro do teto e criavam uma cena também medieval, subiam mais uma vez e se prendiam definitivamente mais ao longe criando um teto arredondado. Em um dos cantos, músicos com violinos, harpa, piano, e outros instrumentos de cordas. Garçons e um maître devidamente vestidos em roupas antigas compunham o ambiente. Bem no centro do salão, uma mesa para dois, devidamente guarnecida com materiais finíssimos. Abaixo dela um tapete maravilhoso com cenas campestres bordadas. As cadeiras eram de veludo vermelho e madeira. A toalha também de veludo. O arranjo de flores era branco e vermelho. Sousplats e talheres de prata, pratos de uma finíssima porcelana decorada com pequenas florzinhas vermelhas, bem delicadas. Os copos de cristal, com bordas douradas. A iluminação era à meia luz, com velas espalhadas pelo ambiente e algumas luminárias de tom alaranjado nos cantos, que o aqueciam. No ar, um aroma de flores de lavanda pairava, delicioso.

“E então, gostou?” perguntou Erik saindo de trás do parapeito de uma das janelas. Ele estava soberbo. Vestindo um smoking que combinava perfeitamente com seu vestido, estava impecável. Seus olhos azuis e seus cabelos louros sobressaíam naquele traje. Era lindo, não havia como negar. Ele, por sua vez, pensava o mesmo sobre ela. O preto de seu cabelo e o vestido emolduravam aquela beleza latina de sublimes olhos azuis. Era a melhor visão que ele podia esperar. Chegando perto dela, deu-lhe uma taça do melhor champanhe francês.

“Você ainda não me respondeu...”

Ela levou sua taça em direção à dele para um brinde e falou:

“Amei! Erik, você fez um conto de fadas acontecer. Estou vivendo um momento mágico. Por favor, não me acorde!”

Ele sorriu. As taças brindaram. Sophia disse então:

“Isto é real?”

## Capítulo XXVII

### Viver a vida

O jantar foi servido. As iguarias mais sofisticadas da cozinha internacional faziam parte do cardápio. Desta vez, a comida dinamarquesa típica não estava tão presente. Como ele sabia que ela tinha certa dificuldade com os sabores de sua terra, cuidou para que tudo tivesse um ar mais contemporâneo e tradicional. Ela adorou tudo.

Durante o jantar, as mais diversas músicas foram tocadas. Um buquê de rosas colombianas vermelhas foi-lhe entregue por um pajem em nome de Erik. Ela corou. De sobremesa, vários mini doces e um delicada mousse de maracujá com chocolate, servida em taças de cristal.

“Erik, de onde veio essa mousse?”

“Da receita de sua mãe.”

Até isso tinha sido planejado. Com certeza Diana havia pedido para ela em segredo. Estava impressionada com tamanho projeto para essa noite. Realmente devia ser importante para Erik. E mataria Diana depois.

“Vamos dançar?”

“Ok.”

Ele a pegou pela mão e seguiram para uma área mais próxima do grupo de cordas. Estava tocando uma música francesa muito bonita que Sophia podia reconhecer. Era uma das preferidas de seu pai. Ele colocou suas mãos fortes à volta de sua cintura e ela enlaçou seu pescoço. Ela gostou do toque.

“Erik, me fale um pouco de você, de sua vida pessoal. Não sei nada sobre isso.”

“É porque não há muito para contar. Nunca fui casado, tive alguns relacionamentos, mas nada importante. O mais longo durou um ano. Acho que o ditado está certo, não se pode ter tudo na vida. Ou se tem sucesso profissional, ou amor...”

“Não desanime. Isso são só dizeres tolos. Muitas pessoas acham o equilíbrio para ambos.”

“Na verdade, nunca tive alguém por quem me apaixonei realmente. Acho que por esse motivo minha vida amorosa sempre foi tão vazia. Então me dediquei ao trabalho e nesse campo eu venci, mas falta algo, não é mesmo?”

“Ninguém vive sem amor. Faz parte do ser humano estar junto, sentir o outro, ter alguém com quem se preocupar. E você tem tudo para ter isso. Realmente é difícil entender.”

“Obrigado, Sophia. Você me ajudando, sempre. E acreditando em mim.”

Ela estava ali com aquele homem tão poderoso e era ele quem a agradecia. Quanta ironia a vida pode nos trazer. Ela sentia um profundo interesse nele. Era um mundo novo para ela. O que faria? Estava tão envolvida que não conseguia discernir direito aonde suas atitudes poderiam levá-la.

“Não, Erik. Você é que me ajudou demais. Só tenho a agradecer.”

Nesse momento, alguns fogos de artifício começaram a estourar do lado de fora iluminando o salão à meia luz.

“Venha, vamos ver lá fora,” disse Erik seguindo para um pequeno balcão externo.

“Nossa! Que coisa maravilhosa! O que será que estão comemorando?” perguntou Sophia.

“Nós que estamos...”

“Quer dizer que isto também faz parte do pacote?”

“Sim! E estamos comemorando nosso primeiro beijo!” disse ele encostando seus lábios perfeitos nos dela em um movimento rápido. Sophia não teve nenhuma reação contra aquilo. Simplesmente deixou-se levar pelo momento surpreendente. O beijo foi perfeito. Ele era incrível. Sua pele macia, aquele corpo escultural, suas mãos fortes puxando-a para junto de si. Ela sentiu um tremor interno que há tempos não sabia mais como era. Um calafrio gostoso tomou conta de seu corpo e ela admitiu para si mesma que aquilo era muito bom. Que homem maravilhoso ele era.

Puxando-a para mais perto, ele sussurrou em seu ouvido:

“Milady, vamos nos recolher ao aposento real?”

Como? Eles iriam dormir no castelo? Ele realmente tinha muita influência naquele lugar. Isso era mais do que ela jamais sonhara. Um príncipe encantado só para ela. E nunca fora um sapo que ela precisasse transformar. Ele já vinha pronto. Ela não podia negar isso.

“Vamos, meu querido Lord,” disse ela sem pensar muito, pois poderia desistir e não queria fazer isso. Estava muito envolvida naquele clima de sedução para perder aquele momento especial.

Ele a escoltou por algumas alas do palácio, sempre iluminadas por velas e dessa vez adornadas por rosas vermelhas até as imensas portas do quarto. As portas em vermelho e dourado se abriram desvendando um quarto lindo, que ornava perfeitamente com as linhas do castelo, com quadros, tapeçarias, véus, flores, lençóis de seda, champanhe, banheira, pequenos mimos, docinhos. Parecia um hotel seis estrelas. E se ela não aceitasse? Tudo ficaria sem utilidade? Ela sabia que ele tinha se arriscado, pois ela poderia declinar, mas não o fez. Em vez disso, ao entrar no quarto, assumiu uma postura diferente de tudo que ele conhecia até então. Deu-lhe um beijo cheio de desejo e lhe disse:

“Erik, fique só de roupas íntimas e deite-se na cama, eu já volto.”

Foi ao toilette onde retirou seu vestido, revelando sua bela lingerie negra de renda. Soltou os cabelos, retocou a maquiagem, pingou algumas gotas de perfume, respirou fundo e voltou ao quarto diminuindo a iluminação.

Ele estava deitado na cama com dossel recostado nos travesseiros de pluma brancos como a neve. Havia colocado uma música ambiente suave e a aguardava. Seu corpo seminu era estonteante. Um peito forte, braços e pernas torneadas recobertos de pelos dourados o deixavam extremamente sexy. Estava bronzeado, apesar do inverno. Vestia uma cueca boxer branca que só enaltecia aquela beleza nórdica. Ele a olhava com um desejo profundo. Estava extasiado com a visão daquela bela mulher de curvas perfeitas, seios fartos e lábios carnudos. A lingerie escondia tudo que ele desejava mais e a deixava ainda mais

provocante. Ela pegou sua gravata que estava sobre uma poltrona e chegou até a cama, deu-lhe um beijo e falou:

“Está pronto pra isso?”

“Nunca estive tão pronto em minha vida!”

Ela amarrou a gravata em seus olhos e ordenou que virasse de bruços. Puxou sua roupa íntima para baixo até que ele ficasse inteiramente nu. Viu revelar-se um traseiro perfeito, redondo e provocante. Enquanto isso, ela tirou toda sua roupa, e pegou um óleo de amêndoas que fazia parte das *amenities* que havia encontrado no toilette. Passou em seu corpo todo.

“Sophia! Por favor, não demore. Eu te quero tanto. Eu não aguento mais...”

“Já estou chegando. Prometa que irá me obedecer. Não fará nada que eu não permitir...”

“Eu prometo! Prometo!” disse ele com um desejo enorme perceptível em sua voz.

Ela então foi até ele e começou uma massagem em seu corpo. Primeiro somente com as mãos, depois passou a roçar partes de seu corpo no corpo dele. Ela também estava com muito desejo por aquele homem. Sentou-se sobre seu quadril, ao que ele respondeu com um arrepio e um gemido. Deitou seu dorso nu sobre suas costas, roçando a língua em sua nuca, depois em sua orelha. Deu um giro, invertendo o lado, olhando agora para os pés dele. Com suas mãos oleosas, passou a acariciar entre as coxas de Erik, quase tocando sua masculinidade, mas nunca o fazendo. Ele gemia de prazer sentindo o corpo dela quente encostado no seu sem poder por suas mãos nela.

Ela continuou a explorar cada milímetro dele, de costas, até que não houvesse parte que não fora tocada. Nesse momento então, saiu de cima dele e mandou que virasse. Ao fazê-lo, ela viu toda a beleza daquele deus grego e sua virilidade. Ele tinha um corpo fenomenal de atleta, e seu pênis rosado era perfeito e estava extremamente ereto para ela. Mas isso ficaria para o final. Não era só ele que sofria com a brincadeira, ela também estava a ponto de desistir de tudo e cavalgar aquele macho, mas não ia fazer isso. Passou a fazer a massagem novamente com todo seu corpo, dando ênfase desta vez a esfregar seus seios e partes mais íntimas em todas as regiões dele. Ele a obedecia, mas os gemidos ficavam cada vez maiores e mais longos. O que ela fazia com ele? Ele nunca tivera uma experiência assim. E ela também não era uma deusa da luxúria, mas hoje queria estar no comando.

Ela arfava de desejo a cada novo toque que provocava. Desta vez, chegou até a boca de Erik, enfiando sua língua com muito ardor. Em seguida deitou-se sobre ele por completo e sentiu seu pênis latejando, quente, grosso. Ele, por sua vez, pediu-lhe se podia tirar a venda e tocá-la, ao que ela permitiu.

Ele a olhou com muito amor e excitação, num misto de desejo e felicidade. Passou sua mão em todo seu corpo e a beijou por inteiro, lambeu seus mamilos com imenso prazer e seguiu para um primoroso sexo oral, que a fez gritar de prazer. Ela então, tocou seu pênis que estava a ponto de explodir e sentou-se nele com maestria. Cavalgou aquele mastro rígido e potente até que alguns minutos depois os dois tiveram o maior gozo de suas vidas, juntos, suados, quentes, íntimos e cúmplices.

Mas a noite não acabou aí. As paredes do castelo não presenciavam algo tão forte e sexual há centenas de

anos. Tudo foi permitido nessa aventura e sem saber bem o porquê, ela se sentiu dona de si, liberta e feliz como há tempos não se sentia. Quando uma ponta de sol começava a aparecer no horizonte pela janela, ela aninhou-se no peito de Erik, que a olhou com ternura e a beijou com muito amor, dizendo:

“Você é a melhor coisa que aconteceu em toda a minha vida! Estou a ponto de gritar de felicidade, meu amor!”

Ela sentiu-se plena naquele momento. E adormeceu junto àquele homem que a fazia sentir-se protegida e especial.

## Capítulo XXVIII

### Mudanças

Voltar à rotina não foi fácil. Depois daquele final de semana, tudo havia mudado para ela. Uma nova situação se apresentara e ela tinha que reconhecer que nada seria como antes.

Diana havia levado algumas broncas por tramar tantas coisas sem ela nem desconfiar, mas estava perdoada, pois no final, tudo tinha sido realmente maravilhoso. Ela tinha que reconhecer que havia sido bom. Estava apreensiva quanto ao rumo que sua vida amorosa poderia levar e pensava em Lukas. Sentia-se uma traidora, às vezes. Em outros momentos, reconhecia que tinham se libertado para não sofrerem esse tipo de cobrança, então ficava mais tranquila.

Erik e ela haviam combinado não falar a ninguém sobre seu começo de relacionamento. Enquanto desse, manteriam isso em sigilo, apesar da desconfiança geral. Diana estava proibida de abrir a boca sobre isso.

Seu aniversário estava chegando e logo depois já partiria em viagem pelas subsidiárias da empresa na Europa. Estava programando uma celebração animada com os colegas de treinamento. Uma balada num bar da cidade, onde podiam beber e dançar a noite toda. Erik queria algo mais reservado, mas não poderia fazer isso, pois já havia combinado com a turma antes de se envolverem. De qualquer maneira, fariam uma celebração mais íntima antes que partisse. Ele também viajaria para o Japão dois dias antes dela, então queria passar algum tempo com sua amada.

Estava feliz. Sim. Estava sentindo-se bem. O trabalho era ótimo, a cidade também. Ainda encontrara um romance de conto de fadas. O que mais poderia querer? Agradecia a Deus pela sorte que estava tendo e pedia que tudo continuasse correndo bem. E que Deus permitisse que fosse merecedora de tudo isso, pois às vezes achava que estava recebendo mais do que merecia. Mas era mentira, sempre fora uma pessoa exemplar e estava colhendo tudo que plantara, apenas isso. Que aproveitasse ao máximo as portas que se abriam diante de seus olhos. Era seu momento especial. Daqueles que acontecem algumas vezes na vida somente. Então não poderia deixá-lo passar. Tinha que usufruir de seu momento mágico. O que será que ainda estaria por vir?

## Capítulo XXIX

### Feliz Aniversário

Diana entrou no quarto com um muffin de chocolate na mão, uma vela enorme sobre ele, cantando “Parabéns a Você” em dinamarquês. Sophia abriu os olhos assustada, mas estava feliz com o gesto da amiga, afinal ela se esforçara bastante.

“Acorda, minha amiga! Feliz Aniversário pra você! Que sua vida seja um mar de rosas, onde você possa navegar com Erik, o viking, desbravando os fiordes da Escandinávia!”

“Nossa! Quanta imaginação, Diana. Estou até me vendo em um barco viking com o Erik no timão!” disse rindo.

“Sim! E nas horas vagas, vocês fazem amor à luz da lua... Que delícia!”

“Sua doida! Obrigada, Diana. Te adoro!”

Seguiram para o escritório. Nesta época do ano, as águas congeladas dos paredões de mármore do jardim na entrada da empresa já estavam líquidas de novo. Ainda assim, as paredes pareciam refletir suas imagens. Por um breve momento, Sophia lembrou-se da cigana da festa. “Cuidado com a casa dos espelhos...” Será que ela se referia à Søstjerner? Mas nada havia de errado ali. Aquilo era uma besteira. Nunca ligara para esse tipo de coisa. Não sabe por que foi se lembrar disso.

Foram para as atividades do dia e durante todas elas recebeu abraços, homenagens, beijos. Na aula de dinamarquês, leram alguns capítulos do livro. Sua heroína viking tornava-se cada vez mais forte para sobreviver num mundo de homens. Ela agora aprendera a lutar e despontava como uma grande guerreira, o que não era nada comum naquela época. Seu pai a ensinava, pois sabia que isso poderia ser sua salvação em um mundo tão inóspito e brutal. Sophia adorava a história daquela garota. Queria saber mais a língua para ler tudo, mas ainda era muito cedo pra isso.

À tarde, a sempre dedicada e amável Katrine lhes passou todo o itinerário de viagem das próximas semanas e o que encontrariam em cada cidade e escritório da empresa. Tudo foi milimetricamente calculado, com as visitas, trabalhos, palestras, reuniões, aulas, encontros. Seria realmente interessante viver tudo aquilo. Viajariam no domingo para a primeira escala e daí seguiriam por cerca de trinta e cinco dias. Uma maratona que valeria muito a pena. Diana e Sophia estavam muito entusiasmadas.

No final da tarde, encontrou-se com Erik, pois era o dia de suas discussões semanais. Ele a recebeu com um abraço apertado e um beijo. Em seguida, lhe deu uma pequena caixa de veludo preto. Ela teve uma sensação de déjà-vu. Ela a abriu e lá estava um anel maravilhoso que brilhava mais que qualquer joia que ela havia tido na vida.

“Erik! O que é isso? Não posso aceitar um presente desses...”

“Claro que pode! Você é a minha garota. Eu quero que toda vez que olhar pra ele, se lembre de mim. Não tem como recusar.”

Isso já estava se tornando constante. Um pingente, um anel, estava colecionando lembranças de relacionamentos, ela pensou, achando graça.

“Mas isto é caríssimo!”

“E pra que existe o dinheiro? Para gastar com quem a gente ama.”

“Já vi que não vou conseguir convencê-lo do contrário. Eu amei. Aceito seu presente,” disse ela enlaçando seus braços em seu pescoço e dando-lhe um beijo apaixonado.

“Então use-o. Quero vê-la com ele todos os dias.”

“Pronto! Ficou lindo!”

“Bem, como a Senhora não pode jantar comigo hoje, eu irei à sua celebração jovial na baladinha, como seu amigo, mas amanhã você será somente minha. Jantar lá em casa, às 8h. Afinal vamos ficar separados por algum tempo não é mesmo?”

“Sim. Não tenho como negar esse convite. Estarei lá pontualmente. E você hoje, comporte-se. Não deixe os outros perceberem sobre nós.”

“Depois do quinto drink, não respondo mais por meus atos!”

“Pare, seu bobo! Eu sei que não fará nada errado. Te espero lá mais tarde.”

“Ok. E hoje você está liberada da discussão. Afinal a sua capacidade de concentração está deixando a desejar desde que conheceu meu corpo irresistível...”

Ambos caíram na gargalhada. Ela lhe deu um beijo e disse:

“Obrigada, meu amor. Você é muito importante pra mim. Adorei o presente e adoro estar com você.”

“Eu também te adoro.”

Ela partiu para casa. Lá se arrumou para sair com o pessoal. Entre uma coisa e outra, ia respondendo às diversas mensagens no celular. Uma especial fez um som diferente e ela já sabia quem era: Lukas! Ela correu até o celular e ele havia escrito:

‘Oi, Sô! Parabéns! Que você tenha tido um lindo dia. Será que posso te ligar?’

Ela teve uma sensação estranha, como se não o conhecesse tão bem e fosse a primeira vez que conversavam. Sentiu certa vergonha de falar com ele. E se ele fizesse perguntas que ela não queria responder. Ele não seria tão indiscreto a esse ponto. Ela era uma pessoa corajosa. Não estava fazendo nada errado. Respondeu que sim, que ele podia ligar.

“Oi, Lukas!”

“Oi! Há quanto tempo! Feliz Aniversário! Muita saúde, sucesso, realizações. Uma vida feliz pra você.”

“Obrigada! Que bom que você ligou. Como estão as coisas? Não sei nada sobre você. Está tudo bem?”

“Sim! Estou ótimo. Mas tenho muito trabalho no momento. Está uma loucura. E seu treinamento?”

“Maravilhoso! Muito mais do que eu esperava. Estou amando!”

“Que bom! Olha, posso te fazer uma pergunta? Eu irei para Paris daqui duas semanas. Será que poderia te visitar?”

Ela gelou. Caramba! Ele estava vindo para a Europa? O que ela respondia? Ficou quieta por um instante,

com o coração palpitando.

“Sophia? Você está aí?”

“Sim. Eu estou iniciando uma série de viagens pelas sucursais da Europa. Paris faz parte do itinerário. Que coincidência! Eu estarei na cidade entre 23 e 30 de abril. Se estiver por lá, podemos tomar um café.”  
O que ela estava fazendo? Não conseguia negar o pedido dele. Que droga!

“Eu arrumarei tudo para pelo menos ter um ou dois dias que coincidam com sua estada. Que bom. Quero te ver.”

“Legal! Desculpe, mas preciso ir. Combinei com alguns amigos em um bar...”

“Tudo bem. Eu te desejo tudo de melhor hoje e sempre. Te adoro, Sophia! Felicidades!”

“Obrigada! Um beijo, Lu!”

Desligaram. Ela caiu pra trás em sua cama e ficou ali parada, inerte. Diana que já havia percebido a saia justa, veio da sala em sua direção.

“Nossa! Como foi isso pra você?”

“Eu não sei, Diana. Estou tremendo. E agora, estou me sentindo uma mentirosa. Não fiz nada errado, mesmo porque ele deve estar saindo com todas as mulheres de Manhattan, mas eu estou me sentindo mal.”

“Não fica assim. É normal essa sensação, afinal vocês têm uma história muito forte. Eu ouvi você falando sobre Paris. Ele vai estar lá?”

“Sim. Disse que queria me ver. Como estaremos lá também, pretendemos nos encontrar para um café.”

“Olha. Sinceramente, não acho que isso seja ruim. É bom você vê-lo pra concluir o que sente por ele ainda. Vocês conversam, veja como ele está encarando as coisas nos Estados Unidos, ele vai embora, você passa mais alguns meses por aqui e reflete o que quer pra você.”

“Verdade. Não vou me abalar tanto. Afinal de contas, eu estou bem com o Erik, mas Lukas foi importante para mim. Não sei se ainda é. Deixa as coisas caminharem...”

“Isso! Bola pra frente! Vamos pra balada! Quero me acabar de dançar. Pena que o Nate não esteja por aqui. Acho que vou ter que beijar outro...”

“Mas não faça isso na frente do Erik, senão o Nate vai saber. Eles são muito amigos.”

“Sabe que eu sou discreta!”

“Claro! Como uma girafa de patins!”

Caíram na gargalhada, terminaram de se arrumar e foram pra balada. A noite foi ótima. Apesar das incertezas de Sophia, aproveitou para extravasar. Dançou, brincou, jogou conversa fora. Divertiu-se muito, com seu ‘amigo’ Erik, e os outros.

## Capítulo XXX

### A Semana

No dia seguinte jantou com Erik, como havia prometido. Passaram a noite juntos. Como ela adorava fazer amor com ele! Era realmente excitante e ela se sentia em outra dimensão. Não podia negar que aquilo lhe fazia muito bem. No dia seguinte no final da tarde, ele partiria para o Japão e ficariam distantes por um bom tempo. Sentiria saudades de seu toque suave, seu cheiro gostoso, seu beijo. Logo ela também iria para Estocolmo, sua primeira parada. Lá, sua agenda contemplava um treinamento em segurança do trabalho, reuniões com os líderes de vários setores de negócios desenvolvidos na Suécia, uma noite de gala para assistir ao ballet da cidade, que era patrocinado pela empresa, com a presença de suas majestades, o rei e a rainha. Enfim, uma grande aventura profissional, mas com pitadas de vida social muito interessante.

Mas antes disso, ainda havia um dia de trabalho pela frente. Logo cedo, Erik a deixou em seu apartamento e ela seguiu com Diana para o escritório, como fazia sempre, para não levantar maiores suspeitas. Nada de novo aconteceu, a não ser que após o almoço, encontrou uma pequena sacola sobre sua mesa de estudos. Estava grampeada e somente havia um post-it com seu nome marcado do lado de fora. Ela a abriu e dentro tinha um pequeno bilhete e uma embalagem de acrílico com um pequeno frasco dentro, cuidadosamente lacrada e reforçada por uma fita adesiva transparente.

‘Meu amor, por favor, entregue este pequeno perfume para o Nate quando chegar a Londres. Disse que enviaria uma amostra pra ele assim que possível. Boa viagem! Te amo! Erik.’

Nossa, por que ele não havia lhe dado isso antes? Devia ter esquecido. A essa altura ele já havia partido para o aeroporto. Com certeza fora algo de última hora. No rótulo estava escrito ‘TrésOr’. Provavelmente era uma amostra do novo perfume que ela havia sentido em Erik. O produto ainda não havia sido lançado, mas seria um sucesso. Era delicioso. E Erik devia ter prometido aquilo para o amigo. Ela levaria sem problemas. Tirou da sacola e colocou a embalagem em sua bolsa.

O dia continuou sem maiores novidades. Nos dois dias seguintes, prepararam suas malas, não esquecendo seus laptops, documentos, e-tickets, vouchers e uma imensidão de arquivos para lerem antes de chegarem a cada nova parada. Isso tudo fazia parte do pacote, pois tinham que chegar preparadas aos seus destinos.

No domingo partiram para a Suécia. Que bela cidade era aquela. Era conhecida como a Veneza do Norte, por estar estabelecida sobre uma rede de catorze ilhas. Adoraram tudo e todos que encontraram por lá. Foram muito bem recebidas e ficaram impressionadas com a alta tecnologia desenvolvida pela empresa no país. A cada nova tarefa, Sophia ficava mais feliz e absorvia tudo que aprendia com muita facilidade. Ela estava indo muito bem no projeto. Suas notas e avaliações só cresciam e já despontava como um ótimo investimento humano que a empresa havia feito, não restava dúvidas. Ela era uma ótima funcionária

e teria um futuro brilhante na companhia.

A semana já estava quase no fim e partiriam para Paris na sexta à noite. Uma pena, pois não teriam tempo de visitar algumas atrações de Estocolmo, como o Vasamuseet, o museu que exhibe um navio do século XVII que ficou trezentos e trinta e três anos embaixo d'água e que hoje está inteiro no museu em perfeito estado. Um dos milagres das águas geladas do Norte, com certeza. Teriam que voltar lá em outro momento, infelizmente.

Por outro lado, por mais que tentasse esquecer o assunto, a imagem de Lukas vinha à sua mente várias vezes ao dia. Não havia como fugir daquilo. Eles se encontrariam no final de semana. Ele já havia lhe dito inclusive que a buscaria no hotel, no sábado à noite, para que pudessem sair para jantar. O encontro era inevitável. Então que fosse.

## Capítulo XXXI

### *Je t'aime Paris*

O sol começava a surgir quando ela acordou de seu sono agitado. Não havia dormido bem, como era de se esperar. Levantou-se da cama e foi até a janela. Estava no último andar, numa região central. Dali conseguia ver um pedacinho da Torre Eiffel ao longe e vários tetos característicos da arquitetura da cidade. Como era charmosa. A primavera estava em seu auge e as flores começavam a enfeitar os canteiros, pequenos terraços, enfim, era uma visão especial, com certeza. Diana, que também era sua amiga de quarto no hotel, dormia ainda profundamente. Ela não queria incomodá-la, então resolveu tomar um banho rápido e descer para o café, pois não conseguia mais ficar no quarto pensando no encontro que teria logo mais no início da noite. Aquilo a estava consumindo. Como uma coisa tão banal pode mudar tanto em poucos meses? Convivera tanto tempo com Lukas, e agora tinha receio de vê-lo. Sentia-se totalmente insegura.

No café havia pouca gente ainda. Era um sábado e ninguém queria acordar cedo. Natural. Tomou seu café quente, comeu um croissant, depois uma pequena *tarte aux pommes de terre*. Que delícia! Tão tradicional aquela tortinha de maçã. Só os franceses sabiam prepará-la tão bem. Depois de terminado, voltou ao quarto. Diana ainda dormia. Estavam mesmo cansadas da semana corrida. Se não estivesse preocupada, teria dormido a manhã toda também. Porém era inútil ficar ali. Escreveu um bilhete para a amiga e decidiu ir à Notre Dame. Precisava conversar um pouco com Deus. Afinal, fazia tempo que não visitava uma igreja e seria bom. Diana também não ficaria muito chateada, visto que não era nenhuma devota. Logo voltaria.

Desceu à recepção, pegou um mapa turístico, pediu algumas informações e decidiu seguir a pé. A igreja não era tão perto, mas dava para ir caminhando e apreciando o local e as pessoas, que começavam a surgir pelas calçadas, nos cafés e jardins. Depois de cerca de meia hora, avistou a igreja, imponente, na Île de la Cité, margeada pelo rio Sena. Como era linda! Com suas linhas góticas, enfeitada por aquele maravilhoso vitral conhecido como Rosácea, de treze metros de diâmetro. Com certeza, antes de se dedicar à oração, era impossível não ficar admirando toda a beleza daquele templo de quase novecentos anos. Magnífico.

Sentou-se em um banco mais ao fundo. Uma missa estava prestes a começar. Não era muito adepta de missas, mas resolveu ficar ali por um tempo, realizando suas preces. Todos foram lembrados. Orou por sua família. Sua mãe, irmãos, cunhados e sobrinho. Todos estavam bem, mas já sentia saudades deles. Depois agradeceu por tudo que estava vivendo, a realização de um sonho, o desenvolvimento de sua carreira, por ter a oportunidade de estar ali agora. Estava grata por tantas graças. Também pediu ajuda para o encontro com Lukas. Pediu a Deus que a orientasse nas dúvidas de seu coração. Que a ajudasse a ter uma visão clara de que caminho seguir, se isso fosse possível. Olhou para seu pingente e o segurou

com fé. Depois agradeceu pela presença de Erik em sua vida, por ele ser tão bom para ela e por Deus tê-lo colocado em seu caminho. Essa situação dúbia, apesar de difícil, era boa para entender melhor o que sentia. Tendo a comparação como sua aliada, seria mais fácil, apesar de que, dependendo do que acontecesse, alguém poderia sair machucado. Não desejava isso a ninguém, nem mesmo a ela, pois essa também era uma possibilidade. Por isso pediu que fosse feito o melhor para todos os envolvidos, não importando o desfecho final.

A missa seguia ainda quando resolveu sair. A igreja estava cheia. Quando deixou a catedral, notou que mais algumas pessoas fizeram o mesmo movimento. Uma mulher com um bebê de colo que chorava; um jovem despojado com jeito de artista; um senhor de boina; e um provável imigrante turco. Voltou às ruas. Foi seguindo pelas calçadas, fazendo outro caminho desta vez para ver coisas novas. Olhou algumas vitrines, entrou em uma loja com artigos de bebê, não resistiu aos pequenos ursos polares que enfeitavam a vitrine. Levaria um para Douglas. Ele adoraria. Era lindo!

Resolveu parar em uma barraquinha que vendia crepe de creme de chocolate com avelãs. Aquilo era tão bom. “Meu Deus!” Como fazia tempo que não sentia aquele sabor. Sentou-se em um pequeno banco para degustar seu doce. Do outro lado da rua, viu o jovem artista dentro de uma loja de discos antigos. Que coincidência! Era o rapaz da igreja. Usava uma roupa preta, um gorro que escondia seus cabelos e óculos escuros bem pequenos. Terminou sua refeição e voltou para o hotel, não dando importância para aquilo.

Diana estava de pé desta vez.

“Nossa! Você acordou cedo, hein?”

“Perdi o sono.”

“Eu sei por que. Relaxa. Nada acontece por acaso. Se você está nessa situação é porque tem que passar por isso para resolver.”

“Eu entendo, mas está difícil pra mim. Não sei por que estou assim. Não devia.”

“Por que não faz o seguinte? Vá para o jantar pensando que tudo entre vocês está terminado e que agora você está com o Erik. Você nem sabe como está a vida amorosa de seu ex. E se ele vier te dizer que vai se casar com outra?”

“Que horror, Diana! Isso é coisa que se diz a uma amiga?”

“Bem, já dá pra deduzir que isso te deixaria possessa. Então você ainda gosta dele.”

“Acho que sim. Claro que sim! Eu não o esqueci. E estou com medo sim do que ele quer me dizer. E por outro lado, tem o Erik, que eu gosto muito também. Não sei onde isso vai acabar.”

“Você tem falado com o Erik?”

“Muito pouco. O fuso horário deixa nossa conversa bem truncada. Mas ele volta este fim de semana para Copenhague. Foi até bom ele estar bem longe neste momento. Me deixa mais tranquila...”

“Bom, amiga. Mais tarde você terá algumas respostas. Pena que você não vai viajar com a gente. A turma vai ao Palácio de Versalhes logo após o almoço e você não pode porque tem compromisso no início da noite. Chata! Passamos a noite lá e voltamos amanhã à tarde.”

“Pois é! Mas tudo bem. Vamos almoçar então? Pelo menos fico com vocês um pouco. Deixa eu pegar minha bolsa.”

“Vamos! Cadê a galera?”

## Capítulo XXXII

### Devaneios

Voltaram do almoço, que foi uma delícia por sinal. Diana fechou sua mochila, arrumou os cabelos, passou um batom e saiu.

Sophia tinha ainda algumas horas até seu encontro. Lukas a pegaria ao entardecer. Ela resolveu então ler alguns materiais de trabalho que precisavam estar na ponta da língua na segunda-feira de manhã. Isso levou algum tempo e ao término, resolveu se arrumar. Tomou um banho de banheira bem relaxante, com óleos finos com cheiro de laranja e gengibre. Ela adorava essa combinação. Ficou um bom tempo curtindo aquele momento só seu. Colocou uma música ao fundo. Música francesa. Estava se sentindo chique com tudo aquilo. Até riu de si mesma.

Depois do banho, passou um creme no corpo todo. Fez uma maquiagem suave nos olhos. Ajeitou os cabelos. Nesse ritual, parou para pensar por que estava se cuidando tanto? Seria por que estava interessada no ex ou para mostrar que continuava linda e poderosa? Não conseguia decidir a verdadeira razão e por vezes se achou ridícula naquela situação. Parecia uma adolescente preocupada demais com sua aparência.

Escolheu um tubinho básico até o joelho para vestir. Um scarpin também preto dava o toque final. Além é claro de sua inseparável bolsa. Só tinha trazido uma e ela tinha um tamanho médio e estilo que combinava com um look mais casual ou mais requintado. Afinal, não dava para carregar tanta bagagem, então tinha que se virar. Decidiu tirar algumas coisas de dentro dela para não parecer muito cheia. O problema é que sempre se coloca algo a mais e não se tira nada. Quanta coisa! Tirou papéis inúteis, outra bolsinha com um óculos de sol, algumas chaves, um creme para as mãos, outro para os olhos. Nesse instante, seu celular recebeu uma mensagem. Ela largou tudo e foi ver. Era Lukas pedindo para que ela descesse, pois estava no saguão aguardando-a. Ela teclou um ok, fechou a bolsa e bateu a porta.

Entrou no elevador e lembrou que não havia passado um perfume. Caramba! Como esquecera? Abriu a bolsa rapidamente e ainda sobrara algo lá. O perfume de Nate estava andando com ela há mais de uma semana para todo o lado. Será que ele vai notar se eu usar um pouquinho? Não teve dúvidas. Pegou a embalagem, puxou a fita cuidadosamente, a abriu e, que dificuldade, aquela tampa não abria de jeito nenhum. Forçou mais um pouco e mais, até que conseguiu retirá-la. Borrifou dois pequenos jatos em direção ao rosto e colo. Fechou tudo, saiu do elevador.

Já avistara Lukas próximo ao balcão da recepção. Ele lia um folheto enquanto a esperava. Vestia uma calça cáqui, camisa branca e um blazer marinho. Estava elegante como sempre. Os cabelos castanhos um pouco mais compridos, mais desalinhados, dando-lhe um ar despojado. Acho que era um look bem nova-iorquino. Ele estava diferente. O coração de Sophia batia mais acelerado do que o normal e ela sentiu uma pequena falta de ar passageira.

“Oi, Lu!”

“Sophia!” disse ele abrindo um sorriso enorme e lhe dando um abraço apertado e longo.

Ela sentiu um arrepio com o seu toque, como se toda uma história voltasse e batesse em sua porta com força, de uma só vez. Um pequeno filme passou em sua mente rapidamente.

Depois dos cumprimentos usuais, com elogios partindo de um para o outro, entraram no táxi que os esperava e foram para um restaurante a algumas quadras de distância. O local era bem aconchegante e tradicional. Era conhecido pela sua sobremesa principalmente, o *mille feuille*, mil folhas com creme *patissière*, doce francês delicioso e mundialmente conhecido. O restaurante tinha uma decoração bem austera em madeira e veludo vermelho e existia há algumas centenas de anos. Coisas de Paris.

Sentaram-se a uma mesa de canto, onde podiam conversar à vontade. Ele começou:

“Vejo que você não se separou dele,” disse apontando para o pingente em formato de cristal de gelo que havia lhe dado.

“Nunca! Além de lindo, lhe prometi que o usaria sempre. Transformei-o em meu amuleto da sorte e de proteção!”

“Fico feliz. Você continua linda!”

Ela corou. E respondeu:

“Você também está muito bonito. Mais adulto me parece. Não sei...”

“Acho que estou só um pouco mais velho. Até já começo a sentir dores que não tinha antes,” disse ele rindo.

Pediram um drink e alguns aperitivos antes de iniciarem o jantar. E ficaram conversando sobre suas novas vidas em seus trabalhos por alguns minutos.

Sophia sentiu uma pequena pontada na cabeça e soltou um pequeno “ai”. Lukas perguntou se ela estava bem e ela disse que não era nada. Mas algo que ela nunca poderia imaginar estava começando a aflorar em sua mente.

Pediram o prato principal e, enquanto ele não chegava, a conversa passou para um plano mais pessoal.

“Que bom te ver, Lukas. Nunca imaginei encontrá-lo aqui...”

“Eu queria muito te ver. Estava com saudades de você e queria ter certeza que estava bem.”

“Estou ótima. E você, o que o trouxe realmente a Paris?”

“Vim para uma reunião com um cliente da agência. Acharam que seria importante minha presença aqui.”

Nesse momento, Sophia teve um flash em sua mente de uma mulher ruiva de olhos verdes com Lukas em Paris. O que era isso? Que coisa estranha. Ela aproveitou e perguntou:

“Você veio sozinho?”

“Não. Vim com uma colega de trabalho de origem francesa...”

Céline! O nome veio à sua mente com força total. E mais, ela ouviu ‘jantar mesa dezoito saindo’. Era sua mesa. A comida estava chegando.

“Qual o nome dela?”

“Céline!”

“Meu Deus!” Ela tinha recebido essa mensagem de algum lugar. O garçom chegou com a comida. O que estava acontecendo? Ela estava tentando disfarçar, mas dava para perceber que estava um pouco agitada.

“Está tudo bem, Sophia? Você parece um pouco preocupada.”

“Não. Estou cansada, só isso. Vamos comer...”

Começaram a comer e ela sentia um sabor totalmente novo que vinha de seu prato. O vinho branco também tinha outro aroma. Sentia tudo que os sommeliers falavam sobre um vinho com sabor frutado, de uvas crescidas em altitude, envelhecido em tonéis de carvalho e tudo o mais. Tudo estava exacerbado. Como se a vida tivesse sido preta e branca até ali e agora tivesse cores. O que estava acontecendo com ela?

Lukas a observava e sentia que alguma coisa estava acontecendo. Ele se perguntava se ela sabia de alguma coisa sobre ele e Céline, porque o nome dela fora a única coisa que perguntara a ele com decisão. Seu relacionamento com Céline continuava. Ela era uma boa pessoa e sabia como deixá-lo mais tranquilo. Inclusive nessa noite, sabia que ele iria encontrar com Sophia e deixou-o tranquilo quanto a isso. Ela sabia de seu potencial e que se ele quisesse ficar com ela, nada mudaria isso, nem Sophia.

“A Céline é bem segura, não? Deixar você me encontrar e nem se preocupar. Que mulher forte!”

Depois que ela disse isso, Lukas quase engasgou. Ela mesma só percebeu o que disse depois. Não tinha noção de como estava se comportando.

“Sophia, você está me assustando. O que você está querendo dizer com isso?”

“Vocês estão juntos não é mesmo?” disse com a maior naturalidade, sem demonstrar nenhuma emoção.

“Estamos, ou não. Não sei. Ficamos juntos há algum tempo e estamos assim, sem maiores pretensões.”

Ele havia planejado encontrar Sophia para ver se ainda tinham uma chance juntos. Para ver o que faria em relação à Céline. Ele ia chegar nessa discussão mais pra frente, mas não teve tempo.

“E você veio ver como nós estávamos antes de tornar isso mais sério, não é?” Ela dizia as coisas sem pensar. Não conseguia segurar só pra si mesma.

“Você tem me espionado? O que é isso? Como você está dizendo essas coisas?”

Nesse momento, ela passou a escutar vários comentários em outras línguas, vindos das mesas ao seu redor. Algumas delas tinham pessoas conversando, outras não e mesmo assim ouvia frases e conversas em profusão.

“Nada disso, Lukas! Eu não sei o que está acontecendo comigo e nem por que estou dizendo essas coisas. Eu só sei que é algo muito estranho. Acho que estou tendo um delírio. Desculpe-me, mas preciso ir ao toilette lavar o rosto. Já volto.”

Ela se levantou, deixando seu ex-namorado perplexo na mesa, pegou sua bolsa e seguiu para o toilette. Chegando lá, lavou o rosto e respirou fundo. Não devia ter feito isso, pois sentiu cheiros fétidos daquele ambiente que nunca havia sentido antes. Escutou todo o caminho que a água da pia percorria pelo cômodo. O que era isso tudo? Ela estava sendo possuída por algum espírito? Estava ficando louca? O

que acontecia?

Ouviu também alguém encostado à porta do toilette, do lado de fora. Achou que era Lukas que tinha vindo ajudá-la. Abriu a porta e saiu. Que surpresa! Era novamente o rapaz descolado que havia visto na igreja e na loja. Ele virou-se para ela e disse em inglês com um sotaque bem pesado:

“Você vem comigo. Não faça nenhum movimento suspeito. Vamos sair pelos fundos.”

Ele estava com uma pequena arma, que encostou em sua cintura discretamente. Ela ouvia uma língua estranha vindo dos pensamentos dele, mas não conhecia. Parecia húngaro ou algo do leste europeu. Ele tinha cheiro de charuto e também de balas de menta, podia sentir essa mistura que emanava de sua roupa. Devia ter algo disso nos bolsos. Conforme foram seguindo, ela já podia ouvir um carro ligado do lado de fora e algumas vozes. E Lukas? O que ele pensaria? Ela não tinha nenhum modo de avisá-lo sobre o que estava acontecendo. Só uma coisa restava a fazer, apesar de sentir imensamente. Fingiu arrumar os cabelos e abriu a corrente com o pingente. Ela escorreu para dentro do vestido e deslizou por suas pernas caindo no chão. Ele haveria de encontrá-la e entender que algo não estava bem.

Mais alguns passos e saíram para um beco nos fundos do restaurante. Uma ambulância a aguardava com um motorista e mais uma pessoa que parecia um enfermeiro. Seu algoz a mandou entrar. Ela não sabia mais o que pensar. Estava exausta. Conforme o carro seguia, ela ouvia sons e mais sons, sentia cheiros absurdamente fortes, via as cores das luzes da noite de uma forma totalmente nova. O rapaz pegou sua bolsa e despejou tudo que tinha dentro dela. Quando viu o frasco de perfume, pegou-o na mão e perguntou:

“Você usou o perfume?”

“O que tem se eu usei ou não? Quem é você, o que você quer? O que está acontecendo comigo?”

Ele virou para os outros e falou algo naquela língua estranha. Depois pegou seu celular, ligou para alguém e disse em inglês:

“Ela usou o perfume. Está conosco.”

A pessoa do outro lado limitou-se a dizer que ele sabia o que fazer.

Sophia gelou. Será que iria morrer. Por que estava vivendo tudo aquilo? Por que ela? O que foi que ela fez?

Ele pegou um pedaço de pano que molhou com uma substância que a fez revirar o estômago, por causa de sua super sensibilidade, e falou:

“Está na hora de você dormir.” Colocou o pano em sua face e ela se debateu, tentando se livrar daquilo, mas seu corpo não respondia como antes, ela desfaleceu...

Devia ter-se passado cerca de dez minutos desde que ela saíra da mesa. Lukas já havia ido procurá-la, pois estava preocupado com sua demora e estranho comportamento. Ele não a encontrou no toilette. Perguntou a um garçom se a havia visto, descrevendo-a. O mesmo lhe disse que não. Ele seguiu pelo corredor um pouco mais e avistou o brilho no chão. Pegou a peça nas mãos, desesperado.

“Ela não largaria isso aqui. Alguma coisa de ruim aconteceu. Preciso alertar a polícia.”

Ele não sabia o que pensar. Estaria ela usando drogas? Ou tinha passado por algum stress? Por que se comportara tão estranhamente? Como sabia coisas sobre ele, se não o via há tanto tempo? Ele não tinha respostas para tantas dúvidas. Nem ela.

Restava agora a ele rezar para que ela fosse encontrada sã e salva. Nesse momento um senhor veio em sua direção e disse:

“Lukas? Vamos pagar a conta. Você precisa vir comigo.”

## Capítulo XXXIII

### *Good Morning, Sir!*

Sophia acordou em um quarto cinza, sem janelas, com luz artificial por todo lado. Estava deitada em uma cama como a de um hospital, ligada a um monitor cardíaco e mais aparelhos e vários eletrodos espalhados em seu corpo e cabeça. Em seu braço havia um curativo, o que significava que haviam tirado sangue dela.

Sentia como se estivesse de ressaca, com forte dor de cabeça e muita sede. Ao lado da cama havia uma mesa com uma garrafa d'água. Bebeu alguns bons copos antes de pensar em qualquer coisa. Ela não entendia o que tinha acontecido, mas sabia que o 'perfume' tinha sua culpa. Aquilo não era um simples perfume. E por que Erik tinha pedido para ela levar aquilo sabendo dos riscos? Tudo estava muito mal explicado e ela queria entender.

Ela não sabia se ainda era capaz de ouvir algo ou se seus sentidos continuavam sensíveis. Parecia que havia voltado ao normal, mas não tinha certeza. Onde estava? O que seria feito dela? Afinal, se aquelas pessoas eram do mal, ela estaria em grande perigo. A porta se abriu.

“Bom dia, Sophia!”

Era uma enfermeira bem bonita. Ela não estava entendendo nada. Será que aquilo era mesmo um hospital?

“Onde eu estou? Quem é você? Que lugar é esse?”

“Calma! Não precisa ter medo. Veja!” A mulher tirou uma carteira do bolso e mostrou a ela. Era um distintivo da Interpol, oficial Wilkinson. “Meu Deus!” Cada vez as coisas ficavam mais confusas na mente dela. Isso era surreal! Não podia ser verdade!

“Interpol? Como assim, Ms. Wilkinson?”

“As coisas saíram do controle. Por isso estamos sendo apresentadas. Infelizmente preciso lhe dizer que isso não é bom pra você, pois quanto mais souber, mais envolvida estará e correrá riscos, mas não podemos deixá-la fora disso. E também precisamos de mais informações que você pode ter.”

“Como posso ter certeza de que você não está mentindo?”

“Não pode, mas como não tem em quem confiar no momento, eu sou a única pessoa em quem você pode fazer isso.”

“Concordo! Pois bem, tente me convencer, sou toda ouvidos.”

“Ontem você fez uso da substância que batizamos de Extra Sensory Extract 21<sup>st</sup> Century ou ESE21C. Não tínhamos muitas informações a respeito, somente que estava sendo desenvolvida em alguma local na Escandinávia e daí partiu nossa investigação há mais de um ano.”

“E o que é isso exatamente?”

“É um elixir sintético. Ou podemos chamar simplesmente de uma droga desenvolvida em laboratório que tem a capacidade de transformar a percepção sensorial de uma pessoa comum em algo extraordinário.

Acho que você conseguiu perceber o que ela é capaz de fazer.”

“Com certeza. E foi incrível.”

“Quando você chegou aqui, colhemos amostras de seu sangue e fizemos vários exames que nos mostraram a alta taxa de exposição a que seu corpo foi submetido devido à droga. Não tínhamos conhecimento de uso em humanos. Você é a primeira pessoa que conseguimos analisar. Sua atividade cerebral estava muito alta. Podemos dizer que alcançou uma utilização em torno de 25%, enquanto o padrão dito normal é de 10%. Por esse motivo, entrou em um nível tão elevado de percepção. Diga-me, você era capaz de ler pensamentos, ouvir melhor, sentir mais cheiros?”

“Sim! Tudo ficou extremamente vivo à minha volta. Mas ouvir pensamentos foi o mais assustador...”

“Então imagine o poder que essa droga teria em mãos erradas. Nossa desconfiança é que isso esteja sendo desenvolvido para abastecer alguns quartéis gerais de polícias secretas. Aquele que pagar mais, vai levar. Assim como um leilão, onde aquele que a tiver, obterá uma vantagem extraordinária sobre qualquer outra nação. Isso é muito perigoso.”

“Mas agora está em suas mãos. Seu governo também vai querer usar. Isso não é muito justo, é? Quem me diz que vocês não farão mau uso disso?”

“Você tem razão. Porém há que se considerar que seu uso pode ser para o bem ou para o mal. Se cair em regimes criminosos que existem em tantas regiões, isso irá causar muitos estragos.”

“Tenho algumas perguntas muito importantes e preciso de respostas!”

“Vou tentar te ajudar. Pode começar.”

“A empresa em que trabalho é realmente quem está desenvolvendo isso?”

“Não sabemos ainda. Pode ser somente que pessoas da empresa estejam envolvidas, mas talvez não esteja sendo desenvolvido lá com consentimento da holding.”

“Meu chefe, Erik Thorsen, pode estar envolvido?”

“Sim e não. Sabemos de seu relacionamento com ele e por isso sua preocupação. ‘Será que ele está me usando?’ deve ser sua pergunta neste momento. Não sabemos. Ele está sendo vigiado há meses, pois é uma pessoa poderosa na Søstjerner, mas não temos dados conclusivos.”

“Desde quando vocês me seguem?”

“Desde que chegou a Copenhague. O interesse de Erik em você a transformou em um alvo.”

“Eu devia entregar esse perfume para o melhor amigo dele em Londres, Nathan Sanders. Isso prova que Erik está envolvido. Ele que me mandou entregar.”

“Ele deu o frasco em suas mãos?”

“Deixou-o em minha mesa com um bilhete.”

“Então pode não ter sido ele. Todas as possibilidades existem. Inclusive não sabemos se o perfume vai chegar a Nathan ou se você será abordada antes. Podem roubá-lo no caminho. Não sabemos de tudo ainda. Essa facção é muito obscura. Temos pistas, mas não temos certezas. Você é uma peça chave para nós, pois se transformou numa ponte.”

“O que faremos agora?”

“Você voltará para sua vida normal. Sairá daqui para o hotel antes que Diana chegue. Não levantará suspeita.”

“Mas e tudo que houve ontem? Se alguém estiver me seguindo, já sabem sobre vocês...”

“Não se preocupe. Fizemos tudo para nada ser percebido. Ontem você teve uma alergia aguda de um alimento que consumiu no restaurante e saiu direto de lá para o hospital com seu ex-namorado.”

“Meu ex-namorado, Lukas. Ele está bem? Ele precisa ser avisado que estou bem.”

“Ele está aí fora e vai levá-la de volta ao hotel. Conversamos com ele e sabe até onde pode saber. Ontem nosso agente estava vestido como ele, com certeza você não percebeu, não é mesmo? Tudo sob controle.”

“Meu Deus! Incrível! Mas por que ele me levou com uma arma? Me fez apagar na ambulância?”

“Para facilitar sua saída de lá. Não havia tempo para explicações e precisávamos cuidar de você o mais rápido possível. Agora vou chamar Lukas e deixá-la conversar com ele rapidamente. Este quarto não tem escutas e nada que possa causar problemas. Saindo daqui, você deve se policiar sobre o que falar. Recolocamos o frasco dentro de sua bolsa para você seguir para Londres e estaremos perto de você todo o tempo. O conteúdo não é mais a droga. Agora não haverá problemas se você experimentar de novo. Por que você foi fazer isso, garota?”

“Porque tinha achado o perfume delicioso em Erik e gosto de perfumes masculinos. Como me esqueci de passar, usei um pouco desse. Falando nisso, ele ter comentado sobre o perfume fazia parte de algum plano, não é mesmo?”

“Pode ser que sim, mas não podemos dizer que ele fez isso. Ele realmente recebeu uma amostra do novo perfume, mas você ser envolvida nisso, pode ter sido o objetivo de outras pessoas.”

“Sabe por que eu?”

“Porque você está acima de qualquer suspeita. Uma garota comum, vinda de outro continente, viajando pela Europa através de uma empresa renomada, com um estágio perfeito. Não levanta suspeita e tem passe livre. Difícil dar errado. E caso fosse pega, como não possui antecedentes, poderia se livrar mais facilmente de acusações. E se não pudesse, não seria alguém importante para a corporação. Ou seja, você é de certa forma alguém descartável para eles.”

“Que bom saber que sou descartável. Que coisa triste!”

“Infelizmente nesse submundo, ninguém dá importância à vida de ninguém.”

“Mas... eu não poderia fazer uso da droga mais uma vez quando estiver junto a Erik, Nate ou outros suspeitos?”

“O risco é muito grande. Ela não está totalmente pronta para uso. Você usou uma pequena quantidade e viu o que aconteceu. Poderia ter dado errado. Não podemos expô-la novamente ao seu uso, além de que você acaba perdendo a noção real das coisas e falando mais do que deve. Se a pessoa vir que está lendo sua mente, você é carta fora do baralho.”

“Ok. Obrigada por me ajudar Ms. Wilkinson.”

“Você que tem nos ajudado, querida. Lembre-se: estaremos por perto. Por enquanto, queremos que leve isto com você. É o que podemos lhe dar para ajudar.”

Ela lhe entregou seu crachá da Søstjerner.

“Mas... como vocês têm isto?”

“Não é o seu. Fizemos outro com algumas mudanças. Aqui é como um botão de emergência. Se estiver em situação de vida ou morte, aperte. Além disso, possui um chip que nos ajudará a localizá-la rapidamente. E um transmissor. Caso queira que recebamos alguma informação, acione este símbolo que a conversa será transmitida para nossos computadores.”

Quanta informação em um simples crachá. Ela estava até atordoada com tudo aquilo.

“Obrigada!”

“Espero vê-la em breve quando tudo se resolver. Lukas vai falar com você. Não diga nada do que conversamos. Ele tem informações pontuais somente, como quem somos, que você foi exposta a uma droga, que estamos em investigação, mas não tem maiores detalhes. Ele sabe que não pode lhe fazer perguntas.”

“Está bem.”

## Capítulo XXXIV

### Querido Lukas

Sua cabeça estava girando. Aquilo era verdade? Como estava envolvida em algo tão surreal? Esse tipo de coisa só se via na TV, não na vida real. E agora lhe caía uma grande dúvida em relação à Erik, seria ele vilão ou mocinho? Estaria com ela só por causa de seu plano sórdido? Ela não havia falado com ele sobre o perfume. Será que ele tinha ou não enviado a encomenda para ela? Tudo era bem estranho. Naquele dia, ele tinha ido viajar, então não teria conseguido falar sobre aquilo com ele. Passado algum tempo, havia uma grande possibilidade de não comentar sobre o assunto, que foi o que acabou acontecendo, pois ambos tinham viagens e compromissos e devido ao fuso horário, suas conversas limitaram-se a algumas mensagens por celular dizendo um ‘oi’, ‘bom dia’, ‘como está?’. Mas quem quer que tenha planejado aquilo, teria se arriscado. Se não era ideia de Erik, e ele não soubesse de nada, quando falassem sobre isso, a chance de tudo dar errado era grande. E Nate? Por outro lado, Nate poderia estar envolvido. Se ela realmente entregasse o frasco para ele em Londres, isso comprovaria. Logo ela saberia. E se ele o pegasse, Diana corria risco. Seu pequeno envolvimento com Nate teria que acabar de alguma forma. “Nossa!” Quanta coisa pra pensar...

Mas também havia outras possibilidades. Será que devia desconfiar de todos agora? Sentia-se extremamente frágil e desprotegida nesse momento. Diana era mesmo sua amiga? Havia ajudado Erik a conquistá-la. Estava um pouco envolvida com Nate. E seus colegas de trabalho? Eram tantas pessoas e todas agora eram suspeitas para ela. Não sabia o que pensar.

Nesse instante a porta se abriu e Lukas entrou no quarto. Não desconfiava dele porque lera sua mente e nada sobre a droga, planos, etc., surgira em seus pensamentos. Não havia como ele esconder.

Ainda vestia a mesma roupa e estava com uma cara péssima. Mas assim que a viu abriu um sorriso e falou:

“Bom dia, meu amor!”

Sophia retribuiu o sorriso e pediu que ele a abraçasse. Nesse momento começou a chorar e lhe pediu desculpas. Ele entendeu seu comportamento. Ela pedia desculpas por envolvê-lo em tudo aquilo e não ter como evitar. Também por ter invadido sua privacidade de modo tão forte e insensível. Ficaram abraçados até ela se acalmar. Ela sentia ali uma ligação forte. Sabia que ainda o amava, mas tinha Erik. Não sabia o que faria. Ela disse:

“Desculpe por te envolver nisso. E desculpe por falar tanta coisa ontem. Era mais forte do que eu.”

“Eu entendo. Já sei tudo que posso saber. Só me preocupo com você demais. Não sei como vou poder ir embora daqui e deixá-la assim. Se algo acontecer, não vou me perdoar nunca.”

“Fique tranquilo. O que tiver que ser, será. Vou me cuidar e eles estarão por perto. E fico muito mais tranquila vendo você longe disso tudo.”

Ele retirou do bolso a corrente que recolheu no chão do restaurante.

“Aqui está sua proteção. Ela te ajudou mais uma vez. No final deu tudo certo. E se não fosse assim, eu moveria céu e terra para te achar.”

Ela recolocou o colar. Olhou para ele e disse:

“Preciso te dizer uma coisa. Como fui tão indiscreta e vasculhei sua mente, você tem o direito de saber sobre mim. Eu estou envolvida com uma pessoa também. Não sei como isso vai terminar, mas quero te dizer que você é muito importante pra mim. Eu vou te amar pra sempre.”

“Eu também te amarei.”

Eles chegaram mais perto e ele lhe deu um beijo com muita ternura e carinho. Foi algo diferente para ambos. Teve um sabor especial depois do que passaram. Ela estava dividida.

“O que vai dizer a Céline? Ela vai achar que você passou a noite comigo.”

“Ela está visitando os pais que moram fora de Paris. Não saberá de nada, fique tranquila.”

Um médico veio vê-la mais uma vez. Solicitou a retirada de todos os aparelhos a uma enfermeira para que ela pudesse partir. Um táxi já os esperava na porta do hospital. Lukas a deixou de volta ao hotel e seguiu para o seu. Um último aceno e lágrimas nos olhos de ambos puderam ser sentidas, sem serem vistas.

## Capítulo XXXV

### Ressaca

Passava das três quando Diana entrou no quarto de volta de sua pequena excursão.

“Boa tarde! Como você está amiga?”

Quando ela olhou em direção à amiga, seu tom mudou completamente:

“Amigaaa! O que aconteceu? Você está com uma cara péssima! Ficou doente? Está passando mal?”

“Tive uma alergia ontem no jantar. Fui parar no hospital...”

“Caramba! Mas você nunca teve nada disso...”

“Então. Eu também não sabia que era alérgica a escargots. Comemos isso no aperitivo...”

“Nossa! Nunca ouvi falar sobre isso. Mas e o encontro? Estragou tudo?”

“Até que não. Fui passar mal só durante o jantar, então já havíamos conversado bastante. E depois, o coitado do Lukas acabou indo comigo ao hospital. Veio ambulância e tudo. Que horror!”

“Que pena! Sinto muito que as coisas tenham sido tensas ontem. Achava que seria mais tranquilo e vocês poderiam se entender melhor. Mas de qualquer maneira, como é que foi?”

“Bem, o Lukas está saindo com uma mulher e eu com o Erik, então acho que não tem mais história pra nós.”

Sophia queria distanciar Lukas de qualquer perigo que pudesse haver, então deixaria claro a todos que perguntassem que eles não ficariam juntos.

“Puxa! Mas ele queria te encontrar pra que, afinal? Pra dizer que estava com outra?”

“Querida saber como eu estava e dizer isso sim. Não queria esconder de mim. Eu também falei a verdade pra ele. Acho que estamos empatados. E resolvidos. Foi bom ter essa conversa franca. Agora me sinto mais leve e tranquila, apesar do susto com esse choque alérgico. Nunca havia passado por isso!”

“Nossa! Quanta emoção pra uma noite. Sinto por você e Lukas, mas talvez tenha sido melhor. Assim você mergulha de cabeça na relação com o Erik e pode levar isso para outro nível.”

“Como foi o passeio? Gostaram?”

“Foi ótimo! Apesar de ter vindo para cá antes, nunca havia visitado o castelo. Adorei. Lindíssimo! Os meninos até posaram como se fossem estátuas nos jardins em meio às fontes. Você precisa ver as fotos que fizemos. Deixa eu te mostrar...”

Diana sentou ao seu lado e lhe mostrou algumas centenas de fotos hilárias. Com certeza a diversão havia sido grande. Enquanto via as fotos, Sophia analisava os comentários de sua amiga sobre sua aventura na noite anterior, tentando verificar se havia algo suspeito. A ideia de ser traída por ela a consumia. Isso não podia ser. Afinal sua amizade se iniciara em casa, antes da viagem. A não ser que Diana já fosse parte de algum plano maior ou a tivessem corrompido depois. O fato de ela ser descendente de dinamarqueses e ter maior intimidade com aquele país podia levantar algumas suspeitas a mais. Que situação mais chata

ter que ficar com um pé atrás sobre ela. Aquilo era perturbador. Em meio a tantos pensamentos, seu telefone tocou. Era Erik. Ele voltara do Japão naquele fim de semana. Devia ter chegado há algumas horas somente. Ela atendeu.

“Olá meu amor, como foi a viagem?”

“Sophia! Que bom ouvir sua voz. Você está bem? Sua voz está estranha.”

Ela estava um pouco exausta mesmo com aquilo tudo e ainda havia o fator desânimo e desconfiança impregnados em sua alma, então sua voz estava muito distante da animação usual. Porém, ela teria que fingir estar bem e teria que fazer um esforço para manter-se o mais natural possível.

“Tive um problema de saúde. Uma alergia alimentar forte. Fui até parar no hospital, mas agora estou bem.”

“Caramba! Onde você estava? A Diana te ajudou?”

“Eu estava jantando em um restaurante com um amigo de meu país que estava na cidade também. Diana estava em Versalhes. Mas ele me ajudou e já estou bem. Fique tranquilo.”

“Estou morrendo de saudades suas. Queria muito ver você. Vou tentar me programar para vê-la em Londres na semana que vem. Quem sabe podemos nos encontrar com Nate e aí saímos os quatro para jantar?”

“Sim. Isso é uma boa ideia. Poderíamos nos encontrar sim. Também estou com saudades suas. Queria poder abraçá-lo agora.”

“Durante a semana já conseguirei confirmar se vou ao seu encontro ou não.”

“Tá ótimo, querido. A gente combina tudo.”

“Bom, vou deixar você se recuperar, afinal amanhã você volta ao trabalho, e eu também preciso arrumar as coisas aqui e tentar me encaixar no novo fuso horário. Estou bem cansado e meio zozinho de tantas horas de viagem. Amanhã nos falamos com mais calma. Sinto sua falta. Te amo!”

“Eu também. Tchau, amor. Até amanhã.”

Havia sido o mais natural possível. Apesar de sentir certo desconforto em falar com Erik a essa altura, tinha se saído bem. Se ele fosse um farsante, ela ficaria extremamente chateada. Mas até agora não tinha provas, então não levaria isso em consideração. Prometera a Ms. Wilkinson que faria sua parte. Então era melhor começar.

Diana que estava andando pelo quarto durante a conversa lhe falou:

“Sô, o Erik pretende vir pra cá?”

“Pra cá não, talvez para Londres. Disse que se for, sairemos para jantar com o Nate.”

“Que ótimo! Assim o Nate vai ter que me encontrar de qualquer jeito, caso ele não queira.”

“Vocês têm se falado?”

“Sim. Falo com ele por mensagens. Estávamos combinando de nos vermos em Londres mesmo...”

“Você disse pra ele que tenho o perfume do Erik pra lhe entregar?”

“Não. Esqueci. Na próxima vez eu aviso.”

“Ok. Vai ser bom revê-lo.”

“Sim. Muito bom. Vamos ver se dessa vez a gente avança mais um sinal. O Nate é muito devagar...”

As duas riram do comentário de Diana. Dentro de uma semana teriam algumas respostas, não restava dúvidas sobre isso.

## Capítulo XXXVI

### Força Interna

A semana iniciou-se a todo vapor com seminários, reuniões e aulas nos escritórios da empresa. Também visitaram uma fábrica nos arredores da cidade, desta vez fabricante de componentes eletrônicos de computação. Tudo muito high-tech. Mais uma grande capacidade da marca dinamarquesa. Sophia sentia que eles ainda iriam dominar o mundo. Pra que tantos projetos e desenvolvimentos mundiais? Aquilo era muito complexo. Isso também a levava a crer que, se a droga estivesse sendo produzida em algum país onde tinham laboratórios e fábricas, com certeza seria muito fácil esconder o real objetivo do projeto. Afinal, eram tantas localidades e pessoas diferentes que era impossível controlar tudo. O presidente da empresa ficava na sede e se deslocava em viagens anuais visitando as filiais, mas isso não lhe daria a mínima certeza de que coisas fora da legalidade nunca seriam feitas em suas instalações.

Desde que experimentara aquele produto, ficara com uma pequena dorzinha de cabeça que insistia em aparecer bem lá no fundo. A substância certamente levaria algum tempo para ser totalmente eliminada de seu organismo, então devia ser normal. Sua concentração no trabalho estava um pouco errática, pois não parava de pensar em como sua vida havia virado de pernas para o ar em tão pouco tempo e por um ato tão inocente como borrifar um perfume. Mas ela tinha que ser firme. Tudo acabaria bem. E sentia-se protegida de certa forma. Era certo que agentes infiltrados estariam zelando por ela, pelos locais por onde passasse, então não havia o que temer. Pelo menos tentava pensar assim para não enlouquecer. Com certeza seria um desafio pessoal diário até ver tudo esclarecido.

Em Paris, o acontecimento social da vez era a inauguração de uma exposição no Louvre com novos itens do Egito Antigo, nunca antes mostrados, no meio da semana. A empresa era o patrocinador oficial, então eles estavam convidados para tão seletto evento. Na verdade, o programa que Sophia fazia parte era considerado um programa de elite. Dele saíam os futuros executivos de alto escalão da empresa, formados desde a base. Vários figurões começaram assim e essa era a política interna, valorizar quem crescia com eles. Por tal motivo, os participantes eram expostos a tão diversas situações, pois também eram testados em sua capacidade de representar a Søstjerner Holding em interações das mais variadas. Ela não estava com a menor vontade de participar do coquetel, mas não seria nada bom recusar o convite. Por isso, faria o esforço.

Na quinta à noite, uma van veio buscá-los para irem ao Louvre. Era bem perto de onde estavam hospedados, mas ainda assim a companhia insistiu em levá-los. Sophia, Diana e os colegas do grupo estavam muito bem vestidos, visto que seria uma noite importante na cidade. Autoridades locais discursariam assim como famosos arqueólogos egípcios e de outras nacionalidades. Ela adorava os mistérios do Egito Antigo e estava curiosa para ver a nova coleção.

A van estacionou em frente à fachada principal do museu. À noite, a pirâmide de vidro iluminada, dava

um ar ainda mais místico àquele lugar especial. Sophia adorava museus e já havia estado ali antes. Que bom seria poder voltar.

Poucos sabem, mas o primeiro palácio real naquele local data de 1190 e foi erguido para proteger a cidade de ataques vikings. Que ironia! Agora os vikings entravam e saíam livremente e ainda eram os patrocinadores de exposições. O mundo realmente mudou para melhor.

Acessaram o museu entrando pela pirâmide e seguiram para a ala da exposição. Ali, foi feito um anúncio pelo presidente do Louvre, seguido por um pequeno discurso do *Country Manager* da *Søstjerner* na França e ainda algumas explicações sobre as principais peças ali expostas, tarefa dos arqueólogos renomados presentes. Tudo muito cultural e interessante. Em seguida, iniciou-se o coquetel e a visitação. Sophia e Diana seguiram pelos corredores apreciando as peças. Era realmente soberbo poder ver aquilo tudo em primeira mão. Era uma dádiva vivenciar momentos como esses. Animadas pela curiosidade, foram se afastando da ala e adentrando outros setores da antiguidade. No setor babilônico, Sophia viu o Código Hamurabi, a pedra monolítica que encerra 282 leis e de onde se origina o Direito que temos hoje. O mundo da advocacia idolatra esse artefato. “Que magnífico poder revê-lo!” E pensar que ele realmente fosse capaz de regular ainda hoje as leis e fazê-las valer. Em um mundo com tanta maldade, sua importância figurativa era ainda maior. Sophia mentalizou pedindo àquela pedra que tivesse boa solução seu caso.

Sabia que seguindo mais um pouco, chegaria à estátua da Vitória de Samotrácia. A estátua deslumbrante de mármore branco com asas aladas e sem rosto que repousa sobre um bloco de mármore acinzentado que representa a proa de um navio ergue-se imponente ao final de uma escadaria enorme, a escadaria Darú. Ela sempre fora fascinada por aquela obra. Por sua magnitude, beleza, pela força que emana. Foram andando em sua direção até que a encontraram. Sophia ficava hipnotizada por sua imponência. E dizia para si mesma ‘Que eu tenha essa força. Que eu vença meus medos. Que isto seja somente mais um desafio para eu enfrentar. Que os falsos se revelem. Que eu triunfe como você, bela Vitória’.

Diana também estava deslumbrada.

“Que linda!”

“Para mim é uma das obras mais lindas deste museu. Ela me fascina sempre. Foi feita para exaltar a vitória dos gregos em uma batalha.”

“Vamos voltar, Sophia. Já deve estar na hora de partir.”

“Vamos.”

Em seu caminho de volta, foram encontrando várias pessoas que se espalhavam pelas salas. Numa delas teve quase certeza de rever seu amigo descolado da Interpol que a tirara do restaurante outro dia. Muito provavelmente era ele. Sentiu certo conforto com isso.

“Sô, o Erik falou se vem ou não para Londres?”

“Sim, confirmou hoje pela manhã. Nós partiremos de Paris no Eurostar na hora do almoço e chegaremos a Londres cerca de duas horas e quinze minutos depois. Ele partirá para lá na sexta à noite e nos pegará

no hotel depois que chegarmos.”

“Que legal. Será um final de semana bem divertido.”

Com certeza seria um final de semana bem divertido. Só não sabíamos para quem...

## Capítulo XXXVII

### Desilusão

A sexta-feira voou. Com tantos afazeres, as semanas nas capitais passavam muito rápido. A turminha resolveu ir ver um show no cabaré mais famoso de Paris, o Moulin Rouge. Fundado em 1889, é até hoje famoso por suas dançarinas de Can-Can. Sophia não foi. Disse a Diana que arrumaria as malas e dormiria cedo, pois havia tido uma semana desgastante. E tivera, realmente. Além de todos os problemas físicos que lhe aconteceram, ainda se deixou levar por incríveis pensamentos mirabolantes acerca de seus suspeitos. Não fora fácil para ela. E na noite anterior também dormira tarde por causa do coquetel. Precisava descansar, pois não sabia o que aconteceria no fim de semana e teria que estar preparada para qualquer emergência.

Diana a chamou de velha, preguiçosa e coitadinha, mas não adiantou. Nada feriu seu orgulho a ponto de sair para ver apresentações de Can-Can. Tinha absoluta certeza do que queria. Depois de arrumar a mala, tomou um banho quente de banheira, colocou um pijama, pediu uma comida no quarto e ficou tranquila, sozinha. Arrumando sua bolsa, viu a embalagem do perfume falso que a Interpol havia lhe dado e ficou olhando pra ela por alguns instantes, pensando que não tivera coragem de perguntar nada a Erik. E Diana também não havia dito nada sobre ter perguntado a Nate se sabia sobre o presente. Nesse instante seu celular tocou. Era Erik. Ela iria perguntar. Aquilo era muita coincidência.

“Alô.”

“Oi, minha menina linda. Como você está hoje?”

“Estou muito cansada. Nem saí com o pessoal. Estou no hotel, tomei um banho e estou esperando meu jantar chegar.”

“Acho que você fez bem em não sair. Descanse esta noite e amanhã nos vemos em Londres. Estou no aeroporto, aguardando o embarque.”

Era a hora de jogar a isca.

“Que bom. Amanhã à tarde estaremos juntos. Eu não vejo a hora de vê-lo. Estou morrendo de saudades... Aliás, agora me dei conta de uma coisa. No final, você está indo para Londres e poderia ter levado o perfume do Nate. Eu não precisava ter andado com ele por duas semanas...”

“Verdade. Desculpe-me, mas eu não tinha a menor ideia de que conseguiria fazer essa viagem. Mas o que importa agora é que vou te ver amanhã. Quero te abraçar, beijar, me divertir com você. E também quero fazer amor com você. Não vejo a hora!”

Sophia estava começando a ter uma imensa dor de estômago. Ele sabia do perfume. Então isso fazia dele um grande suspeito nesse plano perverso. Ela não queria acreditar nisso, mas as evidências estavam ficando cada vez mais fortes. Ela fez um esforço para aparentar normalidade.

“Eu também não vejo a hora de te abraçar. Eu te amo, Erik.” Nesse momento bateram na porta do quarto

com o jantar. Que bom, ela estava salva, pelo menos por hoje. Não conseguia mais fingir. “Preciso ir, meu jantar está na porta.”

“Ok. Vai lá, meu amor. Amanhã pego vocês no hotel. Boa viagem.”

“Está bem! Boa viagem pra você também. Manda um abraço pro Nate.”

Ela desligou, atendeu a porta, deu uma gorjeta ao garçom. Ao fechá-la, começou a soluçar. Ela não queria acreditar que ele era um criminoso. Ela relutava. Poderia estar enganada, mas era difícil. Em Londres, ele ficaria hospedado no apartamento de Nathan. Eles eram muito amigos. Se um estivesse envolvido, o outro também estaria. Mas o que era aquilo? Um complô? Já não sabia mais o que pensar.

Depois de muito tempo conseguiu se acalmar e comer alguma coisa do prato que já esfriara. Resolveu tomar um relaxante muscular para ter uma boa noite de sono, pois isto seria impossível sem um remédio.

Meia hora depois, apagou.

## Capítulo XXXVIII

### 300 km/h

Não viu a que hora Diana chegou. Somente acordou no dia seguinte às nove horas da manhã, sentindo-se refeita de tantos dias de stress. Fora uma boa ideia tomar o remédio, pois foi a única maneira de ter um sono profundo e de certa forma tranquilo.

Levantou-se, banhou-se e vestiu-se. Quando saiu do toilette, Diana já estava acordada e terminando de fechar suas coisas.

“Bom dia, Di! Como foi ontem?”

“Foi muito divertido. Os meninos ficaram bem ouriçados com as dançarinas. O jantar foi ótimo também. Muito pitoresco. Você fez falta!”

“Que bom que foi legal. Eu gostaria de ter ido, mas não dava. Eu precisava de um descanso. E acho que consegui uma boa recuperação. Estou me sentindo bem hoje.”

Diana foi até ela. Deu-lhe um abraço e um beijo no rosto e falou:

“Que ótima notícia, minha amiga. Eu estava preocupada com você. Quero te ver bem e você andou muito tristonha esses dias. Não sei se por causa do Lukas, ou do problema de saúde, enfim, estou feliz em ver você melhor. Eu adoro você. Você sabe, né?”

“Claro que sei, Di. Eu também adoro você. Não vou perder mais nenhum passeio agora. Pode contar comigo.”

“Acho bom!”

Diana tomou uma ducha rápida e desceram para tomar o café.

Meia hora depois já estavam de volta. Juntaram as malas, desceram, fizeram o check-out enquanto a van para a estação já aguardava do lado de fora. Tudo resolvido, se acomodaram no veículo e partiram em direção a Gare Du Nord, famosa estação de trens de Paris de cento e cinquenta anos. Pelas janelas, Sophia ia se despedindo da charmosa cidade, onde tivera incríveis experiências nos últimos dias e onde vira seu querido Lukas. Sentia que seus sentimentos por ele haviam se reforçado após o incidente. Tinha invadido sua mente de certa forma e somente vira boas coisas ali. Com certeza ele era uma pessoa que ela amava. Neste momento, sentia-se dividida. Lukas lhe passava a sensação de segurança, relacionamento para uma vida, mas certamente teriam que ceder mutuamente para ficarem juntos. Seu encontro com ele aflorou um turbilhão de sentimentos, de seu passado, seus anos felizes ao seu lado. Erik lhe mostrava um mundo novo, que a deslumbrava um pouco. Era bom e ele era como um prêmio da loteria para qualquer garota. Ela pensava que talvez fosse uma boa ideia se o destino resolvesse tudo para ela. Se ele fosse culpado, não poderia ficar a seu lado e não teria que tomar essa decisão por si mesma. Mas em caso de inocência, não sabia ainda o que faria sobre esse dilema que estava vivendo. Como a vida podia ser tão simples num dia e tão complexa no outro? E ainda havia muito a enfrentar.

Não era possível prever o que lhe aconteceria em Londres. Estava apreensiva. E continuava a questionar, por que ela? Não havia muita lógica nesse procedimento.

A van estacionou à porta da estação. Todo o grupo desceu, pegou as malas e entrou. Que surpresa tiveram! No saguão havia uma profusão de personagens saídos das mais diversas histórias em quadrinhos. Era muita gente fantasiada de figuras conhecidas e outras que nem tinham ideia de quem se tratava. Aparentemente estavam se dirigindo para Londres para uma feira estilo Comic Con bastante badalada. Era uma loucura a quantidade de gente estranha ali. A viagem seria uma louca aventura certamente.

Seguiram para a imigração, desviando dos multicoloridos participantes da suposta feira. Chegando ao detector de metal, colocaram seus pertences na esteira e passaram. Sophia aguardava sua bagagem e bolsa retornar, mas a policial verificou suas coisas duas vezes no visor de raios-X. Finalmente, deixou a esteira seguir, mas um agente veio até ela e pediu que abrisse a bolsa. Verificou os pertences, pegou a embalagem do perfume, olhou para ela, mexeu no resto e ainda disse que faria um teste para drogas. Passou uma espécie de cotonete em suas coisas, em sua roupa e o colocou em uma máquina que mostrou o resultado, liberando-a. Ela seguiu para o embarque.

O trem já estava parado na plataforma. Procuraram seu vagão, subiram, guardaram as malas e sentaram. Ele partiria em cerca de trinta minutos. Do lado de fora, continuava o desfile de gente estranha e dentro de seu vagão também havia algumas. Realmente era um dia bastante conturbado e a viagem seria bastante pitoresca. Desejou estar em um avião.

Fechou os olhos e tentou se concentrar, respirar e relaxar um pouco. Ela estava ansiosa. Mas tinha certeza de que tudo acabaria bem.

Logo o trem partiu. Em alguns segundos já estava a trezentos quilômetros por hora. Aquilo era muito legal. Dentro do trem, não se percebia tamanha velocidade. Incrível.

Uma hora depois, sentiu fome. Falou para Diana:

“Será que conseguimos algo para comer?”

“Claro! Tem dois vagões restaurantes. Podemos ir até um deles.”

“Então vamos! Preciso beber alguma coisa e comer um lanche.”

“Vamos!”

Começaram a passar de um vagão para outro. Em cada um deles, um monte de gente colorida. Alguns puseram suas máscaras, outros não. Por causa da viagem, tinham que estar com o rosto limpo, então não estavam maquiados ainda, apesar da indumentária corporal já estar em seu lugar. Que bizarro!

Chegaram ao vagão. Estava muito cheio. Gente e mais gente aguardando sua vez para pedir, pagar e tentar sentar. Parecia um bar provisório em um show, daqueles em que as pessoas ficam aglomeradas. Quase desistiram, mas a fome era maior. Finalmente conseguiram pedir um refrigerante e um salgado cada uma. Sophia pagou para as duas. Por sorte, quando já estavam decidindo voltar a seu lugar, duas pessoas saíram de uma mesa próxima à porta de passagem entre vagões e elas conseguiram sentar. A mesa era

para quatro, então a dividiram com outros dois que já estavam lá. Aliás, seres estranhos, uma boneca japonesa e um personagem de Star Wars. Que loucura! Conversaram um pouco até. Terminaram o lanche e seguiram o caminho. A essa altura estavam prestes a entrar no túnel embaixo d'água, onde ficariam por cerca de meia hora. Era bom não pensar muito nisso, pois era meio claustrofóbico.

Apesar de tudo, era mais uma nova experiência. Do outro lado, quando o sol surgisse de novo na janela, uma nova aventura começaria. Esperava que fosse boa. Ela tinha certeza que venceria, como a Vitória, que ficara no Louvre.

## Capítulo XXXIX

### Londres

O trem parou. Estação St. Pancras International. Mais um monumento em estilo gótico vitoriano da cidade. Linda. Desceram, passaram pela imigração novamente. Um aglomerado de gente por todos os setores. Depois de cerca de meia hora da chegada, já estavam acomodados na van fornecida pela empresa e seguiram para o novo hotel. Londres, ah, Londres... Tão bela, tão cosmopolita, tão livre. A cidade das quatro estações em um só dia. Felizmente chegaram com um pouco de sol, mas que certamente não duraria muito.

Instaladas no hotel, era hora de avisar os meninos que já estavam livres para encontrá-los. Sophia respirou fundo, imaginou uma aura de segurança à sua volta, e disse para si mesma ‘hora de ser o mais verdadeira possível, pelo menos, fingir ser.’ Ligou para Erik.

“Oi! Já estamos por aqui. E vocês, como estão? Podem vir nos buscar?”

“Claro que posso! Estou louco de saudades! Em menos de meia hora estaremos aí. Até já, amor!”

“Que bom! Até já. Estaremos esperando lá embaixo. Manda uma mensagem para sairmos pra rua quando chegarem. Beijo!”

“Ok!”

Passaram-se cerca de vinte minutos, quando Diana recebeu a mensagem em seu celular. Saíram e deram de cara com os dois sentados em um Aston Martin prata, último modelo, aguardando em frente à porta do hotel. Dentro dele, dois playboys. Isso era o mínimo que se podia dizer deles. Vestidos em um estilo casual chic, parecia que iam tomar um chá com a rainha. As meninas se olharam e até esboçaram um sorriso, pois pensaram a mesma coisa. Elas também estavam bem arrumadas, com vestidos bonitos que combinariam com qualquer que fosse a programação do sábado.

Assim que as viram, eles desceram do carro imponente. Erik correu até Sophia e a abraçou forte, erguendo-a no ar e dando-lhe um beijo apaixonado. Nathan, como um britânico típico, foi mais reservado, limitando-se a dar um leve abraço em Diana e um beijo carinhoso em sua face. Por ela, podia ter feito como Erik, que ela gostaria mais. Diana era bem passional, então ele estaria perdido em suas mãos caso esse relacionamento fosse pra frente.

Todos se cumprimentaram e Sophia perguntou:

“Onde vocês arrumaram esse carro? Parece saído de um filme do 007!”

“Aluguei assim que cheguei. Afinal aqui temos que andar como britânicos,” disse Erik.

“Britânicos milionários, você quer dizer. Ele é realmente maravilhoso. Adorei,” Diana comentou.

“Bem, vamos lá então. Vamos dar uma volta, comer alguma coisa,” Erik completou.

Nate e Diana foram para o banco de trás e todos partiram para um passeio.

“Como foi a viagem? Estão cansadas?” Nate perguntou.

“Foi boa. Mas tinha muita gente no trem. Todos fantasiados, vindo para a Comic Con. Estava meio bagunçado na estação,” Diana disse.

“Essa feira é bem grande. Por isso está assim. Tem todo ano,” Nate esclareceu.

Erik estava com um sorriso enorme em seu rosto. Toda hora olhava para sua maravilhosa namorada com uma sensação de orgulho. Ele realmente parecia amá-la. Dirigiu por algumas quadras até chegar a um píer no Tâmis. Estacionou e avisou:

“Todos pra fora. Vamos fazer um passeio de barco.”

Do píer partiam vários passeios pelo rio passando por pontos turísticos. Sophia achou que iam pegar um desses, mas os rapazes seguiram para outro barco que estava ancorado mais à direita. Era um pequeno iate, muito bonito. Chegando perto, foram recebidos pelo capitão e um marinheiro. Embarcaram e se fixaram na área externa de onde se podia ver muito bem o horizonte da cidade.

“O que é isso, Erik? Nós podíamos fazer o passeio normal como todo mundo...” Sophia falou.

“De jeito nenhum. Para meus amigos, sempre o melhor.”

Uma copeira chegou com taças e baldes de gelo com champanhes e em seguida trouxe bandejas de comidas deliciosas. O iate partiu pelo rio, em uma aventura turística. Passaria pelo Parlamento Inglês, a roda gigante London Eye, a Catedral de St. Paul, a Torre de Londres entre outras atrações ao longo do caminho. Tudo muito bem planejado, exclusivo, como Erik gostava. O tour começou e a conversa corria solta, tranquila, regada a bebida e caviar. Tudo muito sofisticado e divertido como sua vida tinha sido nos últimos meses. Uma ótima experiência entre amigos, não havia dúvidas. O único problema era que Sophia não sabia mais se aquela vida era para ela.

Depois de cerca de uma hora e muito champanhe, ela pediu licença e dirigiu-se ao toilette. No caminho, pensava que apesar de achar tudo maravilhoso, acreditava que podia ser um tanto exagerado viver assim enquanto tantos passavam necessidade em outras partes do mundo. Sentia que estava perdendo parte dos princípios que seu pai lhe ensinara com tanta sabedoria. Mas ela precisava se concentrar, então voltaria o foco em seu namorado e na experiência divina que ele estava proporcionando a todos. Tinha que ser assim, caso quisesse descobrir o que estava por trás de toda a armação em que estava envolvida. No toilette, lavou o rosto, limpando os lindos olhos azuis que demonstravam uma grande preocupação, quando se deu conta que não trouxera a bolsa consigo. Havia deixado para trás, no convés com eles. Ia voltar lá e entregar aquilo naquela hora. Já devia ter feito isso, mas esquecera. Queria prestar muita atenção nas reações e olhares de cada um deles. De volta ao convívio dos outros passageiros, viu a Torre de Londres passando. Foi até sua bolsa, abriu-a e disse:

“Nate, deixa eu te dar seu perfume antes que eu esqueça.”

“Perfume? Pra mim? Que perfume?”

Ele não sabia? Ou estava fingindo? Cada vez ela ficava mais perdida nessa história.

“Espera. Já vou te entregar e aí o Erik te explica.” Sophia jogou a responsabilidade para ele para ver o que diria. Olhou para Erik, que estava tranquilo aguardando.

Pegou sua bolsa, abriu e enfiou sua mão lá dentro. Não sentiu a embalagem pelo tato, então partiu para o contato visual. Remexeu na bolsa, a ponto de derrubar todo o conteúdo no sofá. Virou-se para Diana:

“Não está aqui. Você se lembra de vê-lo no hotel?”

“Não. A última vez que você mexeu na embalagem foi na imigração em Paris.”

“Meu Deus! Roubaram dentro do trem. Ou na estação. Erik, fui roubada! Não está aqui.”

Erik olhou pra ela e disse:

“Calma, Sophia, meu amor. Isso não é nada que não possa ser consertado.” Virou-se para Nate e completou: “Nate, pedi à Sophia que te trouxesse um perfume delicioso que a Søstjerner está lançando, mas pelo jeito alguém mais gostou dele. Mando outro pra você depois.”

“Mas não é possível! Eu cuidei tanto dele e agora nem sei quem pegou. Estou me sentindo muito mal com isso.” Sophia completou.

Diana então entrou no circuito novamente:

“Fica calma, você não tem culpa. Alguém deve ter pegado isso no trem mesmo. Depois o Erik vai enviar outro. Não fique chateada.”

“Sim! E eu nem queria mesmo...” falou Nate dando uma risada.

Sophia estava transtornada. Quem estava mentindo ali. Erik? Nate? Diana? Não era possível. Ela sabia a importância daquela entrega e agora todos estavam muito relaxados, apesar do sumiço. Quem garante que Diana não tivesse pegado assim que chegaram a Londres e entregue a alguém no hotel? Sob ordens de Nate ou Erik, ou ambos? Ela estava abismada com tamanha falta de interesse que eles demonstravam. Isso queria dizer alguma coisa. E o produto que alguém tinha subtraído não tinha valor nenhum, pois havia sido substituído. Ela sabia disso. Eles não. E quando soubessem, viriam atrás dela de alguma forma para descobrir. Os planos não estavam dando certo, ou estavam. Ela não sabia mais. Num acesso de confusão mental, álcool e raiva, ela falou:

“Erik, Diana, Nate! Parem com isso! Qual de vocês roubou o perfume?”

## Capítulo XL

### Discórdia

“Ninguém pegou o perfume, meu amor. Você foi roubada. Não se preocupe,” Erik falou.

“Sim. Provavelmente foi o que aconteceu. No trem, ou na estação. Estava uma grande confusão,” Diana emendou.

“Não fique chateada, Sophia. Tenho muitos perfumes. Depois Erik me manda outro frasco,” Nate terminou.

“Vocês não entendem! Vocês não entendem!”

Ela estava alterada. Nervosa. Não acreditava em ninguém. Estava cansada de viver daquele jeito. Que horror aquela situação na qual se sentia acuada por todos. Em sua mente, ela pensava ‘Eles combinaram tudo. Estão mentindo. São os três contra mim. Bandidos!’. Ela desejava ter uma gota daquele perfume agora para ler a mente deles. Ela tremia e tinha vontade de chorar. Virou para Erik e perguntou:

“Por que você me pediu pra trazer isso, Erik?”

“Porque eu sei que o Nate adora perfumes novos.”

“Não é isso que eu quero dizer. Quero saber por que eu e não outra pessoa?”

“Você é minha namorada. Nada mais normal do que pedir a você...”

“Por que largou na minha mesa? Não falou comigo antes?”

“Não tive tempo. Só isso. Sophia, o que está acontecendo? Me fala. Acho que alguma coisa séria está te incomodando muito. Aconteceu alguma coisa?”

Ela queria falar tudo. Pressioná-los. Não estava aguentando mais. Não devia ter bebido. Tudo ficou pior. Mas ela não podia falar nada. Diana olhava para ela com uma cara incrédula. O que estava acontecendo com sua amiga? Que comportamento era aquele?

Nesse momento, o barco bateu em alguma coisa e todos foram jogados para um lado do convés. As garrafas de champanhe caíram no chão e quebraram. Sophia bateu no sofá e foi para o chão também. O que havia acontecido?

O barco parou depois disso. Em menos de trinta segundos, três homens vestidos de preto, com lenços escuros na face, que deixavam somente os olhos à mostra, estavam ao lado deles. O capitão, o marinheiro e a copeira já tinham sido arrastados para dentro do iate por outros dois fortemente armados.

Um dos homens gritou para ela:

“Onde está o frasco verdadeiro?”

Diana estava assustada, mas ainda conseguiu falar:

“Você também está falando do perfume? Mas o que é isso?”

O homem olhou pra ela e a mandou calar a boca. Os outros dois já haviam colocado Erik e Nate sentados no chão com as mãos na cabeça. Sophia era a única que ainda estava livre, porém ele apontava uma arma

para ela.

“Onde está o frasco, sua vadia?”

Para a situação chegar àquele ponto, alguém deve ter ficado muito possesso por não ter recebido a encomenda certa.

“Eu fui roubada. Levaram o perfume de minha bolsa hoje. Deve ter sido no trem de Paris para Londres. Eu não tenho mais nada...”

“Isso eu já sei. Nós o pegamos no vagão restaurante. E sabemos que aquilo não é o que queríamos. Você trocou o produto. Quem te ajudou? Onde está o verdadeiro?”

“Não sei do que você está falando. Eu não sei de nada. Só tinha aquele perfume comigo. O que é aquilo afinal? Por que você está brigando comigo por causa disso? O que eu estava carregando?”

“Não interessa. Só te digo que não era o que você pensa e se você não disser onde foi parar, ela morre!” disse ele mostrando Diana. Nesse momento, um de seus companheiros a pegou e colocou uma arma em sua cabeça. “Você escolhe!”

Sophia não sabia o que fazer. Seu crachá com alguns poderes que a Interpol havia lhe dado estava jogado em um dos sofás, ao lado da bolsa vazia. Ela estava sendo vigiada, mas ali no meio do rio, provavelmente ninguém a estaria vendo. Ela precisava acionar o dispositivo de emergência, mas como? Não conseguiria chegar até ele e causaria com certeza uma grande desconfiança.

“Escute, vamos com calma. Ela não tem nada a ver com isso. Quem carregou o perfume fui eu e eu não sei nada sobre ele. Apenas devia entregar para uma pessoa aqui em Londres. Era um presente.”

“Sim. Você devia entregar para ele,” disse apontando para Nate. “E quem mandou foi ele,” apontou para Erik dessa vez. Ele sabia de tudo.

Sophia não estava mais suportando tudo aquilo. Sua desconfiança sobre Erik era imensa, mas ele estava ali como uma vítima. O que tudo isso queria dizer? Ela virou-se para ele e perguntou:

“Erik, o que você me mandou trazer para o Nate?”

“Simplesmente mandei trazer um perfume para ele. Mais nada. Não sei do que ele está falando.” Ele se virou para aquele homem rude e falou:

“Eu não lhe dei nenhuma substância ilícita para trazer. O que você acha que ela estava carregando?”

“Cale a boca! Eu não tenho que te dizer nada.” Dirigiu-se a ela e falou novamente:

“Se você não falar, mato todos. Primeiro vai ser ela, depois ele – apontou para Erik – e por fim, aquele ali.” Terminou apontando para Nate.

Ela não sabia o que fazer. Erik parecia ser sincero. Ela lhe perguntou:

“Erik, de onde veio esse frasco? Você recebeu isso de quem para me dar? Quem te entregou?”

“O primeiro frasco que recebi, aquele que estava usando quando fomos para Helsingor, foi um presente da Katrine, que havia visitado a fábrica alguns dias antes. Eu adorei e disse para ela se tinha como pedir um para Nate. Um dia quando cheguei ao escritório, estava sobre minha mesa com um bilhete, que deduzi ser dela. Peguei e foi o que parou em suas mãos. Não tinha nada de anormal. Eu nunca te colocaria em

risco. Eu te amo.”

Sophia pensou que se ele estava dizendo a verdade, qualquer pessoa poderia ter plantado a substância ali. Inclusive a que chegou até ela poderia ter sido trocada desde sua sala até sua mesa na sala de treinamento. Ela já não sabia mais nada. Só que sua amiga, que parecia ser inocente, estava na linha de tiro. Ela não duvidava que eles fizessem o que estavam dizendo. Ela precisava ser esperta. Tinha que tentar negociar alguma coisa para livrá-los daquela situação.

“Minha paciência está se esgotando. Mata a mulher,” disse o chefe para seu comparsa.

Diana soltou um grito nesse momento, pois o bandido que a segurava lhe deu uma chave de braço extremamente dolorida, colocando-a em uma posição perfeita para apertar o gatilho em sua cabeça.

“Não! Espera! Não machuque ninguém! Você quer informações que só eu tenho. Vamos fazer o seguinte. Deixe todos aqui neste iate e nós saímos daqui. Eu vou com vocês e explico tudo que quiser.”

“Então agora você tem explicações a dar. Demorou, não? Por que acha que eu deveria ser bonzinho com todos aqui? Acho que gostaria de matar algumas pessoas agora!”

Erik gritou:

“Sophia! Não faça isso! Senhor, eu sou muito rico, eu posso te garantir uma boa vida. Aliás, para todos vocês. Transfiro quanto vocês quiserem agora. Deixem-na em paz. Deixem-nos em paz.”

“Cala a boca!” Olhou para seu amigo e fez um sinal com a cabeça.

O cara deu uma coronhada em Erik, que caiu desmaiado. Nate ficou branco. Diana chorava. Sophia não estava aguentando tudo aquilo.

“Eu disse que falo tudo. Deixe-os em paz. Vamos embora daqui!”

“Quem me garante que não está blefando?”

“Eu sei muita coisa. Você já experimentou a superconsciência?”

O chefe arregalou os olhos quando ela disse essa palavra. Percebeu que ela sabia muito mais do que ele imaginava.

“Acho que você me convenceu agora. Você sabe demais. É melhor vir conosco mesmo. Meu comandante vai querer conhecer você! Pessoal, prendam todos lá embaixo.”

Diana gritou:

“Sophia! Não! Você não pode ir com eles. Pelo amor de Deus! O que está acontecendo com você? Do que estão falando?”

“Calma, Diana. Vou ficar bem. Vocês vão ficar bem.”

Os mercenários foram arrastando todos para baixo. Sophia ficou no convés com seu algoz maior. Nesse momento foi até suas coisas, as juntou dentro da bolsa. Conseguiu apertar o botão de emergência e o transmissor. Ele disse:

“O que é isso? Largue tudo aí, sua piranha!”

“Se seu comandante quer saber tudo, preciso levar tudo isto. Aqui tenho algumas coisas que podem provar o que vou dizer a ele.”

“Como o que?”

“Como os nomes de meus contatos na Interpol. Conhece Wilkinson?” Ela teve que falar aquilo para verem que não blefava. Com a menção do nome, ele ficou quieto e somente falou:

“Vamos!”

Ela estava rezando para que aquilo realmente funcionasse, e logo.

Todos os homens de preto e ela desceram para uma lancha enorme. Sentaram-se e aceleraram pelo Tâmisa, retomando a rota em direção ao píer de onde haviam partido. Ela estava petrificada. Nesse momento, instintivamente segurou o pingente em forma de cristal de gelo e um pequeno filme passou em sua mente. Uma profusão de cenas e informações. Lukas, Erik, Copenhague, Helsingor, Interpol, sua heroína do livro, sua família, seu pai. Ela tinha que ser forte. Tinha que sair dessa.

## Capítulo XLI

### Bandidos e Mocinhos

“O que fez com meus amigos e a tripulação?”

“Eles estão trancados no iate com uma bomba ao lado da porta.”

“O que? Uma bomba? Você é louco?”

“Só vamos detonar se você estiver aprontando alguma coisa. Então não fique preocupada porque você não vai fazer nada, não é mesmo?”

Ela estava desesperada. Agora já não tinha tanta certeza se havia feito a coisa certa ao acionar a escuta e a emergência. Mas não havia outro jeito. Ela precisava confiar que a Interpol não falharia. Eles estavam ouvindo tudo. Com certeza já estavam entrando em ação, mesmo porque ela estava sendo vigiada o tempo todo, então devia haver alguém muito perto. E se agissem como agiram em Paris, tudo seria resolvido muito rápido. Teria que confiar, era só o que restava para ela naquele momento.

“Para onde vai me levar? Com quem vou conversar?”

“Cala a boca! Você não faz perguntas aqui,” disse ele deferindo-lhe um tapa na cara.

Ela ficou zozona com a violência. Eles não estavam brincando. Quem quer que fosse o chefe daquilo, com certeza dirigia algo bastante barra pesada. Os homens quase não falavam, então era difícil para ela identificar de onde eram. Falavam inglês, mas com certeza não eram originários dali. Eram de alguma outra nação. Altamente treinados para serem máquinas sem emoção, que subjugavam qualquer um sem piedade. Ela estava em uma situação bastante difícil. Não entendia como havia se tornado o centro de uma conspiração internacional.

A lancha se deslocava pelas águas geladas e a noite já estava caindo. Ela avistou a London Eye a alguns quilômetros à frente, já com as luzes acesas. Continuavam se deslocando naquela direção. Havia se passado não mais que alguns poucos minutos desde que saíram do iate.

De repente, outra lancha apareceu no rio. Seria a salvação? Mas e a bomba? Teriam ouvido aquilo? O stress dentro da mente de Sophia era imenso. A lancha vinha na direção oposta, aparentemente sem nenhuma intenção de perseguir a sua, mas ela acreditava ser uma ação da polícia. Quando estavam a cerca de cem metros de distância uma da outra, mais duas apareceram nas laterais e um helicóptero com um canhão de luz surgiu no céu. Seu sequestrador falou:

“O que foi que você fez sua piranha? Quer matar seus amigos, é isso?”

As lanchas anunciaram em alto som:

“Vocês estão cercados. Entreguem-se.”

Em vez disso, o sequestrador mandou que o piloto acelerasse ao máximo para quebrar o bloqueio. Em seguida, olhou para um dispositivo que tinha nas mãos e falou em outra língua que Sophia não conhecia nem uma palavra. Depois disso, ouviu-se uma explosão enorme atrás deles e um clarão subiu aos céus.

Ele realmente havia detonado a bomba.

“Eu avisei, vadia!”

Sophia deu um grito de desespero. Ela não sabia se haviam sido salvos ou não. Ela se sentiu responsável por aquilo acontecer e agora estava em desespero total. Teria perdido seus amigos realmente? Ela não se perdoaria por ser a responsável pela morte de seis pessoas. Não conseguiria conviver com isso. Ela virou-se para aquele nojento e começou a socá-lo com toda a força que uma garota delicada pode ter. Com certeza não fez a menor diferença para ele.

Ele a puxou para perto de si e colocou uma arma em sua cabeça. Ela se tornara a moeda de troca, caso fossem capturados. Ela estava em desvantagem.

A explosão desconcentrou um pouco a ação da polícia, o que deu chance aos bandidos de desviarem da lancha que vinha em sua direção e continuarem a toda velocidade no rio. As lanchas que os seguiam conseguiram emparelhar e uma troca de tiros de metralhadora se iniciou. A coisa ficou muito séria e Sophia pensou que sua morte seria ali mesmo, mas ainda não era sua hora. Um dos tiros atingiu o piloto e a lancha ficou sem rumo. Ela assumiu uma rota suicida em direção à London Eye, à sua base. Aquilo ia acabar muito mal. O desgraçado que a arrastava consigo, nem nesse momento a largou:

“Você acha que vai escapar? Se eu morrer, você vai junto.”

A lancha ia a todo vapor em direção a algumas proteções à volta da roda gigante. Os outros sequestradores estavam caídos pelo chão e alguns caíram no rio. Só restava ela e ele, mas em alguns minutos ia ser o fim dos dois. A lancha se chocou com uma série de objetos que Sophia não conseguiu distinguir e subiu, planando no ar. Eles iam morrer, ela pensou.

Ela voou por alguns segundos até que encontrou terra firme. Foi batendo e o barulho de ferro retorcido e pedaços de metal se soltando era extremamente sonoro e desesperador. Sophia não sentia mais a mão do sequestrador a segurando. Em vez disso, algo úmido e frio tomava conta de suas roupas. Ela ouvia sirenes ao longe, gritos e uma dor horrível. Mas algo compensava tudo isso. Luzes rodavam, música tocava, uma roda imensa, branca, logo acima dela, girava. Ela estava em paz. Será que o céu era assim?

## Capítulo XLII

### Viva

“Sophia? Sophia?”

Ela ouvia uma voz bem ao longe chamando seu nome, mas não conseguia distinguir quem era. O som foi ficando mais forte, até que ela abriu os olhos.

“Sophia! Que bom que você acordou! Como você está se sentindo?”

Era Diana que estava à sua frente. Ela ainda estava zonga, não conseguia se expressar direito, mas abriu um sorriso para a amiga.

“Fica tranquila. Estamos todos bem. Ninguém se feriu. Fomos retirados do iate antes da explosão e quem quer que fez aquilo, não parecia querer matar-nos porque a bomba fez mais um efeito grandioso do que estragos.”

Sophia estava feliz por ouvir aquilo. Queria saber mais.

“Erik e Nate estão bem. Erik fez uma tomografia do crânio, mas não tem nenhum problema. A tripulação não sofreu nada. Mas e você, hein? Que história mais louca é essa?”

Finalmente Sophia conseguiu falar uma palavra:

“Saúde...”

Diana pareceu entender o que ela queria saber.

“Você sofreu um pequeno ferimento durante seu voo em direção à London Eye! Um corte no braço esquerdo, um sangramento considerável e teve que tomar alguns pontos. Fizemos todos os exames possíveis e não há nada quebrado, só algumas luxações, por isso tem algumas regiões enfaixadas. O seu sequestrador não teve a mesma sorte que você. Bateu a cabeça. Chegou com vida, mas faleceu.”

“Presos?” Sophia balbuciou.

“Três foram presos. Os outros morreram. Mas não falam muito. Estão com a Interpol. Aliás eu dei depoimento para Ms. Wilkinson. Poderosa ela! Queria ser da Interpol também!”

Sophia quase conseguiu rir da amiga. Mas esperou, pois sabia que ela ia continuar a história.

“O Erik e o Nate também prestaram depoimento. Ela nos contou o que aconteceu com você. Que loucura, minha amiga! Nem desconfiei de nada! Você foi muito forte.”

O telefone de Diana tocou nesse momento. Ela pediu um instante e virou a tela para Sophia.

“Olha quem está aqui!”

Do outro lado, sua mãe e irmãos faziam um tchau para ela com um grande sorriso. A mãe falou as mais bonitas palavras que qualquer filha queria ouvir. Disse que iria para lá ficar com ela e que não adiantava ela dizer que não. Sophia sorriu, mas fez um pequeno esforço para falar com a mãe:

“Eu estou bem. Não adianta você vir para cá. Preciso terminar a viagem. Quando voltar para Copenhague você vem.”

Perguntou à Diana o que ela sabia sobre sua recuperação. Ela informou que segundo o médico, ela seria liberada na manhã seguinte, segunda-feira, e poderia retornar às suas atividades com certa moderação, mas não havia nada que a impedisse.

“Viu, mãe? Eu estou bem. Te espero daqui três semanas na Dinamarca.”

“Filha, não é só isso. Estamos preocupados com você. Por toda essa confusão policial. Pelo que entendi ainda não conseguiram descobrir tudo que precisam por aí, então você corre perigo...”

“Mais do que me aconteceu ontem? Fique tranquila. Eu sou amiga da Interpol!”

Todos riram. A mãe então lhe disse que tinha uma surpresa. O pequeno Douglas apareceu na tela.

“Titi, amo!”

Sophia começou a chorar de saudades do pequeno sobrinho.

“A titia te ama, meu amor!”

Despediu-se de todos e voltou à conversa com Diana. Desta vez mais desperta.

“Diana, sabe se descobriram quem está por trás disso tudo?”

“Ainda não. Estão interrogando os caras que foram presos e também agora estão fazendo uma devassa na Søstjerner. Não podem falar muito para não atrapalhar as investigações. Sei que a Katrine está sendo investigada porque Erik disse que o primeiro perfume chegou até ele por ela, então ela foi envolvida nos suspeitos.”

“Não acho que ela seria parte disso, mas não sei quem pode ser também. Isso foi uma loucura até agora. Sabe quando vão falar comigo?”

“Eles disseram que viriam hoje. Pediram para avisar quando você acordasse.”

“Onde estão o Erik e o Nate?”

“O Nate não sofreu nada, e o Erik foi pra casa dele depois de receber alta. Pelo que entendi não vai se ausentar de Londres nos próximos dias, pois querem mais esclarecimentos dele e nossos também.”

“Certo. Ninguém mais me procurou?” Sophia perguntou isso porque queria saber se Lukas já sabia de algo.

“Não. Ninguém mais. Era pra ter mais alguém?”

“Não. Só queria saber.”

“Amiga, queria ter experimentado essa tal superconsciência. Deve ter sido top!”

“Foi muito estranho, isso sim!”

“Mas eu gostaria de ler a mente dos outros. Principalmente a do Nate, pra ver se rola ou não rola um romance!”

“Acho que ele está meio abalado com tudo isso. Do jeito que ele é na dele, nunca mais vai querer ver a nossa cara. Só trouxemos confusão pra vida certinha dele...”

“Pois é. Estamos mal vistas!” Diana caiu na gargalhada.

“Você dormiu? Foi para o hotel já?”

“Sim. Fui liberada ontem mesmo. Depois que soube que você estava bem e que teria proteção policial,

fui para o hotel descansar e voltei para cá hoje cedo. O Erik disse que viria para cá após o almoço. Daqui a pouco deve estar aqui.”

“Ok. Obrigada, Diana. Desculpe ter desconfiado de você também.”

“Relaxa! Se fosse ao contrário, eu nem dormia mais no mesmo quarto!”

Sophia sentia alguma dor, mas já estava mais animada depois das conversas que teve. Ficaram num bate papo gostoso, até que a Interpol chegou.

## Capítulo XLIII

### Quebra-cabeça

“Boa tarde, minha querida!” Ms. Wilkinson entrou no quarto, simpática como sempre. Estava acompanhada de mais um agente desta vez.

“Oi, Ms. Wilkinson, como vai?”

“Eu estou bem, mas você não parece estar nos seus melhores dias...”

“Eu vou melhorar. Pode deixar.”

“Com certeza. Este é meu colega, David Monroe, do MI6, Serviço Secreto Britânico. Precisamos conversar com você por uns instantes, Sophia. Diana, poderia nos deixar a sós, por favor?”

“Claro! Fiquem à vontade. Sophia, estou aí fora.”

Ms. Wilkinson trazia a bolsa de Sophia com ela. Colocou na mesinha ao lado da cama e começou a lhe explicar algumas coisas:

“Sophia, aqui estão os pertences que conseguimos recuperar depois do acidente. Seu celular foi destruído, então aqui temos um novo para você. Ele possui alguns segredos como seu crachá possuía. Se precisar nos chamar aperte aqui. Tem um rastreador para sabermos onde você está. Aqui é o transmissor. O áudio será enviado para nós. Além disso, tem um crachá novo com as mesmas configurações do anterior, que nos alertou sobre tudo que aconteceu.”

“Eu não sabia se vocês viriam. Como estava preocupada ontem no iate. Achei que todos iam morrer. O que vocês conseguiram descobrir?”

“Não podemos lhe dizer todas nossas desconfianças para não colocar a operação em risco, mas vamos lá. Já sabemos que a substância foi produzida dentro da própria Dinamarca. Certos componentes da fórmula nos deram a certeza da origem. Conseguimos identificar também os mercenários que agiram ontem no seu sequestro. Eles eram todos originários de países do Leste Europeu, mas residiam aqui na Inglaterra ilegalmente. A suspeita que temos é que o produto precisava chegar até aqui para alcançar alguém que pretende produzi-lo em maior escala, saindo da condição artesanal que se encontra hoje. No Reino Unido, é muito mais fácil escoar qualquer coisa pelo mundo, devido ao imenso movimento de seus aeroportos, portos e também por ser uma ilha, facilitando o anonimato.”

“Mas vocês têm alguma pista do chefe disso tudo?”

“Desconfiamos que o cabeça encontra-se na Dinamarca mesmo, mas não conseguimos chegar até ele. No momento, estamos fazendo buscas na sua empresa e interrogando muita gente para ver se conseguimos pistas que nos levem ao ‘dono do negócio’. Quem quer que seja essa pessoa, ontem colocou você naquela situação porque seria arriscado promover um novo envio para cá e queria saber exatamente o que você tinha feito com a encomenda.”

“Quer dizer que ainda corro risco? Agora ele sabe que está com vocês.”

“Não achamos que você corra riscos porque não adianta nada ele, ou ela, tentar te atingir. Já está claro que você não tem o frasco, que ele está conosco. Se não tivéssemos te salvado ontem, aí sim a coisa seria bem pior porque ele iria querer interrogá-la e como você seria a única que havia experimentado o produto e que podia dar com a língua nos dentes para a imprensa ou polícia, você seria eliminada com certeza.”

“Meu Deus! Quer dizer então que continuo com sorte. Nunca imaginei que passaria por tantas coisas assim em minha vida. Que loucura!”

O outro agente, Mr. Monroe, se dirigiu a ela:

“Você deve retomar sua vida normalmente, faça o que quiser. Como sempre, estaremos à sua volta. Ontem mesmo, sabíamos que embarcou no iate e tudo o mais. Nós somos a sua sombra. Se alguém tentar chegar até você, nós saberemos. Não se sinta acuada nem só.”

As palavras dele lhe davam um conforto. Uma segurança que ela precisava ter. De qualquer maneira, fez uma última pergunta:

“Preciso me manter calada? Junto a meus amigos, meu namorado?”

“Sim. Não fale mais do que eles sabem e eles só sabem até certo ponto.”

Ela falou o que Diana havia lhe dito e eles confirmaram que era isso que os outros sabiam e a imprensa também. Sim, a imprensa. Não dava mais para esconder depois do que acontecera na London Eye no dia anterior. Aliás Sophia quis perguntar sobre isso:

“Alguém inocente morreu ontem por causa do acidente?”

“Tivemos alguns feridos, mas nada sério. Tivemos muita sorte. Você principalmente.”

“Ok. Obrigada.”

Eles se despediram e saíram.

Ela teria que continuar atenta. Algo mais poderia vir por aí e não queria prejudicar ninguém à sua volta. A confusão estava armada na empresa em que trabalhava e já nem sabia o que o futuro lhe reservaria. Pensava em Lukas. Precisava avisá-lo sobre o que havia acontecido e dizer que estava bem. Pegou seu novo celular e lhe enviou uma mensagem explicando tudo resumidamente e sem maiores detalhes. Ele ficou extremamente preocupado e disse que queria vê-la, o que ela negou rapidamente, como fez com sua mãe, para não colocá-los em risco. Na despedida, ele lhe disse que a amava e que nada mudaria isso. Ela não sabia o que digitar. Limitou-se a dizer que ele era especial. Cinco minutos depois, Erik entrou no quarto.

“Meu anjo, você está bem? Eu te amo. Como você se deixou envolver em tudo isso e eu nem desconfiei de nada? Perdoe-me. A culpa foi minha de certa forma. Eu não deveria ter lhe pedido para trazer o perfume.”

“Você não sabia de nada, meu amor. Como vou te perdoar, se você não é o culpado? Eu estou bem, é isso que importa.”

Ele a abraçou com carinho e lhe deu um beijo apaixonado. Ela gostou do afago. Estava precisando de um

abraço, apesar das dores que ainda sentia. Ele ficou com ela a tarde toda. Disse que a buscaria no dia seguinte e que ela e Diana ficariam com eles no apartamento de Nate. Ela recusou, não precisava de tanto cuidado. Mas ele a convenceu que seria mais seguro e que era bom ficarem juntos depois do que aconteceu.

## Capítulo XLIV

### Marasmo

‘Sua estrada ainda está no começo. Seu caminho até aqui foi muito feliz. Com uma perda recente que te abalou muito, mas que era inevitável. No amor também vi uma perda recente. Mas algo novo vem por aí. Mas atenção, o certo vive no errado e o errado vive no certo. O fim vive do começo e o começo vive do fim. Assim, há que se ter sabedoria. Mantenha-se em suas crenças que tudo ficará bem. E cuidado com a casa dos espelhos. Aquela que está longe. A ilusão é manipuladora.’

Sophia acordou em um pulso, assustada com o sonho. Ela havia visto o rosto da cartomante da festa de fim de ano, olhando fixamente para ela e repetindo as palavras da leitura que lhe fez. Ao final, viu uma sala enorme com espelhos em todos os lados que refletiam a sua própria imagem e que quebravam toda vez que ela olhava para algum deles. Que stress!

Era segunda cedo e o médico responsável por sua alta acabara de entrar no quarto para examiná-la. Tudo certo e ela teve alta. Erik viria buscá-la e levá-la para a casa de Nate. À tarde ela iria para a empresa, caso se sentisse bem, para retomar suas atividades. Eles não queriam que ela fosse, mas ela queria seguir em frente. Sabia que assim enfrentaria melhor toda a situação, como sempre.

Ao saírem do hospital em direção ao Aston Martin, foram cercados pela imprensa. A essa altura, sua vida pessoal e profissional estava exposta em todos os meios de comunicação. Ela não disse nada. Entrou no carro e seguiram.

“O que foi aquilo?”

“Tem sido assim desde sábado à noite. Estou sendo perseguido pela imprensa em todos meus movimentos. Não posso fazer nada. E agora você também.”

“Que coisa mais chata!”

“Diana está gostando. Está se sentindo uma celebridade!”

Riram. Era bem típico de Diana gostar de algo assim.

Depois de cerca de quinze minutos, chegaram ao prédio de Nate. Ele morava em um endereço muito sofisticado na cidade. O prédio era bem bonito também. Entregaram o carro para um *valet* na porta de entrada e subiram alguns andares até chegarem ao 71B. Assim que a porta se abriu, Sophia vislumbrou um ambiente bastante tradicional, com detalhes em mármore, madeira, luzes indiretas, móveis com uma linda presença.

“Que lindo!” ela falou, não conseguindo segurar o encantamento para si.

“Muito. O Nate tem um gosto refinado.”

“Verdade.”

Ele a levou até seu quarto, no final do corredor. Era um quarto bastante confortável, com uma cama *queen* com roupa de cama branca, impecável. Era uma suíte. Sua mala já estava lá, pois haviam trazido do

hotel.

“Erik, vou tentar tomar um banho e colocar outra roupa. Você pode me levar para a empresa, por favor?”

“Claro, meu amor. Você precisa de ajuda?”

“Acho que consigo me virar. Mas te chamo se me atrapalhar.”

“Que saudades que estou de você. Queria tanto fazer amor com você. Melhore logo pra mim...”

“Eu também estou com saudades. Logo tudo estará em ordem e poderemos ficar juntos.”

“Claro. Você precisa se recuperar de tudo isso.”

Ele a abraçou suavemente e a beijou na testa com carinho. Ela gostou do toque. Ele era atencioso com ela e ela estava precisando disso. Com certeza Erik se tornara alguém bastante importante em sua vida.

Uma hora e meia depois, ela já estava se juntando à sua turma em seus treinamentos. Foi recebida com carinho por todos e inclusive ganhou flores ao chegar. Os colegas ficaram felizes em vê-la bem e se recuperando rapidamente. Felizmente no primeiro dia, as tarefas eram mais teóricas, não precisando se locomover demais. O dia passou tranquilamente. No final da tarde, Nate as levou de volta para casa, pois trabalhava no mesmo prédio em que estavam.

Na TV sua história era a mais discutida. Desligaram, pois não aguentavam mais ver as suposições, declarações falsas e notícias distorcidas. Não era fácil ser o assunto do dia. Nate falou:

“Garotas, fiquem com uma chave do apartamento, pois amanhã eu não estarei na cidade. Tenho que ir para uma filial em Wales, então é melhor que tenham uma cópia para entrarem quando precisarem.”

“Obrigada, Nate. E obrigada por nos acolher aqui. Tanto trabalho ter tanta gente em casa...” Sophia agradeceu.

“É um prazer. Não há trabalho algum.”

Todos estavam exaustos. O fim de semana que começara tão promissor acabara sendo uma prova física intensa.

Sophia passara o dia se perguntando quando aquilo iria acabar. Estava se sentindo perdida, sem rumo, sem futuro. Será que valera a pena todos esses meses? Sim, valera. Mas ela estava pagando um preço muito alto nas últimas semanas. Um preço que nunca imaginou que lhe seria cobrado. Qual seria o fim dessa história?

## Capítulo XLV

### Acaso ou coincidência?

Sophia acordou um pouco zonza. Ela tinha sido avisada que poderia ter esses sintomas devido às pancadas que sofrera. Estava tomando alguns remédios que causavam alguns efeitos colaterais desagradáveis, mas até ali não havia sentido nada mais forte. Mas hoje, não se sentia plena.

Erik as levou ao escritório. Nate partira para Cardiff e deveria retornar no final da tarde. Diana e Sophia teriam um dia cheio de informações para absorver. Seria um tanto puxado para elas.

Em Copenhague, a Interpol continuava interrogando funcionários que levantavam algum tipo de suspeita devido a qualquer pequeno delito policial que tivessem tido durante sua vida, por menor que fosse. A Søstjerner estava colaborando em tudo que pudesse para esclarecer qualquer possível envolvimento de seu staff em atividades ilegais. O presidente havia feito um pronunciamento no dia anterior dizendo desconhecer qualquer informação sobre o ESE21C e que não apoiavam qualquer tipo de pesquisa nesse sentido. A confusão só aumentava. Em alguns meses, esse se tornaria um dos casos que poderia discutir com Erik nos seus encontros semanais.

Iniciaram o dia conhecendo os próximos lançamentos das unidades industriais do Reino Unido. Como em uma feira, vários produtos foram apresentados por seus inventores e as estratégias de marketing que seriam utilizadas foram discutidas. Alguns casos de sucesso de anos anteriores também foram analisados. Em seguida, liberaram o grupo para um rápido lanche dentro do escritório que serviria de almoço porque partiriam para uma visita à Bolsa de Londres, a London Stock Exchange, para aprenderem um pouco mais sobre a negociação dos papéis da empresa no mercado de ações.

Sophia continuava com algum desconforto. Sua cabeça doía, as dores do corpo estavam mais intensas. Não estava sendo um dia fácil.

O responsável pela agenda do dia, Mr. Deeds, veio conversar com ela discretamente:

“Sophia, infelizmente gostaria de pedir sua colaboração em relação a essa visita. Nosso setor de segurança não acha prudente você participar por achar que pode colocá-la em risco, assim como seus colegas. Devido à exposição que o caso vem tendo na mídia, com certeza teremos alguns meios nos perseguindo pelo caminho. Achemos melhor você retornar para casa. Nós lhe enviaremos o material relativo ao treinamento.”

Sophia ficou um pouco triste com a decisão, mas concordava que ir a um local público na área financeira de Londres seria um tanto complicado. E como não se sentia bem, descansaria um pouco naquele dia. Ela se dirigiu à Mr. Deeds e falou:

“Eu entendo. Fico triste, pois gostaria de participar, mas não quero causar nenhum transtorno.”

“Obrigado, Sophia. Nós vamos providenciar um táxi para que a leve em segurança para casa.”

Em alguns minutos ela já estava dentro do táxi. Havia pegado a chave do apartamento com Diana e partiu.

Era cerca de uma da tarde ainda. Vinte minutos depois, já estava abrindo a porta de casa.

“Boa tarde! Erik, você está aí?” falou em alto tom quando entrou.

Ninguém respondeu. Sophia deu uma olhada pela casa, mas não encontrou ninguém. Estava sozinha. Erik não havia lhe dito nada sobre sair para algum lugar. Ainda mais porque estava evitando os meios de comunicação que o perseguiam, mas devia ter mudado de ideia ou tido alguma reunião com alguém. Ou ainda, ter ido encontrar algum velho amigo na cidade. Ela então resolveu ir para seu quarto e descansar um pouco. Abriu a porta, guardou sua bolsa dentro do criado mudo. Foi até o toilette, fechou a porta e lavou o rosto para ver se sentia alguma melhora naquela sensação de cansaço que tomava sua face e sua mente. Ela estava lutando para enfrentar tudo aquilo, mas dentro de si mesma, estava um pouco abalada com tudo que estava acontecendo. Ela era forte, mas tinha suas fragilidades. Não havia como negar que estava sendo difícil. Em um dia, sua vida está perfeita. No outro, bandidos a perseguem dia e noite, policiais a salvam, usa aparelhos secretos. Que loucura era aquela!

Absorta em seus pensamentos, pareceu ouvir alguém falando alto lá fora. ‘O que será que está acontecendo?’ pensou. Ouviu a voz chegar mais perto. Alguém disse:

“Não tem ninguém aqui. Ainda bem. Precisamos conversar.”

Era Nate que falava com alguém mais. Mas já teria dado tempo de ir e voltar de Cardiff? A viagem de carro demorava mais de duas horas. Ele teria uma reunião e retornaria. Pode ser, mas era muito rápido. Ela ainda não ouvira a voz da outra pessoa. Estava achando tudo muito esquisito, mas precisava sair do toilette, se quisesse ouvir melhor o que estava acontecendo. E também, dependendo do que fosse, era bom avisar que estava ali. Podia ser que Nate estivesse falando com alguma namorada ou algo assim e seria muito desagradável descobrir que ela estava em casa ouvindo tudo. Saiu do toilette e quando ia sair pela porta do quarto, Nate falou:

“Já verifiquei tudo. Não há escutas aqui. Podemos conversar tranquilamente.”

Ele estava falando de escutas? Isso era estranho. Por que podiam conversar se não havia escutas? Ela não queria acreditar, mas parecia que alguma revelação importante estava vindo dali. Iria esperar alguns minutos mais antes de se revelar. Não era certo, mas dentro da loucura que estava vivendo, achou que tinha esse direito. Qualquer coisa, diria que estava tomando um banho de banheira e que acabara de sair. Ela inventaria alguma coisa.

Ele continuou:

“Agora estamos com a corda no pescoço. A substância foi parar nas mãos da Interpol, ou seja, vão ficar muito mais interessados em descobrir qual seria o destino da droga. Isso nos colocou em uma situação bastante delicada. Além dessa exposição toda. Você viu a dificuldade para montar esse esquema de hoje. Está muito complicado enganar a mídia e manter a polícia longe. E o que nosso cliente falou? Que se demormos pra lhe entregar a fórmula e uma nova amostra, o negócio será desfeito. Não temos muito tempo.”

Ela não estava acreditando! Nate era o chefe? Como assim? Ela estava convivendo com o inimigo e nem

havia desconfiado de nada. Mas com quem ele estava falando? Ela precisava descobrir e também tinha que gravar aquela conversa. Andou bem silenciosamente até o criado mudo, conseguiu abri-lo sem maiores ruídos e pegou seu celular. Ela tinha a opção de transmitir aquilo diretamente para a Interpol, mas resolveu gravar. Não sabia quem estava lá. E se fosse alguém da própria Interpol? Sim. Ligou a opção gravador. Assim que soubesse quem era, iria para o transmissor, ou para o botão de emergência. Chegou o mais perto que pode da porta e deixou a gravação continuar. O alcance era muito bom e o quarto não era distante do escritório onde a conversa acontecia de portas abertas. Afinal, ninguém estaria na casa naquele horário, então não havia perigo. Também parece que fizeram uma pequena vistória antes de começarem. Coincidentemente ela estava no toilette em total silêncio e não foi notada. A conversa continuou:

“Não vamos perder tudo agora. Depois de tantos meses de planos, corrupção, desenvolvimento de uma rede de apoio e tudo mais, não é justo perdermos tudo. Além do que, seria muito fácil nosso ‘querido’ cliente nos dar um fim se achar que podemos falar algo por aí.”

Nate continuou:

“Maldita hora em que resolvemos dar o frasco para sua namoradinha carregar, achando que seria o meio menos suspeito de trazê-lo pra cá. E agora, veja se consegue pelo menos descobrir todas as sensações e sintomas que ela teve depois de cheirar aquilo nos mínimos detalhes. Tá na hora de você fazer essa sondagem pra passarmos essas informações adiante.”

Sophia embranqueceu. Seu coração disparou num descontrole que ela achou que ia desmaiar. Batia tanto e tão alto que acreditou por um segundo ser possível ouvi-lo na outra sala. Ela estava desolada. Era Erik que estava ali? Ele era o culpado de tudo isso?

“Foi sua ideia envolvê-la nisso. E até desconfio o porquê. Se fosse hoje, nunca teria feito isso. Ela não merecia tudo que lhe aconteceu,” Erik falou.

Era ele. Era ele. “Meu Deus!” Sua vida continuava se desmoronando. Ela não podia crer que o homem que se dizia apaixonado por ela e que fizera tanto para tê-la em seus braços, era um mentiroso. Que horror! Ela sentiu uma mistura de raiva e vergonha. Sentiu-se usada!

Nate continuou:

“Desconfia de mim? Por que então acha que eu sugeri que ela trouxesse?”

“Por ciúmes! Claro! Você não aguenta ver-nos juntos!”

Nate deu uma gargalhada e falou:

“Para com isso! Agora você acha que só existe você em minha vida?”

“Não! Mesmo porque nós combinamos que nosso relacionamento seria aberto. Eu poderia ter quem quisesse por aí, assim como você. Mas parece que só eu estou vivendo isso, não é mesmo?”

Eles eram amantes? O que estava se passando na frente dela? Ela sentia-se cada vez mais traída por Erik. Ele a usara da pior maneira possível. E as juras de amor? Aquela noite especial no castelo? Era tudo uma farsa? Mas isso seria muito perverso. Não podia crer.

“Você quer saber a verdade? Quer saber? Eu te amo! Te amo com toda a força que eu tenho e quero você pra mim. Nunca achei que você fosse se envolver tanto com essa garota. E agora, parece até que quer se casar com ela!”

“Eu a amo! Achei que ia ser como mais um de meus relacionamentos que tenho por aí. Ela é bonita. Me chamou a atenção desde o primeiro dia. Mas eu me apaixonei. Estou realmente apaixonado por ela e me arrependo do que fizemos. Se ela quiser, me caso com ela.”

“Você enlouqueceu? E nós? Como fica nossa história? Tá lembrado que este plano é nosso? Com o que vamos ganhar podemos ir morar em algum paraíso fiscal por aí e vivermos uma vida de reis? Você está louco? Não me ama mais? Vem cá, me dá um beijo. Tudo vai voltar ao que era antes. Você não pode me deixar. Todos esses anos que passamos juntos não podem ir pro lixo.”

Nate abraçou Erik forte. Sophia escutava os beijos trocados na sala ao lado. Tremia de cima abaixo, estava com falta de ar. Como podia ter sido tão ingênua? O que faria agora? Precisava contar isso tudo para a polícia. E realmente precisava de proteção policial urgente. Isso seria uma grande revelação. Uma bomba! Eles podiam ser amantes. Essa não era a questão, mas ela não podia ter sido usada assim. Estava se sentindo péssima, apesar de Erik dizer que a amava de verdade. Que situação! Mas algo era inegável: eles eram os responsáveis pelo desenvolvimento da substância. Erik, com sua posição na empresa, conseguira criar um submundo que trabalhava para ele nas sombras. E Nate, pelo jeito, tinha ótimas conexões com o mundo do crime. Fizeram a dupla perfeita. Isso era muito para ela processar. Estava a ponto de explodir. No escritório, os beijos pararam e Nate continuou:

“Vem. Vamos pro quarto. Vem fazer amor comigo. Estamos precisando relaxar. Ainda temos algumas horas até aquelas duas vadias voltarem. Vem!”

“Não, Nate. Não tenho clima pra isso. Não vou conseguir.”

“Desde que você dormiu com essa vaca, não tem sido mais o mesmo comigo. Seu tesão por mim tá deixando a desejar, não é mesmo? Se quiser ficar com ela, fique. Mas vai acabar na cadeia. Eu não vou te poupar. Jogo toda a merda no ventilador e saio limpo ainda. Você sabe que tenho meios pra isso.”

“Você não faria isso!”

“Tenta me ferrar pra ver. Eu quero você, quero teu corpo, teu pau pra mim, pra sempre. Se me deixar por ela, você já era!”

“Chega, Nate! A gente precisa conversar melhor. Você tem que entender que as coisas mudam. Eu gosto de você, mas...”

“Mas o que? Mas agora resolveu ser hétero pro resto da vida, seu bissexual nojento! Não faz isso comigo! Vai se arrepender!”

Nesse instante, uma mensagem entrou no celular de Sophia, fazendo um barulho bem sonoro no apartamento. Ela estava ferrada! Havia esquecido de silenciá-lo. Que amor! Em menos de cinco segundos, enviou o áudio gravado até ali para Diana, que saberia o que fazer caso ela sumisse, apertou o botão do transmissor, o de emergência, enfiou o celular no bolso e foi em direção ao escritório. Em cinco

minutos alguém viria salvá-la. Os dois já estavam no corredor buscando a origem do som.

“Você! Você estava aí ouvindo tudo? Pois então fique sabendo que é isso mesmo. O teu homem é meu. E agora você tá ferrada!” Nate falou sem o mínimo pudor.

Erik olhou pra ela com uma mistura de vergonha, perdão e amor. Ela conseguiu ver tudo que ele queria lhe dizer só com aquele olhar. Mesmo assim, ele falou:

“Sophia! Me perdoa! Me perdoa! Eu não sou nada que você imagina. Sou a escória mais degradante. Sou um merda!”

Sophia olhava tudo aquilo e não sabia o que pensar. Nem sabia o que aconteceria porque agora a coisa tinha ficado muito complicada. E eles não eram burros nem nada. Com certeza algo muito ruim vinha por aí. Nate falou:

“Ela está sendo monitorada. E vai dar com a língua nos dentes, é claro. A gente vai se ferrar por causa da sua fraqueza, Erik. Temos que sair daqui. E agora!” Sacou seu celular do bolso e fez uma ligação de dez segundos onde somente falou ‘Ativar Fuga’.

Ele agarrou o braço de Sophia, que não havia pronunciado uma única palavra até aquele momento. Puxou-a para junto dele e disse para Erik:

“Vamos! Temos que sumir daqui já! Precisamos sair do prédio.”

“O que adianta? Reconheça! A gente já era!” Erik falou.

“Venha! Ela vai ser nossa moeda de negociação. Nosso escudo. Vamos para a garagem.”

“Vocês não vão conseguir, Nate. É melhor desistir. Se entregar. Qualquer coisa que fizerem só vai piorar ainda mais a situação,” Sophia falou finalmente.

“Cala a boca! Erik, você vem ou não?” disse já entrando no elevador.

Erik olhou para ela e entrou com eles. Não a deixaria sozinha com aquele louco. Apesar de tudo, ele a amava realmente e queria protegê-la de alguma forma. Os três chegaram à garagem. Nate abriu o carro, jogou Sophia no banco de trás, passou uma fita adesiva em suas mãos, prendendo-as. Erik foi ao seu lado na frente. Nate mostrou uma arma para ela:

“Comporte-se, senão você vai se dar muito mal. Já escapou antes, mas desta vez não terá a menor chance.”

Acelerou rapidamente saindo para a rua, onde a polícia já estava posicionada. Quando ele viu aquilo, não teve dúvidas e avançou contra tudo e contra todos, não medindo esforços para fugir. Seu carro era blindado, já prevendo uma situação como essa. Havia uma maneira de escapar. Já havia deixado tudo preparado para o caso de uma fuga e nesses dias confusos de Londres, nada mais inteligente do que ter tudo à disposição. Por isso, estava bastante decidido em cumprir o planejado. Precisava chegar a um ponto pré-estabelecido a um quilômetro do apartamento, entrar em um prédio garagem, seguir ao subsolo e o resto seria lenda. Conseguiria fugir pelos subterrâneos da cidade como um rato. Sua gangue o estaria esperando para depois tirá-lo de circulação. Nunca imaginou que Erik estaria junto, mas onde cabe um, cabem dois. Com Sophia no carro, dificilmente a polícia atiraria, então tinham uma boa chance de se

safarem e era só isso que ele queria. No exílio, dariam um jeito de continuar controlando os negócios.

Sophia não sabia de nada disso, então falou:

“Vocês não vão conseguir. Entreguem-se. A polícia vai caçá-los e vai encontrá-los onde estiverem.”

“Cala a boca! Erik dá um jeito na sua noiva!”

Nate dirigia feito um insano pelas ruas estreitas da cidade. Já avistara o prédio. A polícia secreta vinha atrás deles em três carros a toda velocidade. Eles nunca imaginariam o que aconteceria em seguida. Nate simplesmente deu uma guinada de noventa graus com o carro e invadiu o prédio a toda velocidade, esbarrando pelas paredes e quebrando retrovisores, sem o menor pudor. A polícia passou direto. Teve que parar, retroceder e seguir para o edifício. A essa altura, todos os acessos já haviam se fechado automaticamente seguindo o plano. Desceram três subsolos, com aquele louco destruindo tudo à sua volta, até que chegaram ao ponto onde iriam descer e seguir a pé. Nate desceu, Erik também. Arrastou Sophia para fora do carro. Erik então falou:

“Largue ela, Nate! O que você quer fazer? Levá-la junto? Daqui pra frente não há mais necessidade. Você já está a salvo. Ela já fez sua parte.”

“Você ainda a protege? Realmente você virou um babaca, não é Erik? Vai me dizer agora que não vem comigo? Nossos contatos já estão aguardando a duzentos metros daqui. É a nossa saída. Vamos!”

Sophia, vendo que a situação estava ficando extremamente tensa e temendo uma reação explosiva de Nate, que carregava sua arma em mãos, disse:

“Erik, vá com Nate. Você não tem nada a fazer aqui.”

“Não! Eu não quero fugir. Está tudo perdido, Nate! Será que você não percebe? Vão nos achar!”

“Covarde! Você é um covarde, Erik!”

Nate estava transtornado. Com um olhar insano, ele apontou a arma para Sophia e disse:

“Se você não vem, também não vai ficar com ela. Sua brincadeira de casinha acaba aqui!”

Vendo o que ia acontecer, Erik avançou em direção a Nate, evitando que o disparo atingisse Sophia. O tiro foi para o teto e fez um estrondo enorme no salão. Sophia correu para trás de um carro, enquanto os dois se debatiam no chão.

Nesse momento, os primeiros policiais surgiram no local dando ordem para que parassem, que não havia mais o que fazer. Mas mesmo assim, a briga continuou até que Nate conseguiu mirar a arma na cabeça de Erik. Sophia não podia acreditar naquilo. Erik estava na linha de fogo.

“Se vocês chegarem perto eu atiro!” Nate disse carregando Erik como um escudo em direção à porta que o levaria para sua fuga, enquanto os policiais se colocavam em posição de disparo. Alguém ia morrer. Nate ia morrer. Erik ia morrer.

O som ecoou mais uma vez na garagem gelada e escura. Por um segundo, ela não sabia o que acontecera. O mundo congelou por alguns instantes. Em seguida ela viu os dois homens desabarem no chão e os policiais correrem até eles. Ela não sabia distinguir qual era o veredicto final.

Mais um segundo se passou até que ela ouviu seu nome:

“Sophia! Sophia!”

Erik a chamava. Ela correu até à cena. Ele estava no chão ainda, com sangue em suas roupas, mas estava vivo! Nate, por sua vez, havia tomado um tiro certeiro em sua cabeça.

Os policiais invadiram a porta que dava acesso aos subsolos obscuros para tentarem capturar mais cúmplices enquanto Sophia sentava-se no chão ao lado de Erik. Ela pediu à polícia que liberasse suas mãos da fita adesiva que Nate havia usado para imobilizá-la, pois ainda havia algo que ela precisava fazer.

“Me desculpe. Eu sei que não vai acreditar, mas eu realmente te amo. Sei que vou ter que pagar por tudo que fiz, mas saiba que nunca tive a intenção de te fazer mal. Me perdoe.”

“Erik, você foi um sonho bom em minha vida. É só o que posso dizer agora. Boa sorte,” disse ela tirando o anel que ele havia lhe dado e colocando-o em suas mãos antes de partir.

## Capítulo XLVI

### Queima das Bruxas

Eram oito da noite e todos estavam sentados nos jardins do castelo Frederiksborg, em Hillerod, a cerca de quarenta quilômetros de Copenhague. Esse é o maior palácio da Escandinávia, construído por Christian IV no século XVII. Ocupa três pequenas ilhotas, e possui uma série de jardins deslumbrantes. Seus telhados esverdeados e tijolos vermelhos refletem imagens de contos de fadas nos lagos à sua volta. Enfim, um lugar especial.

A bela noite de junho era uma data muito comemorada. Uma tradição dos dinamarqueses. A noite da Queima das Bruxas. Essa festa acontecia desde os tempos dos vikings, uma noite mágica, onde energias do bem e do mal se fazem presentes. As pessoas fazem piqueniques, ficam com a família e às dez da noite pontualmente, assistem ao acender de uma fogueira com uma bruxa de palha em cima, queimando todas as coisas ruins, afastando os maus espíritos e trazendo proteção a todos.

Em Frederiksborg, a imensa fogueira estava montada dentro do lago, com sua bruxa no topo. Sophia estava sentada na grama, com seus amigos, num piquenique mais que feliz. Junto dela, sua mãe, que havia cumprido a promessa e viera visitá-la. Chegara há cerca de três semanas, alguns dias após Sophia retornar de sua viagem às demais cidades de seu treinamento. A presença dela naquele momento foi muito boa para a filha, que apesar de tudo e da força que arrancara do fundo da alma para enfrentar tudo que ocorrera em Londres, estava bastante fragilizada com a rede de intrigas, farsas e mentiras em que se envolvera.

Deixara Londres para trás com uma sensação de perda. Perdera muito de si mesma naquela cidade. Sentira-se usada, traída, exposta. Sua essência feliz e iluminada fora colocada à prova. Vira seu namorado ser preso. Seu falso amigo traí-la e morrer em sua frente. Isso não era para qualquer um. Ms. Wilkinson estivera com ela mais duas vezes, nas quais Sophia dera depoimentos sobre as gravações e tudo que presenciou naquela tarde fatídica. A imprensa estava ávida por detalhes e ela foi sondada por vários meios de comunicação para dar entrevistas. Como boa aspirante a grande Relações Públicas da empresa, ficara em silêncio. Não havia nada a declarar. Os fatos falam por si e a parte que cabia a ela seria somente especulações sobre escândalos relativos a seu envolvimento com Erik e o furo de reportagem que uma declaração sua seria. Ela não disse nada.

Quanto a Erik, estava preso em Londres, e já se sabia que junto com Nate construía o esquema milionário desviando dinheiro da empresa, usando instalações, corrompendo executivos e cientistas. A quadrilha era grandiosa. Em Londres estava seu cliente final, a que Nate havia se referido naquela tarde. Algum mercenário do mundo do narcotráfico que ainda não haviam conseguido identificar. Em Copenhague, na sede da empresa, as coisas haviam se acalmado. Katrine não era mais uma suspeita e nem fazia parte do esquema. Coitada dela, foi levada pela enxurrada de acontecimentos, mas ao final

estava livre.

A volta para Copenhague foi estranha para Sophia. Sentia-se um pouco deslocada. Como aquela que todos apontam por ter alguma revelação indiscreta exposta por algum amigo no colégio. Parecia sofrer um bullying velado. Quando todos retornaram dos treinamentos no exterior, tiveram uma reunião com o presidente da empresa que os direcionou sobre o que houvera, onde estavam e aonde queriam chegar sobre aquele assunto. O grupo de Sophia e Diana estava tendo acompanhamento psicológico inclusive, pois fora testemunha direta de toda a queda do esquema criminoso durante sua estada em Londres. Eles estavam bem assessorados. Mas ela não tinha certeza sobre o que seria depois do fim daquele programa. Ela e Lukas haviam se falado por várias vezes. Ela sentia nele uma segurança que perdera havia tempo. Conversavam bastante e isso a ajudava muito. Quando pensava em Erik e sua declaração de que a amava ao lado do amante morto, ficava ao mesmo tempo confusa e incrédula. Ele talvez a amasse mesmo, mas tudo aquilo fora demais pra ela. Em suas sessões de terapia, o assunto era recorrente, assim como sua relação com Lukas e sua trajetória profissional dali pra frente.

Diana, apesar de sua aura sempre alegre e feliz, achara tudo aquilo uma loucura e sofrera com as revelações. Ela não podia acreditar que Nate, que a beijara até e por quem tinha um carinho especial pudesse ser tão desequilibrado. Ao receber a gravação naquele dia fatídico, passara mal na Bolsa de Londres. Pelas revelações que escutara e por não saber o que aconteceria com sua amiga depois daquilo. Também se sentia culpada por ajudar Erik a conquistar Sophia, que agora sofria por tudo que ele havia representado e ocasionado em sua vida. Era difícil para ela trabalhar essas situações em sua mente.

Mas a hora estava chegando. Cinco minutos para a fogueira arder e as energias negativas sumirem de vista. Sophia, sua mãe, Diana, os amigos Matt, Alex e os outros do grupo que partiram com ela de seu país meses atrás estavam juntos ali. Sophia segurou a mão de sua mãe e a de Diana e, uma a uma, todas as mãos foram se entrelaçando. Naquele momento, Sophia teve vontade de dizer algo:

“Amigos, mãe, que nossos maiores medos e tristezas sejam queimados junto com essa fogueira neste dia especial. Que nossas vidas mantenham a chama acesa que ilumina nossos corações e que as melhores coisas e pessoas sejam atraídas por ela. Que os que se encontram na escuridão, encontrem a luz. Não temos nada a temer. Daqui em diante, somos força e coragem novamente!”

A fogueira acesa ao longe era magnífica. Fogos de artifício no céu e alegria na terra. Todos se abraçaram e combinaram que ali se iniciava um novo ano, adiantado é verdade, mas tinha que ser assim.

## Capítulo XLVII

### Despedida

Os meses seguintes passaram rapidamente. As novas tarefas no treinamento e o desenvolvimento de um projeto intensificaram as horas de dedicação, fazendo com que Sophia, Diana e todos os outros tivessem menos tempo para pensar sobre o que viveram nos meses anteriores. O verão passou, lindo e ensolarado, com muitas atividades e passeios externos. Muitas idas aos bares, cafés e restaurantes coloridos do canal mais famoso de Copenhague, o Nyhavn. O outono chegou, trazendo com ele a brisa fria novamente e a certeza de que a volta para casa estava próxima. Sophia sentia falta de sua família, morria de saudades dos irmãos, do sobrinho. Logo estaria com eles.

Na última semana de treinamento, no início de dezembro, fez a apresentação de seu projeto e passou com mérito, encerrando seu programa da melhor maneira possível. As aulas de dinamarquês encerraram-se uma semana antes. Ela conseguia compreender muito agora, lia textos, assistia à televisão, conversava com vendedores nas ruas. Tinha sido um grande êxito em seu histórico de novas línguas e um grande desafio, com certeza. Não havia terminado de ler o livro, mas estava nos capítulos finais. Após ter sua família dizimada, esconder sua identidade, lutar em guerras, nossa heroína parecia chegar a um tempo de paz. Sobrevivera e era isso que importava naquela época. Retornara à sua terra, reencontrara um amor de infância e tudo indicava que teria uma vida plena e feliz com o amado. Era uma questão de tempo para Sophia descobrir.

Naquela semana, foi chamada à presidência. Achou estranho, pois nunca fora chamada por aquele departamento. O que será que queriam com ela?

Chegou à antessala, onde uma linda secretária imponente com um visual impecável recebia os visitantes. Quando chegou, a moça lhe disse:

“Olá, Sophia, como vai? O presidente já irá recebê-la.”

“Ok. Obrigada.”

Sentou-se e aguardou ser chamada, o que aconteceu em menos de cinco minutos. Quando entrou na sala o presidente lhe falou:

“Sophia, como você está?”

“Estou bem, obrigada. Muito feliz de ter participado deste programa na Søstjerner Holding, senhor.”

“Que bom! Fico feliz que apesar de tudo que aconteceu, você esteja satisfeita com o resultado final. Nós estamos muito confiantes em você e queremos realmente que você tenha um futuro brilhante junto à nossa empresa. Agradecemos a você pela confiança que depositou em nossa instituição mesmo após tantos percalços. Com certeza você é uma vencedora.”

Ela não sabia onde ele queria chegar, mas logo entraria no assunto principal, qualquer que fosse ele.

“Muito obrigada. Eu espero poder fazer um bom trabalho na volta para casa.”

“Com certeza fará. Olhe, tenho algo para lhe entregar. Infelizmente não posso simplesmente esquecer isso e ocultar de você porque não tenho esse direito, apesar de achar que talvez isso possa lhe trazer más recordações.”

Pegou um envelope em sua mesa e colocou à frente dela.

“Estive em Londres para fazer um depoimento sobre o caso. Foi-me concedida a oportunidade de marcar uma conversa com Erik na prisão. Eu queria ouvir algumas explicações ditas por ele mesmo, para tentar entender o que aconteceu com um homem tão íntegro e dedicado. O que fez ele mudar completamente seu foco de vida.”

Sophia estava um pouco incomodada com o assunto e começava a suar frio.

“Pois bem. Digo que não tenho uma opinião final formada sobre o assunto. Saí de lá sem respostas, mas ele me pediu um favor. Pediu para lhe entregar esta carta. Desculpe-me se isso te incomoda, mas eu não posso deixar de fazê-lo. Aqui está e faça o que achar melhor com ela. Eu espero realmente que você tenha uma vida plena e feliz e que este tempo conosco seja fonte de boas recordações, apesar de tudo.”

“Obrigada. Eu realmente levarei boas lembranças. As más, eu pretendo esquecer e acho que já tive um pouco de sucesso nisso.”

Eles se despediram e ela saiu da sala com o envelope nas mãos. Ela não sabia o que fazer exatamente. Se voltava para sua mesa, se ia para casa, se abria a carta, se a queimava, se, se e se...

Resolveu descer até a entrada do edifício. Lá mesmo onde ela concluía que se encontravam os espelhos de que a cartomante havia falado. Não havia melhor lugar para ler uma carta de Erik do que o Portal das Mentiras. Era assim que ela imaginava os jardins depois dos acontecimentos e até ria disso. Sentou-se em um banco, pegou o envelope em suas mãos. Olhou contra o sol. Não havia mais que uma folha lá dentro. Abriu. Estava escrito em dinamarquês.

*“Sophia,  
Poderia escrever páginas e páginas tentando me desculpar, explicar o que fiz, pedir seu perdão, dizer que a amei, mas prefiro dizer-lhe somente uma coisa, que você já deve ter aprendido em um ano na Dinamarca. Assim como a palavra SAUDADES, em sua terra natal não tem uma tradução certa e é preciso vivê-la para entendê-la, temos nossa palavra HYGGE. Uma explicação para ela poderia ser aquilo que lhe traz conforto, bem estar, prazer visual e sensorial. Uma companhia, uma vela acesa, um copo de vinho e um edredom pode traduzir visualmente o significado dessa palavra. Você foi tudo isso pra mim. Você me trouxe esse conforto, esse bem estar e por isso eu te agradeço. Não sei quanto tempo ficarei aqui e se um dia sairei. Você viverá sua vida e será feliz, tenho certeza. Eu te agradeço por deixar essa chama acesa dentro de mim e enquanto ela queimar, terei a esperança de ser capaz de me redimir do mal que fiz. Te amei verdadeiramente.”*

Suas mãos tremiam quando terminou de ler o bilhete. De seus olhos caíam lágrimas que carregavam uma tristeza grande. Ela sentia por ele ser o que era. Tinha gostado dele realmente, mas sua vida deveria seguir. Ele, de certa maneira, a estava liberando dessa culpa que ela sentia. Ela sabia que não podia fazer

nada, mas sentia certo mal estar por aquele homem com quem tivera momentos felizes estar confinado em uma prisão. Suas palavras tiraram um peso de sua alma, deixando-a mais tranquila e sabendo que a vida é feita de momentos bons. Não há como ter felicidade vinte e quatro horas por dia, mas ela faria o possível para ter o maior número de horas bem vividas que Deus lhe permitisse. Estava obstinada a buscar sua felicidade.

## Capítulo XLVIII

### Felicidade

O mar sempre lhe fez bem. Desde pequena, gostava de brincar em suas águas rasas, construir castelos de areia, caminhar molhando os pés, ou simplesmente sentar por horas em frente a ele, sentindo a brisa fresca que balançava seus cabelos.

Aquele lugar em especial, lhe trazia boas recordações dos tempos de criança, com os pais e os irmãos. Costumavam ir para lá nos finais de semana e às vezes passavam o Ano Novo à beira mar, com brindes à meia noite, simpatias para o novo Ano e viam o dia clarear no horizonte, iluminando os morros e a baía à sua frente. Havia sido muito feliz ali e ainda o era. Estava de volta à casa e estava ali com a família para começar uma nova etapa no ano que se iniciaria à meia noite.

Diana estava lá. Tinham se tornado amigas inseparáveis e seriam assim por toda a vida. A vibração pesada de Diana tinha se esvaído e ela estava alegre e feliz novamente. Já estava de olho num primo de Sophia que passaria a festa com eles. Essa era Diana. Alegre, descomplicada, feliz.

Estavam de férias e retornariam à empresa em janeiro, com novos cargos. A vida profissional estava indo no sentido que elas desejavam. Tudo daria certo.

“Sophia! Sophia!” sua mãe a chamou.

“Sim, mãe. Estou aqui.”

“Você pode me fazer um favor? Vá buscar o peixe que encomendei com o João pescador lá na praia? Ele deve estar voltando da pesca agora.”

“Claro. Já estou indo. Vamos, Diana?”

“Preciso lavar os cabelos amiga. Sabe que vou demorar a ficar pronta e impressionar seu priminho, né?”

“Sei! Pode deixar. Vou sozinha.”

Os fundos da casa davam diretamente na areia, então seu trabalho era seguir por cerca de duzentos metros de praia até onde os pescadores atracavam e pegar o peixe para a ceia. Chegou à praia, tirou os chinelos e começou a caminhar. Não havia andado mais do que quinze metros quando teve uma grande surpresa.

“Oi!”

“O que? Mas... Isso é uma armação com minha mãe?”

“Claro que é!”

“O que você está fazendo aqui, Lukas? Não ia passar as festas em Nova Iorque?”

“Não! E só passarei de novo, se você estiver junto.”

“O que você quer dizer?”

“Quero dizer que estou voltando pra cá, não tenho mais nada com Céline, e que se você me aceitar, quero ser parte de sua vida para todo o sempre. Se não aceitar, eu morro. Eu te amo muito! Casa comigo?”

Ele se ajoelhou em frente a ela na areia, com um anel em suas mãos.

“E digo mais, se achar que estou mentindo, deixo você ler a minha mente. Pode começar!”

“Seu bobo! Eu aceito! Eu te amo! Eu caso! Caso! Caso!” ela começou a gritar e agarrou Lukas caindo na areia.

Ouviu um monte de gritos e palmas. Quando deu conta, a plateia estava montada. A família toda estava bem atrás deles. Tudo tinha sido um plano bem estruturado.

“Ai que vergonha!” Sophia riu.

*“A natureza nos mostra todo dia a perfeição! Um cristal de gelo possui a mais linda complexidade em uma estrutura única e efêmera! Assim como ele, somos estruturas únicas e de certa forma, também efêmeras. Você é singular e sua passagem por esta dimensão é momentânea. É difícil, mas faça um grande esforço para passar por ela de forma sutil, porém marcante. De forma singela, porém memorável. Seja lembrada por boas atitudes, cooperação, apoio, educação, alegria, sinceridade, carinho. Assim como o cristal, reflita a luz do sol todos os dias, ilumine o ambiente por onde passar e agradeça a oportunidade de poder estar entre os que lhe são caros, por estar vivo e vibrante. Afinal, diferentemente do gelo, você continuará sua jornada por uma vida inteira, enquanto ele se extinguirá numa belíssima manhã aquecida...”*

No dia seguinte, lendo este último parágrafo, ela encerrou o livro naquela língua estranha que passou a compreender e admirar. E nunca imaginou que naquelas palavras, estaria contida sua trajetória de maneira tão clara e resumida. Queria ser daquele jeito e acreditava que tinha feito todo o possível para manter-se sã e equilibrada, apesar de tudo que passara, e que talvez, à sua maneira, tivesse conseguido realmente acender pequenas chamas de amor e bondade à sua volta. Estava feliz. Feliz com o rumo de sua vida e seu futuro. Não havia dúvidas que tinha se transformado em uma mulher forte e destemida. Muito diferente de como havia chegado até ali. E agora, seguiria firme a alegria em seu coração.

Ao longe, podia vê-lo caminhando em sua direção. Seria tudo real? Sim. Era realidade. Não havia como escapar disso. Ele chegou e a beijou e ela olhou em seus olhos profundamente e disse:

“Para sempre me parece pouco! Para a eternidade então, se isso significar mais tempo!”

Ele pegou sua mão e caminharam em direção ao mar. Dentro d’água, ele tocou o colo de seu peito e falou:

“Seu pingente sumiu. Seu cristal de gelo se foi, como se tivesse derretido nas águas quentes de verão.”

“Ele se foi porque não é mais necessário. Você é minha proteção agora. Sempre foi e sempre será.”

Ela havia acordado a seu lado naquela manhã e não restavam dúvidas que era o homem com quem iria envelhecer. O Universo conspirara para esse desfecho, de forma estranha talvez, mas como saber o que ele nos reserva em nossa jornada antes de sossegaros nossa alma junto à de outro alguém? Felizmente,

aquelas duas almas eram uma só a partir de agora, eternamente.

\*\*\*

# PERIGOSAS - SIMI - Apollymi

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Capítulo XIII

Capítulo XIV

Capítulo XV

Capítulo XVI

Capítulo XVII

Capítulo XVIII

Capítulo XIX

Capítulo XX

Capítulo XXI

Capítulo XXII

Capítulo XXIII

Capítulo XXIV

Capítulo XXV

Capítulo XXVI

Capítulo XXVII

Capítulo XXVIII

Capítulo XXIX

Capítulo XXX

Capítulo XXXI

Capítulo XXXII

Capítulo XXXIII

Capítulo XXXIV

Capítulo XXXV

Capítulo XXXVI

Capítulo XXXVII

Capítulo XXXVIII

Capítulo XXXIX

Capítulo XL

Capítulo XLI

Capítulo XLII

Capítulo XLIII

Capítulo XLIV

Capítulo XLV

Capítulo XLVI

Capítulo XLVII

Capítulo XLVIII